

O BRASIL AGRÍCOLA

SETEMBRO/2008 - Nº 717 - ANO 64 - R\$ 9,80 - www.agranja.com

agranja

desde
1945



Safra 2008/2009

De olho nos

CUSTOS

MILHO

A primeira safra transgênica

CADERNO CANA

Operador capacitado rende mais

ANÚNCIO

16 **REPORTAGEM DE CAPA**

Safrá 2008/2009: os custos preocupam demais



24 **MILHO**
Chegaram os híbridos geneticamente modificados



28 **ALGODÃO**
Metade das lavouras transgênicas

30 **MECANIZAÇÃO**
Familiares apostam no "Mais Alimento"

Embrapa Trigo

34 **SEMEADURA**
Para terminar bem, é preciso começar certo

38 **TRIGO**
Sem sanidade não tem produtividade

42 **BIOCOMBUSTÍVEIS**
A Europa pensa sério na certificação

46 **INPEV**
Campo Limpo é exemplo internacional

SEÇÕES

4 **O SEGREDO DE QUEM FAZ**

João Carlos Jacobsen Rodrigues, presidente da Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa)

82 **PONTO DE VISTA**

Luis Sergio Machado, superintendente da Área da Agricultura Familiar e Programas de Crédito Fundiário do Banco do Nordeste

- | | |
|---------------------------------|--|
| 8 Vitrine | 57 Plantio Direto |
| 10 Primeira Mão | 60 Agribusiness |
| 12 Aqui Está a Solução | 64 Flash |
| 14 Cartas, Fax, E-mails | 66 Biodiesel |
| 15 Na Hora H | 68 Novidades no Mercado |
| 52 Agricultura Familiar | 70 Escolha seu Trator e sua Colheitadeira |
| 54 Eduardo Almeida Reis | |
| 56 Notícias da Argentina | 76 Agroguia |

CADERNO CANA

47 **CAPACITAÇÃO**
Mão-de-obra tem que ser treinada

50 **INVASORAS**
As daninhas que infernizam a colheita



ALGODÃO: SÓ A



Divulgação

*O algodão há muito se constituiu na cultura do alto investimento. A herbácea exige altos empenhos (leia-se gastos) em tecnologia para ser gerada. E agora, na era dos custos de produção recordes, mais do que nunca produzir muito com cada vez menos é a única fórmula para se atingir a rentabilidade. "Os produtores que conseguem superar as crises são aqueles que têm altíssimas produtividades", prega **João Carlos Jacobsen Rodrigues**, 50 anos, que acaba de assumir pela terceira vez a Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), após um mandato à frente da Abrapa, a entidade nacional.*

EFICIÊNCIA SALVA

Leandro Mariani Mittmann
leandro@granja.com

A Granja — Com a colheita no fim, como está a rentabilidade do produtor de algodão associado à Abapa?

João Carlos Jacobsen Rodrigues — Está baixa. Nós vamos ter a melhor média histórica de produtividade da Bahia, mas mesmo assim a rentabilidade é muito baixa. Temos dificuldades em cobrir todos os custos. Não existe margem (*de lucro*) com este algodão posto no porto. A conta não fecha.

A Granja — Por que não fecha a conta? O problema são os custos?

Jacobsen — Da safra passada para esta o custo está em torno de US\$ 2.300 ao hectare. Em reais, dá 3.680. Ao realizar todas as despesas, com frete e beneficiamento, fica em torno dos R\$ 4 mil. Pior do que isso: existem muitas vendas sobre contratos do ano passado e que estão sendo cumpridos agora, que levaram o nosso caixa para baixo. Os contratos foram feitos a 60, 70 centavos de dólar à libra-peso, valor que cobria o custo de produção. Com a queda do dólar, hoje eles não cobrem mais. Então, este é um dos grandes complicadores do processo produtivo. Mas a salvação é que o Governo percebeu a dificuldade que o setor de algodão vinha enfrentando e lançou um programa de apoio à comercialização por meio do Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro) e com este está equalizando os preços de 60% da produção (para 780 mil toneladas). Com isso o produtor está conseguindo ter uma sobrevida. A sobrevivência do produtor está fundamentalmente em cima do apoio à comercialização. A equalização foi muito importante. Ou os produtores de algodão não teriam como cobrir os custos de produção.

A Granja — Há informações de que muitos produtores “travaram” o preço com o dólar a R\$ 2 e a R\$ 2,10. Por que um mecanismo como

este não é empreendido por mais produtores? Por que não existe a “cultura do hedge”?

Jacobsen — Na verdade, não são muitos. Alguns grandes produtores têm apoio de uma infra-estrutura de diretoria ou gerência de comercialização ou financeira, pessoas especializadas. O produtor, de maneira geral, não possui este conhecimento e também tem uma série de preocupações e restrições. Até porque viemos de uma história em que o dólar sempre era altista. Mesmo durante alguns anos esta tendência de baixa, em toda a safra o produtor fica imaginando que já chegamos ao fundo do poço e que ele poderá ter um ganho cambial. E isso não tem se realizado. O produtor ainda tem muito medo em “travar” o dólar. Uma das idéias que temos sugerido às instituições financeiras é de que ofereçam este tipo de produto, porque todos os bancos têm como “travar” dólar, contrato de opção e outros produtos de suporte e apoio ao produtor. Mas, infelizmente, é uma questão cultural do produtor não “travar” a moeda. E isso acaba se refletindo depois nas dificuldades que enfrentamos. O que tem ocorrido é o produtor “travar” os insumos. A troca do produto por insumos é bem acentuada. O nosso *hedge* mais comum é este e não a “trava” comercial no banco.

A Granja — O associado da Abapa vai aumentar a área de algodão ou diminuí-la?

Jacobsen — Na Abapa devemos permanecer com a mesma área. Há produtores que devem reduzir ou mesmo se retirar (*da cotonicultura*). Mas tivemos a entrada de grandes grupos nacionais e internacionais, que estão compensando a saída dos produtores. O que está acontecendo na Bahia é excepcional em relação aos demais Estados.

A Granja — E o senhor vai ampliar a área do algodão?

Jacobsen — Estou reduzindo um

pouquinho, em 5%, para adequação de rotação. De 6.650 hectares para 6.500.

A Granja — Na Bahia também está havendo migração para milho e soja, como no Mato Grosso?

Jacobsen — Não. Está estabilizado. Apenas nas áreas de rotação. Até porque a rentabilidade da soja também não é boa. Com os preços dos fertilizantes, nenhuma cultura remunera muito bem.

A Granja — O endividamento atinge também o cotonicultor baiano?

Jacobsen — O endividamento já é recorrente de alguns anos. Existem resquícios de dívidas de planos passados. A dificuldade mais recente decorre dos financiamentos em reais de equipamentos importados ou comprados com o dólar na faixa dos R\$ 3. Estes equipamentos ficaram muito caros e, como sempre, houve um descasamento da moeda. As parcelas ficaram muito altas. Este é um problema sério do endividamento do produtor. Mas ainda administrável. Com as medidas que estão sendo tomadas, teremos os problemas daqui resolvidos. Outro ponto do endividamento são as dívidas de Pesa, securitizações, feitas no passado inchadas de juros e outros planos. É uma questão histórica que finalmente parece que, com os descontos oferecidos e com o remanejamento destas dívidas, conseguiremos resolver em definitivo. Mas o grande problema do endividamento, tanto da Bahia como do restante do Brasil, começa na hora do plantio de uma safra sem remuneração. Muitas vezes o produtor sabe que não vai ter uma boa remuneração, que vai contrair um risco altíssimo. No caso de qualquer queda de produtividade, faltará dinheiro para pagar as contas. Mas ele é obrigado a entrar e fazer a safra porque não pode parar. Se parar, se inviabiliza e não consegue mais produzir. Com isso, ele cria o passivo. O que falta? Achamos que poderia haver uma política mais inten-

O grande problema do endividamento, tanto da Bahia como do restante do Brasil, começa no plantio de uma safra sem remuneração

siva. Falta um sistema de proteção como o seguro agrícola e de comercialização, onde o produtor se sinta realmente protegido, e a qualquer dificuldade climática que houver ele não tenha que recorrer a pedido de prorrogação. É preciso que se crie um mecanismo de proteção da renda do produtor. E não simplesmente os seguros que estão sendo oferecidos e até obrigatórios agora, que contêm uma taxa caríssima para cobrir menos de 50% da média da região. Este seguro só atende a seguradora, não ao segurado. O dia que tivermos uma política que projeta a renda do produtor, o Governo não vai mais precisar promover prorrogações, programas emergenciais como os que existem atualmente. Esta é a política que gostaríamos de ver implementada. E não se cria de um ano para outro. É de longo prazo.

A Granja — Em tempos de insu- mos nas alturas, o produtor baiano fala em reduzir a utilização de fertilizantes? Não comprometeria a produtividade?

Jacobsen — Esta é uma realidade. Existem dois pensamentos entre os produtores: aqueles que pensam em reduzir custos e para isso muitas vezes acabam diminuindo a adubação, o que de nosso ponto de vista é um erro; e tem o produtor que tecnicamente está consciente de que a redução de custo deve ser feita pela otimização do uso dos insumos. Como seria isso? Não é reduzir o adubo ou qualquer outro produto. Há talhões com diferentes necessidades, e muitas vezes o produtor ao longo da história nivela tudo por cima, pela maior necessidade. Neste ano o

que a gente vê é uma preocupação gigantesca do produtor em otimizar tanto a utilização do maquinário quanto dos insumos. Fazer com que todas as aplicações sejam exatas, com que o uso de fertilizantes para cada área seja de acordo. Se forem necessários 250 quilos de fertilizante, aplicar 250 quilos; se for 240 quilos, aplicar 240. Não se tem margem para jogar 250 quilos onde deveria ser 240. São situações que vínhamos fazendo no atacado, e agora está sendo olhado no varejo. Usar apenas aquilo que é necessário, e tudo na maior das racionalizações, porque redução de custos e correção de produtividades não refletem em aumento de renda, mas, muitas vezes, em queda de renda. O produtor tem que estar muito atento a isso.

A Granja — E o que o senhor diria ao produtor de algodão a dois meses do plantio do algodão da safra 2008/2009?

Jacobsen — O importante a dizer ao produtor é que é preciso neste momento prestar muita atenção no que está sendo feito. Usar todos os mecanismos de proteção existentes, tanto para comercialização como cambiais. E estar atento a todos os serviços feitos, porque a única maneira ao nosso alcance de superar uma crise destas é pela produtividade. Este é o exemplo que, historicamente, tem acontecido em todas as regiões do Brasil: os produtores que conseguem superar as crises são aqueles que têm altíssimas produtividades.

A Granja — A saída é a produtividade...

Jacobsen — A saída é a produtividade... sabemos que estamos quase exauridos de aumento de produtividades, mas existem produtores com produtividade bem acima da média nacional. É preciso que se trabalhe muito para ficar acima desta média para poder superar a crise. Não temos outros mecanismos de proteção. A grande proteção nossa seria não plantar, mas infelizmente a situação não permite isso. Reduzir drasticamente a produção e, com o aumento de preços no mercado nacional e internacional, receberíamos a compensação. Mas não é assim que funciona.

A Granja — Outra questão que atrapalha o produtor de algodão vem de longe. Os americanos chegaram

a ser condenados na OMC, mas não seguiram as determinações de reduzir os subsídios. Como o setor do algodão no Brasil encara tudo isso?

Jacobsen — O que estamos pedindo é que, se tivermos que optar pela retaliação, o Governo trate a retaliação em favor dos produtores de algodão e não em outras áreas. Muitas vezes a compensação ocorre no aço ou em outro segmento qualquer. Este tem sido o nosso pedido e tem sido o compromisso do Governo. E nós lamentamos muito que o governo americano, com todas as dificuldades que vem enfrentando, esteja perdendo a oportunidade de fazer um programa de redução nos subsídios. Nunca pensamos que poderia ser algo feito de forma abrupta, como foi no Brasil, mas um programa de redução de subsídios de dez anos. Um percentual eliminado a cada ano. Mas o exemplo a ser seguido é de quão forte é a agricultura americana perante o governo, porque lá eles (*produtores*) têm uma representatividade no Congresso Nacional muito forte. E aí há resistências para reduzir estes subsídios. Mas esperamos que o Governo brasileiro seja firme nessa posição. Até porque a própria OMC, se não conseguir resolver o imbróglio, será desmoralizada no mercado internacional. De que adianta ter um mecanismo internacional se só funciona contra os pequenos? Quando um grande descumpra descarada e escandalosamente as regras nada acontece porque são mais fortes? E sabemos que há outro complicador: o desdobramento de uma ação destas se refletiria nos subsídios europeus. Então, quem poderia ser nosso aliado não é porque também tem interesse em manter os subsídios. 

Há produtores que pensam em reduzir custos e para isso muitas vezes acabam diminuindo a adubação, o que de nosso ponto de vista é um erro

ANÚNCIO



Diretor-Presidente
Hugo Hoffmann



MATRIZ

Av. Getúlio Vargas, 1.526 - Menino Deus
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Home page: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473 - 10º andar
CEP 01045-001 - São Paulo/SP
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686
E-mail: mailsp@agranja.com
Home page: www.agranja.com

DIREÇÃO EXECUTIVA

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO

Editor

Leandro Mariani Mittmann

Reportagem

Denise Saueressig

Editoração

Jair Marmet, Gustavo Meneghetti e Gerson Doval Raugust

Produção da Capa

Gustavo Meneghetti

Revisão

Jorge Sant'Ana

Estagiários

Bruno Pacheco e Bernardo Taborda Pacheco

ASSINATURAS

Gerente de Operações

Amália Severino Bueno

Gerente de RH

Fabrizio dos Santos

Circulação

Jorge Luis Oliveira Ribeiro

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo - José Geraldo Silvani Caetano (gerente) e Rodrigo Martelletti (contato)

Porto Alegre - Maria Cristina Centeno

(gerente RS/SC)

AgroGuia - Kátia Torres

REPRESENTANTES

Minas Gerais - José Maria Neves

Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222

conj. 105 - Luxemburgo - CEP 30380-530

Belo Horizonte/MG - fone/fax: (31)

3297-8194 - fone: (31) 3344-9100

celular: (31) 9993-0066

e-mail: josemarianeves@uol.com.br

Brasília - Armazém de Comunicação, Publicidade e

Representações Ltda.

SCS - Quadra 1 - Bloco K - Ed. Denasa

13º andar - sala 1.301 - CEP 70398-900

Brasília/DF - fone/fax: (61) 3321-3440

celular: (61) 9618-1134 - e-mail:

armazem@armazemdecomunicacao.com.br

Convênio Editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob

nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade,

Correspondência e Distribuição:

Av. Getúlio Vargas, 1.526 - Menino Deus

CEP 90150-004 - Porto Alegre/RS

Fone/Fax: (51) 3233-1822

Exemplar atrasado: R\$ 13,00

UM OLHO NA PLANTADEIRA, OUTRO NOS CUSTOS

Todos os plantios se parecem iguais. Apenas parecem. O processo mecânico de despejo da semente ao solo pode até ser repetitivo, mas as circunstâncias que cercam cada semeadura costumam ter suas peculiaridades. E o plantio da safra 2008/2009 tem uma característica dominante, nas diferentes regiões do país, com todas as culturas comerciais: a preocupação do produtor com custo de produção. Não que nas safras passadas os gastos para começar e terminar a safra não estivessem na ordem do dia, mas especificamente nesta o desembolso para adquirir sementes, fertilizantes, defensivos, diesel e outros insumos é o assunto dominante em rodas de conversa de produtores, nas exaustivas reuniões de dirigentes classistas, nas abordagens da imprensa sobre a safra de verão. A verdade é que nunca esteve tão caro produzir no campo. É o que a reportagem de capa desta edição apurou.

O plantio, mas especificamente a correta e adequada forma de realizar a semeadura, é tema de artigo desta edição, um esclarecedor texto da Embrapa Trigo. E como esclarecer novidades é a

nossa missão, duas outras reportagens clareiam o que será a safra de verão de algodão e milho com cultivares geneticamente modificadas. Afinal, vai ser a primeira safra de milho com híbridos transgênicos no Brasil. Já a de algodão GM deverá ocupar metade das lavouras brasileiras.

O que se imagina que vá tomar as lavouras brasileiras são as máquinas e equipamentos cuja compra agora é facilitada pelo Programa Mais Alimentos, do Governo Federal. A proposta é bem objetiva: mecanizar a lida do agricultor familiar. Quem também exige atenção é o trabalhador do campo, e a capacitação dos operadores das milionárias máquinas da cana também recebeu a devida atenção no Caderno Cana.

E acabou a expectativa. Já está circulando a 23ª edição d'**A Granja do Ano**, o mais esperado anuário do agronegócio brasileiro. São 220 páginas com tudo o que você quer e precisa saber sobre a agricultura, além do mais completo guia de endereços de produtos e serviços.

Garanta o seu, boa consulta e boa leitura!



Divulgação

Para assinar: (51) 3232-2288

ANÚNCIO

408

é o número de fábricas do setor sucroalcooleiro espalhadas por 21 Estados brasileiros, segundo levantamento do Ministério da Agricultura. Destas, 254 são mistas (fazem açúcar e etanol), 139 são produtoras exclusivas de etanol e 15 fazem apenas açúcar.

Estado	Nº Usinas
São Paulo	193
Minas Gerais	33
Paraná	33
Goiás	27
Alagoas	25
Pernambuco	25
Mato Grosso do Sul	13
Mato Grosso	11
Paraíba	9
Rio de Janeiro	7

Nas mãos da **TECNOLOGIA**

As perdas brasileiras na produção de grãos causadas pelas mudanças climáticas poderão chegar a R\$ 7,4 bilhões em 2020, dobrando para R\$ 14 bilhões em 2070, conforme o estudo "Aquecimento Global e Cenários Futuros da Agricultura Brasileira", elaborado por Unicamp e Embrapa. Mas os avanços tecnológicos podem minimizar as perdas, visto que um pequeno aumento da área de cultivo e uma grande elevação da produtividade compensariam as perdas.

US\$2,6 bilhões

Deverá ser a receita das vendas externas de fumo neste ano, resultado da entrega de 650 mil toneladas, o que mantém o Brasil como maior exportador. A produção será de 720 mil toneladas, bem superior às 678 mil projetadas em janeiro. São 182 mil produtores envolvidos, que obtiveram renda de R\$ 3,8 bilhões de 354 mil hectares de lavouras distribuídos por Rio Grande do Sul (50%), Santa Catarina (33%) e Paraná (17%). O fumo é o terceiro principal produto agrícola nas exportações, atrás da soja e do café.

Almoço garantido

Mais um estudo sobre o futuro do mercado de etanol e de biodiesel desmancha a "tese" de que os dois biocombustíveis podem provocar escassez de alimentos no mercado internacional em razão do avanço das áreas plantadas com as matérias-primas. De acordo com o economista e coordenador do levantamento, Fábio Silveira, a participação da cana na agricultura está em apenas 2,5% da área. "Temos entre 80 milhões a 90 milhões de hectares de terras disponíveis", argumenta. O economista calcula que a produção brasileira de etanol vai dobrar até 2015, para 52 bilhões de litros. Já as projeções de biodiesel indicam uma oferta triplicada, de 1,13 bilhão de litros para 3 bilhões de litros.

Abastecendo o planeta

O Brasil será o principal fornecedor mundial de etanol na próxima década, de acordo com estudo da RC Consultores. Segundo o trabalho, o país deve chegar em 2015 produzindo cerca de 49 bilhões de litros de etanol por ano, dos quais, para exportação, mais de 13 bilhões de litros. A vantagem do etanol brasileiro em relação ao americano, feito de milho, é o custo de produção.





O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) foi o primeiro colocado em volume de multas por desmatamento na Floresta Amazônica no ano passado. Foram R\$ 176 milhões aplicados pelo Ibama. O segundo lugar recebeu penalização de R\$ 148 milhões. O Incra desmatou 151 mil hectares no Mato Grosso, uma área, segundo o Ibama, de “especial preservação”.

“Mapito” VALORIZADO

As terras localizadas em novas fronteiras agrícolas tiveram valorização quase dez vezes superior às do restante do país nos últimos 12 meses, apurou o levantamento da AgraFNP. O chamado “Mapito” – Maranhão, Piauí e Tocantins – está entre as que mais atraem investimentos. Apesar da logística precária, há expectativas no potencial da região, sobretudo pelos investimentos previstos no Porto de Itaqui, em São Luís/MA.



Do contra

O Greenpeace criticou a liberação do cultivo de algodão transgênico resistente ao herbicida glufosinato de amônia, aprovado pela CTNBio no mês passado. A ONG classificou a aprovação como uma “ameaça à agrobiodiversidade do país, especialmente do semi-árido, área rica em variedades silvestres de algodão”. Além disso, segundo o Greenpeace, o glufosinato “tem um histórico polêmico de contaminação do solo e com potenciais riscos à saúde humana”.



A MPC Bioenergia do Brasil, pertencente ao grupo MPC – Münchmeyer Petersen Real Estate Consulting GnbH, vai investir R\$ 50 milhões na instalação da segunda usina termelétrica movida com a queima da casca de arroz no Rio Grande do Sul. O complexo, que ficará em São Borja, vai gerar 12,3 MW. A outra usina gaúcha de biomassa de casca de arroz do grupo fica em Alegrete.

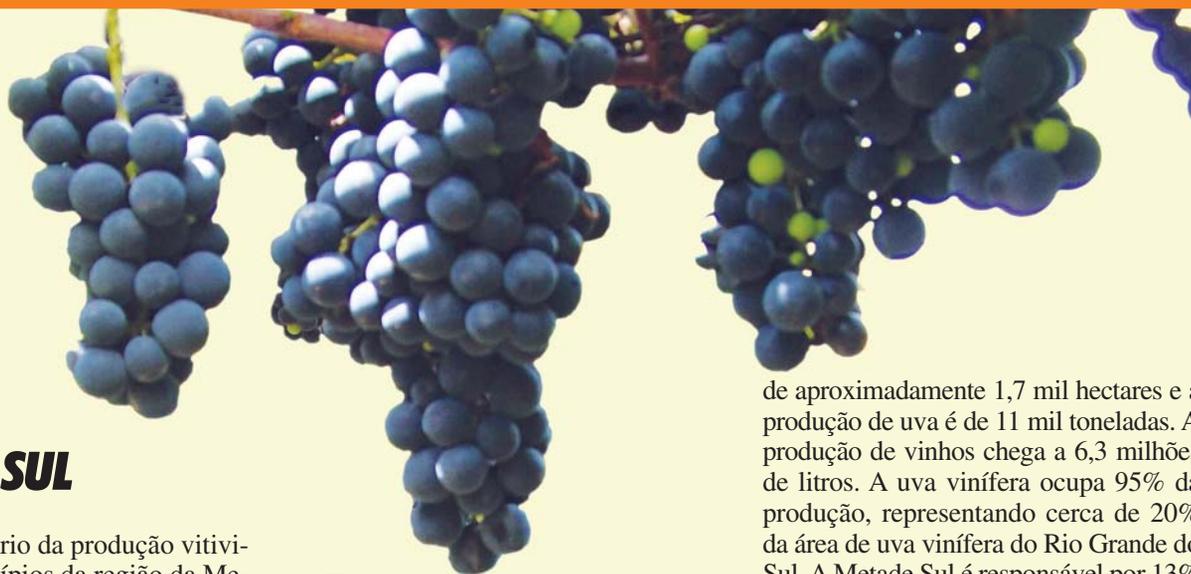
Abastecendo o planeta II

O comércio mundial do agronegócio cresceu 57% entre os anos de 1997 e 2006, período em que o valor exportado em todo o mundo subiu de US\$ 388,6 bilhões para US\$ 609,8 bilhões. No período, a participação do Brasil subiu dois pontos percentuais, para 6,9%. A média de crescimento brasileira foi de 9,6%/ano. Em 2007 as vendas externas atingiram US\$ 58,4 bilhões, valor 2,5 vezes maior que o registrado há 10 anos, quando o Brasil exportou US\$ 23,4 bilhões.

FEIJÃO EM SEUS MELHORES DIAS

O feijão nosso de cada dia é o melhor negócio da safra de grãos a encerrar-se neste mês. Os produtores do grão obtiveram lucro de 18,36% nas vendas, superando até a rentabilidade da soja, inferior a 16%, aponta análise da Conab. A saca de 60 quilos chegou a ser comercializada no Paraná a R\$ 112,34, frente a um custo de produção de R\$ 91,68 – lucro de R\$ 20,66. Já o produtor de soja obteve um resultado de R\$ 6,59 (15,9%) para uma venda de R\$ 41,40 e custo de R\$ 34,81.





Divulgação Emater RS

UVA NA METADE SUL

Qual é o cenário da produção vitivinícola nos municípios da região da Metade Sul do Rio Grande do Sul? Grato pela atenção.

Francisco Roberto Euler

Viamão/RS

R- Francisco, atualmente, os principais municípios produtores da Metade Sul são Santana do Livramento, Encruzilhada do Sul, Bagé, Candiota, Dom Pedrito e Pinheiro Machado. A área cultivada é

de aproximadamente 1,7 mil hectares e a produção de uva é de 11 mil toneladas. A produção de vinhos chega a 6,3 milhões de litros. A uva vinífera ocupa 95% da produção, representando cerca de 20% da área de uva vinífera do Rio Grande do Sul. A Metade Sul é responsável por 13% da produção total do Estado gaúcho. “Estima-se que 80% da uva da região são das próprias cantinas e que 20% sejam da agricultura familiar”, esclarece o engenheiro agrônomo da Emater/RS Antônio Conte.

A CULTURA DA OLIVEIRA

Por favor, gostaria de informações sobre a oliveira e a possibilidade de produção dessa cultura no Brasil. Obrigada.

Maria Amélia de Moura

Joinville/SC

R- O pesquisador da Embrapa Enilton Coutinho explica que o Brasil ainda importa 100% da azeitona de mesa e do azeite que consome, o que corresponde a cerca de US\$ 600 milhões por ano, incluindo gastos com logística de venda. “Para diminuir esse valor e proporcionar mais uma alternativa para o agronegócio, a Embrapa está desenvolvendo pesquisas e identificando as variedades de oliveiras no Brasil. Já realizamos a extração de azeite, produzimos azeitonas para mesa e estamos trabalhando com técnicas avançadas de multiplicação com elevada sanidade vegetal e com idoneidade genética”, ressalta. Hoje, a maioria dos produtores no Brasil se concentra nos estados do Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Segundo dados do conselho internacional, o International Olive Oil Council, a produção mundial estimada para a safra 2006/2007 foi de 2,8 milhões de toneladas de azeite e de 1,8 milhão de toneladas de azeitonas de mesa, sendo os principais produtores de azeite a Espanha (39%), Itália (22%) e

Grécia (13%). Em 2006, a importação brasileira de azeite de oliva foi de 26 mil toneladas e de azeitonas de mesa, de 55 mil toneladas. Introduzida no Brasil em 1938, como cultura comercial, a oliveira normalmente é cultivada em regiões



Divulgação

semi-áridas do mediterrâneo, com elevada temperatura e baixa pluviometria nos meses secos. Pertence à família botânica *Oleácea*, que compreende espécies de plantas distribuídas pelas regiões tropicais e temperadas do mundo. Ao todo, existem 35 espécies do gênero *Olea*. A vida de uma oliveira tem quatro ciclos: de 1 a 5 anos ocorre a instalação, de 6 a 25 anos, o crescimento, de 25 a 150 anos, a maturação e, após 150 anos, a produção começa a diminuir.

MORANGO EM MINAS

Olá, redação da revista **A Granja**. Preciso de informações sobre o cultivo do morango em Minas Gerais. A cultura vem crescendo no Estado? Obrigado.

Antônio Celso Coutinho

Belo Horizonte/MG

R- Prezado Antônio, 50 anos depois do plantio das primeiras mudas de morango em Minas Gerais, a produção no Estado não se restringe mais aos campos da região sul e de outras onde predominam as baixas temperaturas. As plantações nos municípios do semi-árido também aumentam, garantindo renda principalmente para os agricultores familiares. De acordo com levantamento da Secretaria de Agricultura, a área cultivada em Minas, nos últimos 18 anos, saltou de 172 hectares para 1,6 mil hectares, expansão de cerca de 49% ao ano. Segundo o coordenador estadual de Olericultura da Emater/MG, Sérgio Pereira de Carvalho, a atividade emprega cerca de 30 mil pessoas no Estado. Os 4,7 mil produtores mineiros tiveram, em 2007, uma receita da ordem de R\$ 200 milhões, com a comercialização de 96 toneladas, ou 59% da safra nacional. O morango começou sua trajetória de sucesso nos campos de Minas em 1958, quando os produtores de hortaliças da comunidade de Ribeirão das Pedras, no município de Estiva, no sul do Estado, plantaram as primeiras mudas que

trouxeram de São Paulo. Carvalho acrescenta que o sul de Minas, tendo como pólo o município de Pouso Alegre, continua respondendo pelo maior volume de produção – cerca de 86,5 toneladas anuais. Atualmente, a cultura alcança também a região central e está crescendo nas regiões norte, Jequitinhonha, Triângulo, Alto Paranaíba e Zona da Mata. Para o extensionista, uma das explicações para o avanço da produção de morango em Minas é a introdução de novas variedades, que se adaptam às diversidades regionais. Ele diz que no início da década de 1970, quando começou a trabalhar com essa cultura na região de Pouso Alegre, os produtores contavam com apenas duas cultivares. “Nessa época, um dos problemas era o pouco crescimento da planta. Agora, podemos utilizar mais de dez cultivares, que atendem à produção em climas variados, garantindo bom desenvolvimento e frutos de qualidade.” A pesquisa do morango, no Estado, ganhou força nos últimos anos com o aumento do número de especialistas voltados para o segmento. As novas cultivares, com características próprias para o plantio nas diferentes regiões, fortalecem a produção em mais de 30 municípios mineiros. Atualmente, a produtividade média por hectare é de 60 mil a 120 mil quilos, em comparação com os 18 mil quilos obtidos nos primeiros anos de plantio no Estado. No norte de Minas os produtores de morango são, em sua maioria, agricultores familiares e cultivam o fruto para atender principalmente às indústrias de polpa, iogurte e geléia.



O BRASIL AGRÍCOLA

a granja

À sua disposição

ASSINATURAS Call Center

Ligue grátis
0800-5410526
Grande Porto Alegre
Fone/Fax: (51) 3232-2288
Segunda a sexta, das 8h30 às 19h30
Sábado, das 9h às 14h

INTERNET www.agranja.com

Para edições atrasadas, edições anteriores, mudança de endereço, troca de forma de pagamento, ligue para os mesmos números acima.

NEWSLETTER

Cadastre-se e receba toda a semana: 0800.541.0526 ou no site: www.agranja.com

FALE COM A REDAÇÃO

Por e-mail:
mail@agranja.com
Fax:
(51) 3233-1822
Cartas:
Av. Getúlio Vargas, 1.526
Porto Alegre/RS
CEP 90150-004

As cartas devem conter assinatura, RG e telefone do autor. Por motivo de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas de forma reduzida. Só poderão ser publicadas na edição seguinte as cartas que chegarem até o dia 18.

PRESENTEIE UM AMIGO COM UMA ASSINATURA

Ligue grátis
0800.5410526

Grande Porto Alegre (51) 3232-2288
amalia@agranja.com
ou www.agranja.com

PARA ANUNCIAR LIGUE

(11) 3331-0488
mailsp@agranja.com
(51) 3233-1822
mail@agranja.com



ORGÂNICOS EM EVIDÊNCIA

Gostaria de parabenizar a revista **A Granja** pela excelente matéria sobre os alimentos orgânicos, publicada na edição de julho de 2008. Bastante informativa e estimulante para produtores e consumidores. Tenho grande interesse no desenvolvimento e na popularização desse segmento de produção sustentável. Recentemente, trabalhei em um projeto de produção de peixes orgânicos, no oeste do Paraná, onde gerei a fabricação de rações orgânicas para tilápias. Acredito na expansão da produção orgânica, principalmente agora, com a aprovação do decreto de regulamentação à lei e as tendências mundiais de busca por alimentos mais saudáveis. Desenvolvimento sustentável já! Saudações

Aparício Streit

Professor de Aqüicultura - Departamento de Zootecnia da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR



A Granja

EM DEFESA DO VINHO

Em nome da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Viticultura, Vinhos e Derivados, agradecemos pela matéria publicada pela **A Granja** na edição nº 716 de agosto/2008 - Seção Ponto de Vista. O apoio da revista é fundamental para o setor vitivinícola nacional. Um afetuoso abraço e muito obrigado.

Hermes Zaneti

Presidente da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Viticultura, Vinhos e Derivados

O PRODUTOR TAMBÉM LUCRA?

Sou produtor de Sorriso/MT e gostaria de dizer o seguinte sobre reportagens que falam sobre o lucro do produtor do Centro-Oeste. Do que nos adianta um ano de lucros se em outros cinco nos é tirado o lucro? Na verdade, estamos com dívidas e do jeito que estão os preços dos fertilizantes teremos outro ano de lucro somente para as revendas de insumos e adubos ou as *tradings*. Na verdade, somos nós que fizemos este país bater recorde na balança comercial. Fizemos a indústria e o comércio das cidades baterem recordes de vendas. Sempre perguntamos o preço para comprar e depois que o nosso produto final está pronto perguntamos quanto nos pagam... é, realmente somos muito ricos pois temos muito dinheiro para sustentar toda essa nação de meia dúzia que ganha dinheiro e fama nas nossas costas. Isso é um absurdo! Pois a grande verdade é que tem que ser mostrada e não o que as pessoas imaginam que está acontecendo. A verdade é que o agricultor está com dívidas para pagar desde 1998, e em 2004 a situação foi agravada. Estamos em um ano muito perigoso, pois os fertilizantes estão em um preço extrema-

mente absurdo. Não existe explicação para estes preços. O que dá para perceber é que as empresas que vendem esses insumos estão vendo que o produtor está tendo um pouco de fôlego e querem tirar proveito em cima disso, pois não tem explicação. O preço do adubo 0-18-18 subiu de US\$ 280 em 2007 para US\$ 850 em 2008. Veja só que matemática louca. É muita loucura observar isso sendo feito e ninguém faz nada. Pelo menos o Governo Federal deveria investigar quem está ganhando com isso. É incalculável o lucro dessas empresas. E tem mais: pagam míseros R\$ 85 por tonelada de adubo de frete do Porto de Paranaguá até Sorriso. Isso não paga nem o diesel dos caminhões, depois dizem que é o frete que encarece o adubo ou a soja. O que está acontecendo?

Silvano Filipeto
Sorriso/MT

TIRO NO PÉ

Lula garganteia que quer tornar o Brasil um dos maiores produtores mundiais de alimentos. Mas Lula acaba de publicar um decreto que pode dizimar a agricultura brasileira. Sim, contradição total – e real. Explica-se:

1 - sempre que tem um microfone à disposição e como público produtores rurais ou lideranças mundiais, o Presidente anuncia que o Brasil tem potencial para ser um fornecedor mundial de alimentos, o que seria ótimo para o planeta visto a atual crise mundial dos mesmos.

2 – em 22 de julho o Governo publicou o Decreto 6.514, que altera os dispositivos da Lei de Crimes Ambientais (9.605 de 1998), documento com 154 artigos, 15 dos quais ligados diretamente à agricultura, que definem diversas exigências ambientais e sanções em caso de descumprimento.

É aí que mora o perigo. Ou a falência do agricultor, desde o mini ao megaprodutor. Os absurdos se empilham. Até o ministro dele, Reinhold Stephanes, titular da pasta da Agricultura, considera o decreto um desastre completo ao campo. “Não tenho medo da extinção da floresta, mas da extinção da área agricultável do Brasil”, foi uma de suas declarações. O descumprimento do decreto prevê desde a advertência até a apreensão de animais de produção, suspensão da venda de produtos, embargo e demolição de obras e suspensão parcial ou total em áreas de preserva-

ção ambiental. E ainda tem as multas. O dispositivo que obriga a averbação da Reserva Legal (de 20%, 35% e 80%, conforme a região) da propriedade tem pena para o não-cumprimento de R\$ 500 a R\$ 100 mil, além de multa diária por hectare se o registro não for feito no prazo de 60 a 90 dias.

As conseqüências são absurda-

“Não tenho medo da extinção da floresta, mas da extinção da área agricultável do Brasil”, disse o ministro Reinhold Stephanes

mente danosas ao campo, segundo cálculos de diversas entidades representativas do produtor. A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) estima que o decreto extinguirá 15% da área da agropecuária do país, o que representa 34,2 milhões de hectares! Não são muitos os países que dispõem desta área para explorar a agricultura. O decreto implicará gravemente culturas localizadas em Áreas de Preservação Permanente, o que sig-

nifica, segundo a CNA, o fim de metade das lavouras de café do Brasil, de uva do Rio Grande do Sul e dos canaviais do Nordeste, além de quase toda a maçã catarinense. Imagine-se o impacto econômico nas regiões.

A agropecuária brasileira sofre muitas ameaças, desde as afrontas do ilegal MST até os embargos abusivos e demais barreiras comerciais (incluindo-se subsídios) internacionais, mas esta do decreto 6.514 é oficial, definida e imposta pelo Governo. Justamente Brasília que costuma usufruir dos sucessos e recordes diversos do campo como se fossem seus méritos. E o decreto junta-se a outras normas estapafúrdias definidas em salas acarpetadas de Brasília, distante do sol escaldante das lavouras. Conforme o próprio ministro Stephanes, cerca de 70% do território brasileiro tem algum impedimento para a atividade agropecuária em razão de reservas indígenas, áreas de quilombolas, assentamentos ou outros. A Associação Brasileira de Agribusiness (Abag) indica que a criação de reservas florestais, indígenas e assentamentos impedem a prática da agropecuária em 39% do país.

Felizmente, as organizações de defesa do produtor e da agricultura brasileira, incluindo-se a combativa Bancada Ruralista, já estão amplamente mobilizadas e unidas para reverter a situação absurda. O Brasil agradece. 🇧🇷

A SAFRA DA CA

O produtor planeja a safra 2008/2009 de olho na alta dos custos e nas incertezas do mercado. E num momento em que o mundo precisa de mais alimentos, fatores como esses podem atrapalhar o desempenho do Brasil agrícola

Denise Saueressig
denise@agranja.com



Produtor em Primavera do Leste/MT, José Viana teme a alta dos custos e a volatilidade dos preços

UTELA

O produtor brasileiro prepara o plantio de uma nova safra com muitas dúvidas na cabeça. Ao mesmo tempo em que cresce a demanda por alimentos no mundo todo, as incertezas do mercado e a ameaça da baixa rentabilidade assustam o trabalhador do campo. Nas diferentes regiões do país, os argumentos são parecidos. É preciso calcular e recalculer os custos e ter cautela na hora de decidir por novos investimentos. A produtividade da lavoura, no entanto, não pode ser colocada em risco.

Afinal, sem uma boa colheita, fica difícil manter as contas em dia.

Esses paradoxos e incertezas ajudam a ilustrar o cenário que antecede o plantio da safra de verão no Brasil. Quando foi lançado o Plano Agrícola e Pecuario 2008/2009, o Governo Federal pro-

jetou um novo recorde para a produção nacional, de 150 milhões de toneladas. Mas será que os agricultores, principais agentes desse processo, acreditam nessa meta? Pelo menos por enquanto, a opinião é de que há um longo caminho de desafios para a conquista desse objetivo.

Em Primavera do Leste/MT, o produtor José Antonio Viana ainda está em dúvida sobre o cultivo. Só que a decisão não pode passar deste mês, já que a semeadura da soja inicia em outubro. Normalmente, o agricultor planta 15 mil hectares com a oleaginosa. Este ano, essa área pode ser ameaçada em até 30% por causa da alta nos custos e da volatilidade dos preços. “Para se ter uma idéia, não comercializamos nenhum volume referente à próxima safra. Se até setembro não houver uma melhora na

cotação, a situação do produtor brasileiro ficará ainda mais vulnerável”, observava um mês atrás.

Análises de especialistas mostram que a venda da safra de soja está atrasada em comparação com o mesmo período do ano passado. O ritmo é o mais lento desde a safra 2004/2005 e resultado de vendedores na defensiva depois de perdas nas negociações antecipadas da safra atual e de compradores fora do mercado, especialmente em função da escassez de crédito bancário internacional.

“Percebemos isso quando a saca estava a US\$ 16 e as empresas se afastaram do mercado”, declara Viana.

Até 1º de agosto, em torno de 7% da colheita 2008/2009 do grão havia sido comercializada

de forma antecipada. Na mesma época do ano passado, a venda alcançava 21%, enquanto a média para esse período é de 10%. A lentidão nos negócios preocupa a cadeia porque é justamente dessa comercialização futura que tem origem uma parte dos recursos usados pelos produtores em investimentos na lavoura.

A alta nos custos dos insumos agrava ainda mais esse quadro. “Quem conseguiu adquirir os produtos no começo do ano está em uma posição melhor. Agora, itens como o glifosato acumulam alta de 300%”, descreve o produtor mato-grossense. Acostumado a fazer contas a cada nova safra, o agricultor reclama da falta de interferência do Governo sobre os custos de produção. “É uma questão crônica, já que todos

os anos há o aumento das dívidas e um pacote de renegociação. Ao mesmo tempo, sofremos com as deficiências logísticas. Para transportar uma tonelada de soja até o Porto de Paranaguá/PR gastamos US\$ 100. Há três anos, esse valor era de US\$ 40”, enumera Viana.

No Mato Grosso, até a metade do mês de agosto, cerca de 30% dos fertilizantes necessários para o plantio de verão ainda não haviam sido adquiridos. “O produtor está disposto a manter a área plantada do ano passado ou até a aumentar o cultivo, mas com tantos complicadores, fica difícil prosseguir com essa intenção”, avalia o presidente da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Mato Grosso (Famato), Rui Prado. Na opinião do dirigente, o momento é de reavaliar a estrutura produtiva e aproveitar as terras mais férteis. “Precisamos pechinchar e investir em estratégias como a compra conjunta de insumos. Afinal, o produtor pode ter renda de duas formas: ou com a redução dos seus gastos, ou com preços favoráveis”, completa. Além de toda a preocupação com os custos, Prado cita as restrições do decreto 6.514/08, que, entre outros pontos, aponta novas normas ambientais para a agropecuária. O não-cumprimento das regras pode, inclusive, impedir o acesso ao crédito pelos agricultores.

O presidente da Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso (Aprosoja/MT), Glauber Silveira, acredita que muitos agricultores podem optar pela redução do uso de fertilizantes. Para ele, a safra ainda é incerta. “Apesar de haver uma projeção que fala em aumento em tor-

Variação nos custos da soja para a safra 2008/09

Sorriso/MT	22,27%
Maracajú/MS	10,14%
Rio verde/GO	21,07%
Uberaba/MG	18,78%
Londrina/PR	11,10%
Carazinho/RS	20,66
Luís Eduardo Magalhães/BA	34,58%
Dianópolis/TO	29,81%
Balsas/MA	38,11%
Uruçuí/PI	52,40%

Fonte: CNA

Os cotonicultores devem enfrentar custos entre US\$ 2.600 e US\$ 2.700/hectare, ante US\$ 2.200 da safra passada



no de 5% para o plantio da soja, acredito que possa haver tanto uma redução na área quanto uma diminuição de produtividade caso a conjuntura atual permaneça”, argumenta. Silveira, que é produtor no município de Campos de Júlio, está em dúvida como boa parte dos produtores do Estado. “Estou no mesmo dilema e ainda não sei o quanto vou usar de adubo na lavoura”, declara.

As contas que não fecham — A dificuldade para a captação de recursos oficiais é apontada pelo setor como um dos principais limitantes para o sucesso na formação da próxima lavoura. A verba do Governo é uma ferramenta essencial para o custeio da produção, já que os juros praticados no mercado privado são bem mais altos. O presidente da Famato protesta que apenas 8% da agricultura do Mato Grosso é financiada pela verba do Plano Agrícola e Pecuário, o que equivale a R\$ 1,12 bilhão em custeio. “O Brasil não tem subsídio para a sua produção, e o acesso ao crédito acontece com excesso de burocracia. Na Europa, até 70% da renda do setor tem origem nos subsídios concedidos pelo Governo. Não podemos ter vergonha de reivindicar esse tipo de benefício”, ressalta

o dirigente.

Os entraves para acessar o crédito são ainda maiores em função da dívida, que no Estado chega a acumular R\$ 10,5 bilhões. No primeiro semestre deste ano, o Governo anunciou a edição da Medida Provisória 432, que trata da renegociação de R\$ 75 bilhões em débitos agrícolas no país. A medida foi considerada positiva, mas insuficiente pelo setor. “Nosso problema mais grave é a falta de renda e, se continuarmos sem renda, a dívida também vai continuar”, resume José Mário Schreiner, presidente da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg) e da Comissão de Cereais, Fibras e Oleaginosas da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

De acordo com o Instituto Matogrossense de Economia Agrícola (Imea), seriam necessários R\$ 13,95 bilhões em crédito rural oficial para um provável incremento na área plantada em torno de 8,5% com as principais culturas no Mato Grosso. Apenas para a soja, o desembolso chegaria a R\$ 8,3 bilhões. “A realidade é que a oferta de crédito não acompanha a elevação dos nossos custos”, complementa o presidente da Aprosoja.

O gasto com fertilizantes para soja subiu de R\$ 381/hectare para R\$ 688,78 em 2008/2009. A elevação no país varia entre 22% e 54,20%



Os adubos são apontados como os principais vilões do processo de alta dos custos enfrentado pelos agricultores brasileiros. Essa escalada ocorre principalmente em função da valorização do barril do petróleo, da menor oferta de alguns itens e da maior demanda pela mistura NPK (nitrogênio-fósforo-potássio). O Brasil importa mais de 70% das matérias-primas usadas na fabricação de fertilizantes, o que dificulta ainda mais o processo.

Um levantamento feito pela CNA mostra acréscimo nas principais regiões produtoras de soja do país. Entre as áreas pesquisadas, no município de Rio Verde/GO, foi registrado o maior custo total do Centro-Oeste, de R\$ 1.992,14 por hectare. No ano passado, o cálculo somava R\$ 1.645,49. O gasto com fertilizantes, por hectare, subiu de R\$ 381 na safra 2007/2008, para R\$ 688,78 em 2008/2009. Uma das conclusões do estudo é de que a elevação dos custos fica entre 22% e 54,20% para a oleaginosa no Brasil. O maior índice foi percebido em Uruçuí, no Piauí. Já a maior alta dos preços dos adubos ocorreu em Sorriso/MT, onde foi registrado 94% de incremento.

Junto com a alta dos custos, as oscilações do mercado ajudam a aumentar a tensão entre o setor produtivo. Segundo as informações da CNA, o valor do adubo formulado básico para a soja subiu 87% em maio em relação ao valor pago, em média, na safra passada. Ao mesmo tempo, os preços que os produtores receberam pelo grão aumentaram apenas 17% se consideradas as vendas antecipadas, a partir de setembro de 2007, além do restante da safra, comercializada até maio deste ano, ao preço médio do período.

O cenário de preços continua nebuloso e dependente principalmente das projeções climáticas para a safra dos Estados Unidos. Em agosto, depois de períodos de queda, a saca de 60 quilos

Milho: safrinha adquire mais importância e plantio de verão pode diminuir



da soja subiu de R\$ 45 no dia 13, para R\$ 47,50 no dia 21, em Passo Fundo/RS. Em Chicago, os contratos com vencimento em setembro passaram de US\$ 12,65 para US\$ 13,41 o bushel, de acordo com a consultoria Safras & Mercado.

O presidente da Faeg alerta para o mercado nervoso e para o cenário de alto risco. "O agricultor está inseguro e, mais do que nunca, é preciso trabalhar com cautela, porque milagres não acontecem. Esse é o momento de fazer as contas e de procurar seus sindicatos e associações para negociar em conjunto", defende José Schreiner.

O produtor de Tibagi/PR Ivo Arnt Filho concorda com esse pensamento. "Nós precisamos trabalhar com os pés no chão e com foco na administração da propriedade. Também é necessário resolver o que há pendente, porque o problema do endividamento não está resolvido", salienta Arnt, que é presidente da Comissão Técnica de Grãos da Federação da Agricultura do Esta-



Schreiner, da Faeg: falta de renda e mercado nervoso compõem cenário de alto risco

Divulgação

do Paraná (Faep).

Na região dos Campos Gerais do Paraná, onde fica o município de Tibagi, a expectativa é de que seja registrada uma pequena redução na área

plantada com o milho devido ao maior aumento dos custos. A tendência é de que essa retração seja incorporada no plantio do feijão, que pode aumentar cerca de 5% na região. Aliás, os óti-

FERTILEADER®

*Inovação e
qualidade em ação!*

- Nutrientes minerais essenciais associados a extrato de algas marinhas (fonte natural de aminoácidos, ácidos húmicos e fúlvicos);
- Estímulo da atividade fisiológica:
 - › Promove maior resistência a estresses;
 - › Favorece a síntese de açúcares e a ação fotossintética;
 - › Estimula o crescimento.

**MELHORA O DESEMPENHO
AGRONÔMICO E PRODUTIVO
DAS CULTURAS COM
SEGURANÇA.**



MATRIZ:
Av. Carlos Gomes 1340, 11º e 12º andares,
Bairro Auxiliadora, Porto Alegre/RS, CEP: 90480-001
Fone: (51) 3382 8700 Fax: 3382 8705 marketing@roullier.com.br



FERTIACTYL®

Qualidade e
produtividade
para sua
lavoura

- Nutrientes minerais essenciais associados a extrato de algas marinhas (fonte natural de aminoácidos, ácidos húmicos e fúlvicos);
- Melhora o desempenho agrônomo e produtivo das culturas;
- Maior economia e segurança;
- Valorização do potencial da planta e do solo.



MATRIZ:
Av. Carlos Gomes 1340, 11º e 12º andares,
Bairro Auxiliadora, Porto Alegre/RS, CEP: 90480-001
Fone: (51) 3382 8700 Fax: 3382 8705 marketing@roullier.com.br



mos preços desse grão na safra passada ajudaram a equilibrar as finanças dos produtores locais, lembra Arnt.

Para a soja, a projeção é de manutenção da área cultivada. Boa parte dos agricultores da região deve se beneficiar pelas compras antecipadas de adubos, feitas entre fevereiro e março deste ano, quando os preços estavam mais baixos. “Além disso, fazemos a rotação de culturas, que beneficia todo o sistema. No caso da soja, podemos plantar com menos fertilizante, porque já foi feita a adubação no inverno”, sustenta o dirigente da Faep.

Soja: a força da principal commodity — Apesar da elevação dos custos, as consultorias especializadas projetam ampliação da área a ser cultivada com soja na safra 2008/2009. A Agroconsult estima um incremento de 1 milhão de hectares, ou 4,8%, o que significa o cultivo de 22,27 milhões de hectares. O analista Fabio Meneghin explica que a expectativa de preço permanece positiva para a cultura, com valores em torno de US\$ 13 ou US\$ 14 para o bushel. Uma análise mais detalhada desse mercado, no entanto, ainda vai depender da definição da safra dos Estados Unidos e da Argentina, além dos rumos da economia mundial. “Internamente, um dos desafi-

os deve continuar com a desvalorização do dólar, que mantém valores em torno de R\$ 1,60”, menciona o especialista.

Devido à lavoura mais cara, a Agroconsult trabalha com expectativas inferiores de rentabilidade para a cultura. Com base em preços futuros disponíveis até 14 de agosto, a consultoria prevê R\$ 190 de retorno por hectare para o produtor do Mato Grosso, que no ano passado teve rentabilidade de R\$ 250. Para quem planta em Goiás, a projeção é de R\$ 355 por hectare, R\$ 15 a menos em comparação com a temporada 2007/2008. No Paraná, o retorno financeiro por hectare deve ser de R\$ 540. Na colheita anterior, o valor foi de R\$ 610.

Para a Safras & Mercado, a área a ser semeada com soja deve ficar em torno de 21,755 milhões de hectares. Esse número representaria um acréscimo de 2,1% sobre



Apenas 8% da agricultura do Mato Grosso é financiada por recursos do Plano Agrícola e Pecuário

os 21,298 milhões de hectares cultivados na última safra. A expansão deve ser resultado da boa comercialização da colheita 2007/2008 e da relação ajustada entre oferta e demanda mundial. Com a ajuda do clima, é possível que o Brasil tenha uma

colheita recorde de 62,191 milhões de toneladas, volume 2,5% superior à produção passada.

Milho: safra em baixa, safrinha em alta — A tendência é de queda na área plantada com milho na safra de verão. De novo, a responsabilidade é dos custos. Na média do país, a elevação foi de

14% entre gastos diretos e indiretos em comparação com o período 2007/2008. Até agora, a consultoria Céleres prevê uma ligeira redução de 0,5% no plantio do cereal, o que significa o cultivo de 9,57 milhões de hectares. Para a colheita, a expectativa é de 39,6 milhões de toneladas, um crescimento de 3,8%.

Lucratividade líquida para a cultura do milho em cada safra

2004/2005	-0,7%
2005/2006	0,0%
2006/2007	19,8%
2007/2008	18,4%
2008/2009	11,1%

Fonte: Céleres



Produtor Ivo Arnt: quem comprou adubo mais cedo foi beneficiado

“Entretanto, como o produtor costuma tomar sua decisão em cima do cenário atual, pode haver uma diminuição ainda mais expressiva na área plantada”, aponta o analista Leonardo Sologuren, diretor da Céleres. Para a safrinha, que adquire cada vez mais importância no Brasil, a empresa estima uma área 3,5% maior.

No seu primeiro levantamento de intenção de plantio, feito no mês de julho, a Safras & Mercado projetou uma retração de 5,1% para a safra de verão no Centro-Sul e uma provável ampliação de 3,1% para a safrinha 2009. Com essa conta, a área total cultivada com milho pode ceder 1,5%, o que representa o plantio de 13,5 milhões de hectares. A consultoria acredita que a produção pode ser semelhante ao período anterior, somando 55,5 milhões de toneladas em todo o país.

Além da oferta de crédito não ter acompanhado a evolução dos custos, os preços do milho recuaram entre os meses de julho e agosto no mercado internacional devido às previsões otimistas para a safra norte-americana. Agrega-se a isso o câmbio desfavorável às exportações, que acaba limitando a venda ao exterior e retendo o grão no mercado interno. No Paraná, num período de 30 dias – entre julho e agosto –, os preços caíram em torno de 15%, e a saca ficou em R\$ 20,5. Na Região Centro-Oeste, nesse mesmo espaço de tempo, a queda foi de até 20%, com a saca apresentando valores de cerca de R\$ 16.

Segundo análise da Céleres, a pressão negativa deve permanecer até que os preços alcancem competitividade nas exportações e, na medida em que as vendas externas avancem, a tendência é de sustentação dos valores. As exportações da safra 2007/2008 devem somar 11,5 milhões de toneladas. Já para a colheita

Custos de produção da soja				
Região	Sorriso/MT		Londrina/PR	
Ano safra	07/08	08/09	07/08	08/09
	1.250,40	1.528,87	1.859,92	2.066,38
Região	Carazinho/RS		Balsas/MA	
Ano safra	07/08	08/09	07/08	08/09
	1.383,58	1.669,41	1.321,00	1.824,38
Custo total em R\$ por hectare				
Fonte: CNA				

2008/2009, a projeção é de 13,5 milhões de toneladas. A preocupação é quanto aos preços que serão praticados nesse negócio, já que há espaço e demanda no mercado internacional.

Arroz e feijão: dupla em bom momento — Na safra 2007/2008, o produtor de arroz foi especialmente beneficiado pela maior demanda de alimentos no mundo. O mercado brasileiro fechou o primeiro semestre de 2008 com a maior média de preços praticada desde 2004. E é justamente esse cenário que deve ser responsável por incentivar os orizicultores no próximo plantio. A Safras & Mercado estima uma área 3,4% maior para o país, que pode cultivar 3,161 milhões de hectares com o cereal. Com isso, a produção pode ser de 12,632 milhões de toneladas, um incremento de 4%.

No Rio Grande do Sul, principal produtor, o aumento do plantio também vai depender da disponibilidade hídrica das barragens, já que o cultivo é irrigado. Por enquanto, a expectativa é de uma área parecida com a cultivada no ano passado, em torno de 1,06 milhão de hectares. Com custo calculado em R\$ 26,28 na safra passa-

da, o produtor gaúcho recebeu preços médios em torno de R\$ 37 para a saca de 50 quilos. Em alguns casos, o valor chegou a R\$ 40. Agora, a saca mantém preços em torno de R\$ 33 no Estado.

Mesmo com os bons resultados, o presidente da Federação das Associações dos Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Federarroz), Renato Rocha, lamenta que nem todos os produtores puderam aproveitar esse cenário positivo. Segundo ele, o crédito oficial atende apenas 40% dos arrozeiros, o que faz com que a outra parcela tenha que usar recursos próprios ou de empresas privadas para o custeio da safra. “Isso significa que muitos precisaram vender o arroz cedo para pagar as contas e não conseguiram comercializar o grão a um preço tão bom”, descreve o dirigente.

Para a temporada 2008/2009, Rocha alerta os produtores quanto ao custo, que será de R\$ 32 à saca, enquanto os preços devem ficar entre R\$ 30 e R\$ 35. “É preciso organização para a compra dos insumos e a manutenção de uma média de comercialização ao longo do ano. Se o produtor ficar à mercê do mercado, terá que apertar bastante o cinto”, enfatiza. Outro incentivo para a lavoura de arroz deve vir do exterior. A cadeia pretende incrementar os investimentos na exportação do cereal e a estimativa é de que sejam vendidas para outros países 700 mil toneladas em 2008. Para se ter uma idéia do que representa esse mercado, na



Meneghin, da Agroconsult: apesar dos altos custos, área de soja pode aumentar

ALGODÃO PODE PERDER ESPAÇO PARA "CONCORRÊNCIA"

Lavoura mais cara em comparação com outras culturas, o algodão deve ter sua área definida a partir das estimativas de preços para grãos como a soja e o milho. Há mais ou menos três meses, quando a situação desses grãos era mais favorável, a cadeia chegou a apontar uma estimativa de redução entre 20% e 30% para o plantio da pluma na temporada 2008/2009 sobre os 1,083 milhão de hectares cultivados em 2007/2008. Agora, com a queda nos preços das commodities "concorrentes", essa projeção foi revisada. "Ainda não sabemos como ficará o mercado, mas a área pode ceder entre 10% e 20%", relata o presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), Haroldo Rodrigues da Cunha (foto).

Segundo o dirigente, 500 mil toneladas da próxima safra já foram vendidas. "Isso significa que 35% da nossa produção já está comprometida e a lavoura precisa ser formada", acrescenta. As principais reduções de plantio devem ocorrer nos Estados do Piauí, Mato Grosso e Goiás. Na Bahia, a queda será menor, de 4,9%, em função dos investimentos de grandes empresas e das condições climáticas, que não deixam muitas opções de cultivo para essa época.

Este ano, os cotonicultores devem enfrentar custos entre US\$ 2.600 e US\$ 2.700 por hectare. Na safra anterior, o valor ficou em torno de US\$ 2.200. Em libra-peso, o custo é calculado em US\$ 0,85, enquanto o preço atual é de US\$ 0,65 por libra-peso. "O produtor até pode fazer um investimento mais modesto em áreas que já foram adubadas, mas tem que ter muito cuidado para não perder em produtividade", aconselha o presidente da Abrapa.

Para dar sustentabilidade à atividade, o setor pede a ajuda do Governo por meio do Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro). A cadeia entende que seriam necessários R\$ 750 milhões para garantir o preço mínimo para 100% da safra. "Estamos preocupados, porque o Brasil é o quarto maior exportador do mundo e tem uma imagem positiva consolidada no exterior. Não podemos arriscar nossa posição no mercado", frisa Cunha.



Divulgação

safra 2002/2003, o Brasil exportou apenas 20 mil toneladas do grão.

Para o feijão, a última safra foi de explosão de preços. No começo deste ano, a saca do tipo carioca chegou a ser negociada a R\$ 300 em algumas regiões, o que foi resultado, principalmente, da diminuição da primeira colheita do grão em 2007/2008. Para o próximo plantio, as expectativas são positivas, mas o mercado não deve manter patamares tão altos de preços. "Essa posição foi atípica", conclui o pesquisador da Embrapa Arroz e Feijão Alcido Elenor Wander. Este ano, comenta ele, o estoque oficial do Brasil está um pouco maior do que estava há um ano atrás, o que também pode colaborar para inibir a alta dos preços. No final da safra passada, o estoque do grão somava 380 mil toneladas nos armazéns da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Já na finalização da safra 2007/2008, esse volume deve ser de

440 mil toneladas.

Em agosto, os preços do feijão-preto no Rio Grande do Sul se mantiveram entre R\$ 100 e R\$ 120 à saca. Em Estados como Goiás e Minas Gerais, o carioca apresentou valores entre R\$ 150 e R\$ 170. Mesmo com a alta dos custos, os técnicos da Emater/RS acreditam que os produtores gaúchos devem investir mais na cultura este ano. A procura por sementes, inclusive as certificadas, é considerada acima da média no Estado, que no ano anterior cultivou 80.237 hectares na primeira safra do produto, uma queda de 15,68% sobre o plantio 2006/2007.

Para o pesquisador da Embrapa, a tendência é de que os produtores de feijão se tornem cada vez mais tecnificados. "Percebemos que aqueles que realmente investem na cultura estão mais profissionais, preocupados com a qualidade e com a produtividade da lavoura. O feijão é uma cultura comercial e assim deve ser encarada",

acentua Wander.

Os analistas recomendam que os produtores tenham cuidado com um possível excesso de oferta no mercado. Como precaução, uma das atitudes cabíveis é estabelecer contratos para entrega de parte da colheita com preços razoáveis. Este ano foi estabelecido um novo preço mínimo para a saca de 60 quilos do feijão, que passa de R\$ 47 para R\$ 80. Além de ser considerada uma cultura de alto risco, o Governo tem interesse em estimular o plantio, já que o feijão é um item de grande peso no custo de alimentação do brasileiro e, conseqüentemente, no índice da inflação. A tendência é de que o plantio da primeira safra da temporada 2008/2009 tenha um aumento em torno de 10% sobre o ano passado. O último levantamento da Conab mostra que o Brasil cultivou 3,971 milhões de hectares com feijão e colheu 3,544 milhões de toneladas na safra 2007/2008. ■





SAFRA MAIS RESISTENTE

O plantio de verão terá as primeiras lavouras de milho geneticamente modificado. Estima-se que os híbridos resistentes a pragas deverão ocupar 400 mil hectares

Gilson R. da Rosa



Divulgação

A safra de milho deste verão será a primeira em que os produtores poderão contar com híbridos geneticamente modificados (GM) resistentes a pragas. As novidades chegam às lavouras seis meses antes do previsto, já que as associações de produtores de sementes previam milho transgênico nas vendas apenas às vésperas da safra 2009. A Monsanto (MON 810, o Guardian, cujo nome comercial é YieldGard) e a Syngenta (BT 11) saem na frente e lançam ao mercado os dois primeiros híbridos de milho modificados, ambos resistentes a insetos da ordem *Lepidóptera*.

Até agora, são três eventos de milho aprovados pela Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio): além dos dois resistentes a pragas mencionados, há um com gene tolerante ao herbicida glufosinato de amônio, o Liberty Link, da Bayer CropScience. No entanto, a empresa informa que ainda não pode antecipar quando vai colocar o produto no mercado. Todos os eventos foram aprovados no início de 2008.

A Dekalb é a primeira empresa a comercializar no Brasil a tecnologia YieldGard, desenvolvida pela Monsanto, que confere ao milho maior proteção contra

o ataque de importantes pragas e possibilita uma redução na necessidade de aplicação de inseticidas. Assim que a tecnologia foi aprovada e liberada, a empresa comercializou as primeiras sacas do híbrido DKB 390 YG a alguns agricultores de várias regiões brasileiras para plantio imediato em áreas irrigadas.

Já a Pioneer, do grupo Du Pont, licenciada pela Monsanto para oferecer seus próprios híbridos mediante pagamento de royalties, também terá disponível para esta safra de verão 13 híbridos registrados com a marca YieldGard. Os híbridos Pioneer com o gene YieldGard terão uma no-



Divulgação

A estimativa é de que 400 mil sacas de sementes de milho transgênico sejam ofertadas pelas empresas

menclatura própria que irá diferenciá-los dos híbridos convencionais, sem o gene YieldGard. Exceto os híbridos 30F34 (corresponde ao 30F33 com o gene YieldGard) e o 30A04 (corresponde ao 3041 com o gene YieldGard), os demais híbridos terão a letra “Y” no final do número para identificar a tecnologia. Assim, híbridos como 30F53Y, 30R50Y, 30F80Y, 30K64Y, dentre outros, serão as versões com o gene YieldGard.

A tecnologia da Monsanto ainda está presente nas variedades que serão ofertadas pela Sementes Agroceres, com dez híbridos, e pela Agroeste, com três. Já os híbridos de milho desenvolvidos pela Syngenta, com a tecnologia Bt, serão comercializados com exclusividade pela própria empresa. As outras marcas licenciadas para a tecnologia YieldGard são as seguintes: Dekalb, Sementes Agroceres e Agroeste. Posteriormente, outras marcas do mercado poderão ser licenciadas, a depender de negociações neste sentido.

Todos os híbridos GM (veja quadro) serão também vendidos na versão normal. Isso quer dizer que estes híbridos são oferecidos com ou sem a caracte-

rística de resistência a pragas. Em outras palavras, o agricultor pode optar por comprar um híbrido de milho que atende às suas necessidades em termos de produtividade, resistência e condições climáticas, etc., nas versões convencional (principalmente se não há incidência das lagartas a que esta tecnologia é resistente na sua região) e geneticamente modificado, que inclui o gene que confere resistência a três lagartas.

Futuro imediato — A Syngenta está trabalhando para que toda a sua linha de híbridos de milho contenha a tecnologia Bt e comercializará no Brasil, já nessa safra de verão e na próxima safrinha, os principais híbridos do seu atual portfólio, bem como novos lançamentos desenvolvidos para o mercado brasileiro. Agrisure TL é o conceito global utilizado para as sementes geneticamente modificadas da Syngenta, isto é, todos os milhos híbridos convencionais da empresa podem ser convertidos para geneticamente modificados. Assim, o produto, com nome ainda a ser definido, levará o “TL” no final.

O Conselho Nacional de Ministros, responsável pelas aprovações comerciais na área de biotecnologia, validou em fevereiro a aprovação técnica dada pela CTNBio para o milho LibertyLink, da Bayer CropScience, para o uso em alimentos, ração e cultivo no Brasil. Lançado em 1995 nos Estados Unidos, o milho LibertyLink esteve em análise para aprovação no Brasil há dez anos e será uma alternativa que favorecerá a produção de milho de forma sustentável. Esta tecnologia possibilita a utilização do herbicida à base do glufosinato de amônio, porém sem restringir o agricultor de optar por qualquer outro herbicida que já utilize e seja indicado no país.

A expectativa entre os produtores é grande, diante das vantagens anunciadas pela indústria para milhos geneticamente modificados. A principal vantagem é a redução de gastos com aplicações de inseticidas. Na análise do pesquisador da Embrapa Milho e Sorgo Antônio Álvaro Corsetti Purcino, o milho modificado abre uma nova porta de possibilidades para o agronegócio no mundo inteiro, porque são tecnologias que bene-

ficiam o produtor e a agricultura. Ele explica que as cultivares liberadas para comercialização no Brasil destinam-se apenas para o enfrentamento das ameaças às lavouras, ou seja, não foram desenvolvidas para aumentar a produtividade.

De acordo com o pesquisador, o aspecto mais importante é o da sustentabilidade, porque a tecnologia oferece ao produtor maior segurança no manejo com a cultura. “Ele vai pagar a mais pelo preço da semente, mas sua utilização vai diminuir os custos de produção em função do uso de agroquímicos. O gene Bt economiza na quantidade de aplicações de defensivos e na passagem de máquinas na lavoura”, observa Purcino.

Para a Embrapa, a liberação comercial desses milhos transgênicos no Brasil deve ser acompanhada de recomendações técnicas que permitam a coexistência das diferentes formas de agricultura (convencional, transgênica, orgânica e agroecológica), garantido o direito de escolha dos consumidores e dos produtores. A recomendação é de que o produtor observe rigorosamente as instruções sobre a utilização dessa nova tecnologia.

Os estudos realizados pela Embrapa nessa área levam em conta os resultados observados nos países onde esses milhos transgênicos foram aprovados para o cultivo comercial. Mas ainda que todas as evidências indiquem que eles são seguros para consumo o humano e animal e não apresentam impactos ambientais significativos, a análise de risco ambiental deverá ser realizada para as condições brasileiras.

Área em 2008 — Embora nenhum número ainda seja oficial, a safra de verão deverá contar com pelo menos 400



Arquivo Embrapa Milho e Sorgo

Segundo Purcino, da Embrapa, a semente será mais cara, mas o custo com defensivos vai diminuir

mil hectares de transgênicos, conforme as previsões mais otimistas do setor. A estimativa é de que 400 mil sacas de 20 quilos dos milhos transgênicos sejam ofertadas pelas empresas sementeiras. A quantidade deverá aumentar significativamente na safrinha do próximo ano, que

também contará com sementes multiplicadas no Brasil.

O entusiasmo em relação ao milho transgênico também é grande entre os produtores. “Sobretudo diante das vantagens que as novas variedades Bt terão sobre as variedades de milho

convencional”, afirma o produtor e presidente do Clube dos Amigos da Terra (CAT) de Tupanciretã/RS, Almir Rebelo. “O milho resistente a insetos vai aumentar a competitividade do milho brasileiro, sem dúvida. Além disso, estamos esperando a aprovação do milho resistente à seca, que será de enorme valia no Rio Grande do Sul”, assinala o produtor.

A região é uma das que mais sofrem com o ataque de lagartas, o que tem sido um fator limitante para a expansão da área de milho. Tupanciretã é um dos pioneiros do Brasil no plantio de soja transgênica e lidera a produção dessa oleaginosa na Região Sul, com 136 mil hectares. Com a introdução do milho Bt, os produtores da região estimam uma economia de acima de R\$ 50 por hectare com a redução do uso de defensivos. Como a região cultiva 10 mil hectares, os produtores economizariam aproximadamente R\$ 500 mil por safra. O custo hoje na região é de aproximadamente R\$ 1,3 mil/hectare. 

HÍBRIDOS GM NO MERCADO

Sementes Agroceres (10 híbridos) — AG 6018 YG, AG 7000 YG, AG 8011 YG, AG 8015 YG, AG 8021 YG, AG 8060 YG, AG 8066 YG, AG 8088 YG, AG 9010 YG e AG 9020 YG;

Agroeste (3 híbridos) — AS 1551 YG, AS 1592 YG e AS 3421 YG;

Dekalb (11 híbridos) — DKB 185 YG, DKB 214 YG, DKB 215 YG, DKB 240 YG, DKB 330 YG, DKB 350 YG, DKB 390 YG, DKB 393 YG, DKB 466 YG, DKB 566 YG e DKB 950 YG;

Pioneer (13 híbridos) — Pioneer 30F53Y, Pioneer 32R21Y, Pioneer 30P34 Y, Pioneer 30R50Y, Pioneer 30F34, Pioneer 30K73Y, Pioneer 30K64Y, Pioneer 30K75Y, Pioneer 3021Y, Pioneer 30F80Y, Pioneer 30F90Y, Pioneer 30S40Y e Pioneer 30A04.

Divulgação

TECNOLOGIA QUE PROTEGE NOSSO FUTURO

SEMENTES AGROESTE
AGORA COM A TECNOLOGIA YIELDGARD®!

Híbridos Agroeste + Tecnologia YieldGard = zelo pelo meio ambiente, por nossa saúde e por nosso futuro. A tecnologia YieldGard protege a planta do ataque de algumas espécies de insetos-praga, reduzindo os seus danos na cultura do milho, além de diminuir significativamente o impacto ambiental com a redução do uso de inseticidas produzindo alimentos mais seguros. Procure o representante Agroeste de sua região e descubra como produzir mais e melhor, com qualidade de vida.

MAIS INFORMAÇÕES ACESSO:
WWW.YIELDGARD.COM.BR



agroeste
Quem planta colhe mais!
www.agroeste.com.br

BRANCO MAIS TRANSGÊNICO



Escolha do Leitor

Os dados não são oficiais, mas estima-se que as lavouras com algodão geneticamente modificado já ocupem 50% da área da pluma no Brasil

Gilson R. da Rosa

O ano de 2007 foi marcado pelo avanço das culturas transgênicas no mundo inteiro, entre elas o algodão. O número de países que cultivam lavouras geneticamente modificadas (GM) subiu para 23 (12 países emergentes e 11 industrializados). Os principais, em ordem de hectares cultivados, são: EUA, Argentina, Brasil, Canadá, Índia, China, Paraguai, África do Sul, Uruguai, Filipinas, Austrália, Espanha, México, Colômbia, Chile, França, Honduras e República Tcheca. O Brasil foi o que registrou o maior aumento na área de cultivares modificadas, com expansão de 3,5 milhões de hectares frente à área plantada na safra anterior. Os dados integram o relatório Situação Global da Comercialização de Lavouras Geneticamente Modificadas: 2007, elaborado pelo Serviço Internacional para

Aquisição de Aplicações em Agrobiotecnologia (ISAAA, na sigla em inglês).

De acordo com o estudo, de uma safra para a outra, o Brasil ampliou de 11,5 milhões para 15 milhões de hectares sua área com transgênico. O carro-chefe continua sendo a soja, que representa 96,7% do total. E a estimativa é de que 500 mil hectares são de lavouras de algodão resistente a insetos, exclusivamente o Bollgard 1, da Monsanto, liberado para plantio no país em 2005, e que para a safra 2008/2009 deverá representar metade das lavouras de algodão. E no final de agosto, uma boa notícia: a pedido da Bayer CropScience, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) aprovou para uso comercial a segunda variedade de algodão transgênico do país, o Liberty Link, resistente ao herbicida glufosinato

de amônia. A próxima etapa é a liberação (ou não) pelo Ministério da Agricultura. O pesquisador Paulo Barroso, da Embrapa Algodão e membro da CTNBio, explica ainda que há outros dois eventos aguardando liberação: Roundup Ready (Bollgard 2), da Monsanto, e o Wide Strike, da Dow Agrosciences.

As últimas deliberações do Governo Federal relativas aos organismos geneticamente modificados (OGMs) na cultura algodoeira no Brasil, como a Portaria nº 437 de 21 de outubro de 2005, indicam para a tendência futura do uso comercial de variedades transgênicas em território brasileiro. Na primeira safra com algodão transgênico, a de 2005/2006, do 1,058 milhão de hectares cultivados com a pluma, 120 mil hectares foram plantados com o algodão Bollgard. No

entanto, a exemplo do que ocorreu com a soja, o produtor brasileiro não esperou a aprovação oficial do uso da biotecnologia para o algodão e iniciou o seu uso antes da aprovação. Assim, em 2006/2007, mesmo com pouca disponibilidade de sementes GMs, cerca de 13% da área total cultivada com algodão já era ocupada por variedades transgênicas adquiridas no mercado paralelo de sementes.

Apesar deste crescimento, prevalece a Portaria nº 437 (de 21/10/2005), do Ministério da Agricultura, sobre os organismos geneticamente modificados, que define as zonas proibidas para as sementes transgênicas de algodão no país. A medida visa a proteger as áreas com cultivo de espécies tradicionais e naturalizadas de algodão, além de assegurar que a inovação não altere a estrutura produtiva existente. Segundo os estudos e a orientação técnica da Embrapa, estão incluídos na zona restritiva os

Estados de Amazonas, Pará, Acre, Amapá, Rondônia, Roraima e Tocantins, bem como parte do território dos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia, Maranhão, Paraíba e Rio Grande do Norte. Desta forma, ficam isentos da medida tradicionais Estados como Paraná e São Paulo, na parte meridional.

Produtividade — A cultura do algodão é caracterizada por severos ataques de pragas e doenças, que causam perdas na produção mundial estimadas em 37%, dos quais 13 pontos percentuais causados por insetos. Levando em conta os ganhos de produtividade decorrentes da adoção do algodão geneticamente modificado em países como Austrália, África do Sul, Argentina, China e Índia, a Céleres Consultoria calcula que a área plantada total de algodão do Brasil deverá crescer dos atuais 1,1 milhão de hectares para 2,8 milhões de hectares na safra 2016/2017.

Entre as vantagens descritas por pesquisadores em relação à adoção da tecnologia transgênica está o aumento de produtividade e a redução no uso de defensivos. No caso do Bollgard, o diferencial está na eficiência no combate a pragas como o *Lepidópteros* e na produtividade média 7% maior em relação ao algodão convencional. Tais resultados integram um estudo coordenado pelo gerente técnico de algodão da Monsanto, Fabiano Ferreira, que, juntamente com uma equipe, avaliou a eficiência da variedade transgênica com relação à praga, comparando-a a variedades convencionais, uma com a aplicação de inseticidas e outra sem aplicação química.

Conforme Ferreira, o algodão Bollgard foi desenvolvido pela Monsanto com o objetivo de proteger as lavouras do ataque de algumas das pragas mais comuns (lagarta-da-maçã, curuquerê e lagarta rosada), graças à expressão de uma proteína do *Bacillus thuringiensis* (Bt), uma bactéria encontrada naturalmente no solo e que, por sua ação inseticida, é utilizada pela agricultura orgânica há décadas. “O controle seletivo inserido no algodão permite, ainda, reduzir os riscos presentes no tradicional controle químico com inseticidas. Esta é sua principal vantagem: menor número de aplicação de inseticidas, refletindo positivamente na vida do agricultor, uma vez que ele, sua família, aplicador, propriedade e o meio ambiente se tornam menos expostos aos agroquímicos”, destaca o executivo. 

A safra 2008/2009 deverá ter 500 mil hectares de algodão geneticamente modificado



Leandro M. Mitmann

Esta reportagem foi escolhida pelo leitor da revista A Granja, que votou por meio da newsletter Agronews. Aproveite agora e escolha entre as três reportagens que estão em votação a que você prefere ver estampada nas páginas de nossa revista.

Caso ainda não receba a newsletter, cadastre-se no site www.agranja.com

Há 25 anos pesando o agronegócio no Brasil.

A Saturno tem orgulho de estar ao lado daqueles que plantam, colhem, produzem, industrializam, transportam e ocupam um importante papel na economia do país. A Saturno acredita e aposta nas riquezas de nossa terra, utilizando recursos nacionais e valorizando a capacidade dos que constroem o futuro da nação.

Balanças rodoviárias, ferroviárias, rodo-ferroviárias e industriais.
Pesagem dinâmica e automação.

Saturno BALANÇAS 25 ANOS
Parceria de verdade. 1983 / 2008



Rua Major Sezefredo, 155. Canoas/RS - CEP 92020-570. Fax 51. 3463.1009

FILIAIS

São Paulo/SP
11. 3271.8744

Cuiabá/MT
65. 3625.3949

Belo Horizonte/MG
31. 2557.3686

Curitiba/PR
51. 9342.5910

www.saturno.ind.br

51. 3462.7400



mtc SATURNO



Divulgação

PEQUENOS EM QUINTA MARCHA

O Programa Mais Alimentos tem como meta incentivar a mecanização em massa nas propriedades familiares, que deverão comprar 60 mil tratores até 2010

Gilson R. da Rosa

Agricultura familiar é a grande aposta do Governo para elevar a oferta de alimentos e ajudar a conter a alta da inflação. A idéia defendida pelo presidente Lula no lançamento do Plano Safra Mais Alimentos 2008/2009 não se resume apenas em “acabar com a agricultura de subsistência”, mas imprimir um salto qualitativo ao segmen-

to com base no modelo de mecanização adotado pelo agronegócio empresarial. O programa é coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e tem o objetivo de ampliar a oferta de alimentos por meio do aumento da produção e da produtividade da agricultura familiar. A meta é elevar a produção em 18 milhões de toneladas por

ano. Até 2010, o volume de crédito chegará a R\$ 25 bilhões e vai beneficiar 1 milhão de produtores familiares.

Segundo dados do MDA, a agricultura familiar é responsável pela produção de 70% dos alimentos consumidos atualmente no Brasil. Têm maior participação o feijão (67%), a mandioca (89%), o frango (70%), suínos (60%) e o leite (56%). Com

o Mais Alimentos, o Governo deverá destinar R\$ 13 bilhões em financiamento do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) no período de 2008/2009. O orçamento para investimento nas pequenas propriedades crescerá R\$ 1,2 bilhão, chegando a R\$ 6 bilhões na próxima safra.

O plano de mecanização da produção familiar, similar ao Moderfrota oferecido aos empresários rurais a partir de 1998, prevê um forte subsídio ao financiamento de tratores, máquinas, equipamentos e implementos agrícolas. Um acordo inédito firmado com a indústria (Abimaq) permitirá descontos médios de 15% para até 20 mil tratores com potência de até 75cv. Os empréstimos de até R\$ 100 mil por beneficiário terão juros anuais de 2%, dez anos de prazo para pagar com três de carência.

A perspectiva do MDA é de que, até 2010, sejam comercializados 60 mil tratores e 300 mil máquinas e implementos, com linhas de financiamento e descontos de até 17,5% para os agricultores de baixa renda. Em dois anos, o volume de crédito da linha Mais Alimentos chegará a R\$ 25 bilhões e beneficiará 1 milhão de produtores familiares. O Governo também prevê a ampliação da assistência técnica e extensão rural. Os recursos para Assistência Técnica e Expansão Rural (Ater) passam de R\$ 168 milhões, na safra passada, para R\$ 397 milhões. Há ainda a meta de, em dois anos, ampliar de 20 para 30 mil o número de técnicos em extensão rural.

Assistência técnica — O impacto das medidas anunciadas pelo Governo é visto com otimismo, mas também com algumas ressalvas, sobretudo por especialistas que conhecem na prática a rea-

lidade dos pequenos produtores. Para o professor da Faculdade de Agronomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) Luiz Fernando Coelho de Souza, os resultados obtidos pelo segmento poderiam ser ainda maiores se as propriedades de economia familiar tivessem mais acesso não apenas a linhas de financiamento, mas, acima de tudo, a uma rede de assistência técnica comprometida e competente.

Ele estima que cerca de 47% das propriedades patronais tenha acesso a assistência técnica, enquanto na agricultura familiar este índice seja de apenas 16%. “Existe hoje abundância de crédito. O disponibilizado em 2007 não chegou a ser utilizado em sua totalidade. Este ano há mais. O grande receio é de que seja dado um mau uso a este recurso”, observa. “O Plano Safra é bom, mas se não houver um comprometimento das empresas de assistência técnica e extensão rural, das universidades, das escolas técnicas, das secretarias de agricultura estaduais e municipais, grande parte destes recursos será mal aplicada”.

A ausência deste comprometimento, segundo Souza, constitui o lado perverso da mecanização para os pequenos agricultores. “É muito comum o produtor que nunca teve uma máquina, com a facilidade de acesso ao crédito, comprar um trator, em geral importado, de baixa qualidade e custo, o qual não sabe operar e que, certamente, nunca conseguirá pagar. Tenho visto isto em minhas andanças por Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Tratores comprados com todo o comprometimento financeiro da família, puxando uma grade de dentes, de tração animal ou um arado, também de tração animal, sem nenhum proveito para o agricultor, a não ser sua



Divulgação

O pequeno precisa saber operar a máquina cara que adquirir, alerta Souza da Ufrgs

felicidade em ter uma máquina”, alerta.

Transição — Para o pesquisador e mestre em Agronomia-Economia Agrária do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) Rafael Fuentes Llanillo, o programa de modernização da agricultura familiar deverá acelerar um processo que já está em andamento. Ele explica que o maior problema enfrentado pelo agricultor que ainda não faz uso de máquinas é, normalmente, a falta de recursos. “Equipamentos como tratores, por exemplo, são unidades de capital relativamente grandes para os pequenos produtores. Ainda assim, com as melhorias na economia do país,

A Lange Termoplásticos empresa de transformação de polímeros desenvolve peças destinadas à área da agroindústria.

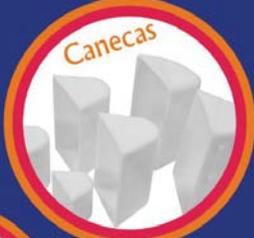
www.langetermoplasticos.com.br



Mancais para roscas elicoidais



Roletes para fita



Canecas



Caçamba vazada



Esferas

Fone: 55 3375 3113

Av. das Indústrias, 430
CEP 98280-000 - Panambi/RS

LANGE
TERMOPLÁSTICOS



Divulgação

Muitos agricultores bem-sucedidos na tração animal estão em transição para a mecanização, explica Fuentes, do Iapar

muitos agricultores bem-sucedidos na tração animal estão em transição para sistemas motomecanizados, adquirindo tratores e semeadeiras mecanizadas de pequeno porte para plantio direto, assim como outros implementos”, explica.

De acordo com Fuentes, que coordena o projeto Redes de Referência para a Agricultura Familiar – fruto do trabalho conjunto entre Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná, Iapar, Emater e agricultores –, o pequeno agricultor sempre se mecaniza quando pode. “Na

MERCADO PREVÊ AUMENTO DE VENDAS

A indústria brasileira de máquinas agrícolas prevê que os novos financiamentos à agricultura familiar contemplados pelo Programa Mais Alimentos deverão refletir positivamente nas vendas do setor já a partir de setembro e outubro deste ano. No primeiro ano-safra (que vai de julho de 2008 a junho de 2009), as empresas esperam vender a esse grupo de produtores entre 2 mil e 3 mil tratores, conforme a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). “O impacto maior vai começar a ser sentido somente em meados de 2009”, avalia o vice-presidente da en-

tidade, Gilberto Zago.

Dentre as iniciativas do Mais Alimentos está o acordo de cooperação entre MDA, a Associação Brasileira de Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq) e a Anfavea, para garantir descontos na aquisição de maquinários e condições especiais de financiamento. O acordo assegura descontos de até 17,5% no preço de tratores (até 75cv) e motocultivadores e de até 15% em implementos agrícolas e periféricos. O limite de financiamento é de R\$ 100 mil, com juros de 2% ao ano, até três anos de carência e até dez anos de prazo para pagamento.

prática, muitos pequenos produtores, sobretudo no Sul do país, com áreas entre 20 e 50 hectares, já são motomecanizados há alguns anos, seja com tratores próprios ou de terceiros. Aqueles que usam tração animal, quando podem, também se tratorizam.” O problema, segundo ele, é que boa parte desse equipamento já está sucateada, com mais de 20 anos de uso e necessitando renovação.

Outro aspecto dessa realidade, observado por Fuentes, é a tendência de produtores que cultivam áreas menores que 20 hectares, com tração animal, também buscarem acesso a tratores, seja individualmente ou em grupo. “Através do

Projeto Trator Solidário, do Governo do Paraná, ele pode obter descontos de 20% no valor dos tratores nas montadoras. Mesmo nas regiões mais acidentadas, um trator é sempre bem-vindo na lida com criações ou em culturas permanentes, como frutas, café ou florestas”, avalia.

Indústria — Um fator favorável ao incremento da mecanização na agricultura familiar é o fato de o Brasil estar bem estruturado em termos de indústrias de máquinas para pequenos, médios e grandes produtores. “Somos exemplos para todo o mundo na produção de plantadeiras de plantio direto manuais, animais e mecanizadas, que inclusive são exportadas para diversos países”, avalia Fuentes. “Os três Estados do Sul e São Paulo contam com diversas indústrias especializadas em pequenos produtores.”

O professor Souza, da Ufrgs, destaca que a indústria brasileira oferece uma ampla gama de equipamentos voltados, principalmente, ao segmento da agricultura familiar produtora de trigo, soja, leite e gado, com área de terras adequada. São semeadoras de plantio direto, equipamentos para aplicação de defensivos e tratores, que são exibidos nas principais feiras agropecuárias, em setores específicos para a agricultura familiar. Ele lembra que há poucos anos isto não ocorria. “O Agrishow, de Ribeirão Preto/SP, só recentemente destinou um espaço próprio para o segmento. Neste aspecto, porém, a Expointer, no Rio Grande do Sul, foi pioneira e creio que isto se deve muito ao trabalho da Ufrgs e da Emater”, avalia Souza.



Desde 1989
MARINI
Especialista no Campo



FABRICANTE DO:
M Rodado duplo
MARINI
(54) 3311 - 9968
(54) 3317 - 3143

www.marini.agr.br






A MARINI, desde 1989 é pioneira na fabricação de Rodados Duplos em todo o Brasil e países do Mercosul, e este ano comemora o seu **MILÉSIMO KIT RODADO DUPLO para tratores MF 660/680 e colheitadeiras MF 5650 e MF 32/34**, em uma parceria de 7 anos e com visão para muito mais, trabalhando de forma séria, trazendo inovação e qualidade ao campo. Parabenizamos nossos clientes, fornecedores e a rede de revendedores à comemorar mais esta conquista.

Expositor Expointer 2008
MARINI - Indústria de Máq. e Implem. Agrícolas Ltda.
Rua Deometildes Silveira, 292 - Dist. Industrial Invernadinha - Passo Fundo - RS

Cultivo mecanizado e conservacionista

— Equipamentos agrícolas de porte muito pequeno e de tração animal – boa parte fruto do trabalho de instituições de pesquisa – também começam a ganhar espaço e visibilidade em feiras e exposições nacionais. A Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) já desenvolveu dois projetos nesta área. O primeiro é um multiimplemento de tração animal, batizado de Kit Chang, projetado para ser utilizado em pequenas propriedades e assentamentos, sendo econômico e de fácil operação no campo. “O multiimplemento é constituído por uma barra de tração comum, com sete diferentes acoplamentos, incluindo um arado, um sulcador, um cultivador ajustável, dois cultivadores simples ou de cultivo conservacionista, uma grade de dentes e uma semeadora com adubadora de precisão”, descreve o professor da Unicamp e coordenador do projeto, Antonio José da Silva Maciel.

A indústria brasileira oferece uma ampla variedade de máquinas para a agricultura familiar



Divulgação

O segundo projeto, desenvolvido a quatro mãos com o engenheiro agrícola Daniel Albiero, é um equipamento multifunção (preparo do solo, cultivo e plantio) de alta tecnologia, baixo custo de aquisição, simplicidade de operação, pouca manutenção e acoplado a um motorcultor, movido a biodiesel. O equipamen-

to, chamado Novo Dragão, acopla para-pow rotativo, semeadora de anel interno rotativo, adubadora de rosca cônica interna, sistema de acabamento de sulco e chassi porta-ferramentas. “Sua operação é simples e atende a todos os requisitos de semeadoras de precisão de alta tecnologia”, informa Albiero. 

Produtos com o melhor sabor da vida

The advertisement features a central image of a woman and three children sitting around a table, enjoying a meal of fried chicken and other snacks. In the background, there is a large industrial facility with the C.Vale logo. A circular logo on the right side of the image commemorates 45 years (1963-2008) of C.Vale. At the bottom, there are images of C.Vale product packaging for 'Grelhas', 'Mibanesa', and 'Aperitivos'.

1963 45 anos 2008
c.vale

Grelhas Mibanesa Aperitivos

(44) 3649-8367 - www.cvale.com.br comercial@cvale.com.br

campusubstatale

O QUE COMEÇA CERTO RENDE MAIS



Gilberto Rocca da Cunha, Genei Antonio Dalmago e João Leonardo Fernandes Pires, pesquisadores da Embrapa Trigo, de Passo Fundo/RS, cunha@cnpq.embrapa.br

O entendimento das bases que regulam a resposta das plantas cultivadas à disponibilidade de recursos do ambiente (radiação solar, regime térmico, água, nutrientes, etc.) permite inferências sobre possíveis efeitos diretos (rendimento e qualidade de produto colhido) e indiretos (doenças e pragas) do manejo da densidade de semeadura e do arranjo espacial de plantas,

em conformidade com as condições agroecológicas dominantes.

Atualmente, as plantas cultivadas se caracterizam por uniformidade genética (híbridos e/ou cultivares selecionadas a partir de cruzamento específico) e similaridade fenotípica. Também o uso de sementes certificadas (pureza varietal), com atributos de qualidade padronizados (tamanho, vigor, etc.), contribui para emer-

gência e desenvolvimento fenológico sincronizados de plantas. Isso determina a necessidade de maior atenção com o manejo da competição intra-específica (entre indivíduos da espécie cultivada), via densidade de semeadura e arranjo de plantas, com vistas a se obter uma melhor eficiência de captação e de capacidade de uso de recursos disponíveis, particularmente quando o rendimento de interesse

econômico é a quantidade de grãos por unidade de área (kg/ha, por exemplo).

Há que se combinar a densidade de semeadura (número de sementes depositadas no solo com vistas à obtenção de um número definido de plantas por unidade de área) e o arranjo espacial de plantas (distância entre linhas e entre plantas na linha de semeadura) para se manejar, da melhor maneira possível, o uso dos recursos do ambiente, reduzindo-se os efeitos prejudiciais causados por fatores bióticos e abióticos. Com isso, obtém-se maior rendimento de grãos colhidos e melhor qualidade de produto para fins industriais.

Conforme já referido, competição é o processo ecológico que determina a resposta dos cultivos à densidade de semeadura e ao arranjo de plantas. Ocorre que, quando plantas têm de dividir recursos insuficientes (radiação solar, água e nutrientes, por exemplo) para suprir suas necessidades conjuntas, esse processo pode afetar sua sobrevivência (elevar mortalidade) e reduzir o acúmulo de matéria seca total, influenciando negativamente no rendimento final da lavoura.

Diante do exposto, conclui-se que o manejo da competição, via densidade de semeadura e arranjo de plantas, é fundamental para se obter rendimentos máxi-

mos por unidade de área, especialmente em lavouras destinadas à produção de grãos, quer sejam de verão ou de inverno. Discutir essas particularidades é o objetivo deste artigo, que visa a chamar a atenção de técnicos e de agricultores sobre a importância de manejar adequadamente a prática de semeadura de lavouras sob condições ecológicamente diferenciadas.

No processo de semeadura, deve-se buscar garantir uma cobertura vegetal elevada e uniforme, desde o início do ciclo de desenvolvimento da cultura e, especialmente, nos períodos críticos do ciclo, quando mais efetivamente é definido o rendimento final do cultivo. Para as espécies cultivadas, geralmente, são bem estudadas as relações entre densidades de semeadura ótima e rendimentos máximos alcançáveis, em etapas do processo de pesquisa e desenvolvimento de materiais, previamente ao lançamento de cultivares/híbridos, em conformidade com as condições ambientais (locais e características da estação de crescimento). E por ser uma prática que está sob controle direto do produtor, o entendimento das suas implicações no rendimento final das lavouras é fundamental para se obter melhoria no desempenho dos cultivos, com

conseqüente maior lucratividade.

Densidade — É sabido que redução de densidades de plantas equivalentes produz efeitos mais marcados em cultivos com baixa capacidade de compensação (caso do milho), em comparação com cultivos com maior capacidade (soja, por exemplo). A plasticidade fenotípica de plantas individuais é ampla (no entanto, o desempenho de plantas livres de competição não está necessariamente correlacionado com o desempenho sob condições competitivas). E isso é que torna possível a compensação do rendimento em cultivos com populações menores que as tecnicamente indicadas. Entre os mecanismos de compensação mais importantes, destacam-se a capacidade de ramificação, exemplo da soja, o perfilhamento, nos cereais de inverno (trigo, cevada, triticale, aveias, etc.), a expansão foliar, típica do girassol, e a dinâmica de produção e senescência de folhas, além da geometria do dossel e a arquitetura de plantas.

Sob condições potenciais de cultivo (sem limitação de recursos e nem entraves de qualquer ordem), é a interceptação de radiação solar e a sua eficiência de uso que determinam a produção de matéria seca. A densidade e o arranjo de plantas, conforme frisado, afetam a capacidade

Em ambientes secos pode ser importante reduzir a população de plantas para poupar água para o período crítico



dos cultivos em interceptar radiação solar (ou capturar “luz”, radiação fotossinteticamente ativa, a partir de uma perspectiva ecológica). Há poucas evidências de efeito da densidade sobre a eficiência no uso da radiação solar. Por outro lado, é fato conhecido que, no início do ciclo, quando o índice de área foliar (IAF) é baixo, a interceptação é menor. Portanto, é incontestável que uma densidade mais elevada pode melhorar a interceptação inicial.

Radiação solar — A competição nessa etapa do ciclo somente se observa em densidades de planta muito elevadas. Todavia, mesmo que a produção aumente linearmente com a densidade de plantas, tem que se levar em consideração mesmo é a densidade crítica no período fenológico que define o rendimento (essa densidade crítica varia com o ambiente e com a cultivar, diminuindo com o avanço do ciclo e o crescimento das plantas). Nessa etapa, é importante que o cultivo tenha capacidade de interceptar pelo menos 95% da radiação solar incidente.

Por isso, é importante entender que uma densidade elevada de plantas na fase inicial do ciclo de desenvolvimento não necessariamente pode maximizar a captura de radiação solar no período crítico de formação dos componentes que definem o rendimento final, no caso de grãos (em ambientes secos, inclusive, pode ser importante reduzir a população, para poupar água para o período crítico). Também é fundamental entender que a qualidade da radiação (relação vermelho/vermelho distante) regula relações fotomorfogênicas. Por exemplo, o que ocorre em trigo, influenciando na exportação de fotoassimilados, contribuindo para baixar rendimento em cultivos com densidades elevadas.

A resposta mais frequentemente encontrada para a relação entre densidade/arranjo de plantas e órgãos de reserva nas espécies cultivadas (grãos, por exemplo) tem sido do tipo parabólica (exemplo: milho), em que rendimento de grãos e outros componentes de rendimento decrescem em densidades mais elevadas que as indicadas. Isso ocorre porque a translocação de recursos para os órgãos de reserva é afetada pela competição. Em geral, o índice de colheita tende a declinar com a elevação da densidade. Também há quem considere como mais adequado, para descrever



A interceptação da radiação solar e a sua eficiência de uso determinam a produção de matéria seca

Leandro M. Mitrani

essa relação entre rendimento de grãos e densidade de plantas, um modelo assintótico (mais comum em soja).

Época de plantio — A estação de crescimento, por sua vez, a data de semeadura, deve ser considerada na definição da densidade e arranjo de plantas nas lavouras. Pelo momento da semeadura se pode inferir sobre a duração do período da estação de crescimento (maior ou menor). Em geral, atraso de semeadura pode requerer aumento de densidade para se obter máxima produção, uma vez que o rendimento das plantas individualmente pode ser reduzido. O momento da semeadura irá determinar as condições de ambiente mais prováveis no período crítico de definição do rendimento no ciclo dos cultivos. Também não se pode perder de vista que a resposta do rendimento dos cultivos à densidade/arranjo de plantas é fortemente condicionada pela disponibilidade

de de nitrogênio e água.

Por ser a semeadura uma prática controlada pelo produtor, que não eleva custo de produção e que exerce influência marcante no rendimento final dos cultivos, está a merecer melhor atenção pela assistência técnica e pelos agricultores. Seguir as indicações técnicas por cultivar/híbrido, oriundas do desenvolvimento do produto, levar em consideração o local da lavoura (região) e o momento da semeadura (data), as características da semente (tamanho, peso, PG, vigor), fazer a regulagem sistemática da semeadora (distribuição de sementes e profundidade de semeadura) e realizar a operação com uma velocidade de semeadura compatível com as características do terreno são fundamentais para se obter uniformidade populacional de plantas e maximizar a exploração dos recursos do ambiente.

ANÚNCIO

TRIGO

AMARELO, SÓ SE FOR DE MADURO

A esperada ampliação da safra do trigo em 2008 passa necessariamente por uma variante: o controle das doenças. Da identificação correta da moléstia ao tratamento químico, são muitos os cuidados do produtor

Gilson R. da Rosa

O ano de 2007 registrou uma retomada muito forte na adoção de tecnologia na cultura do trigo, com resultados expressivos em produção e em produtividade. Conforme o levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a produção nacional saltou de 2,2 milhões de toneladas, na safra 2006/2007, para 3,8 milhões de toneladas em 2007/2008. E a estimativa para 2009 é otimista: 5,2 milhões de toneladas, incremento de 38,1% ou 1,46 milhão de toneladas a mais em relação à safra anterior.

Tal expectativa, no entanto, dependerá das condições climáticas que ocorrerão no desenvolvimento da cultura e que podem favorecer o surgimento de doenças, principalmente aquelas causadas por fungos. De acordo com o engenheiro agrônomo Benami Bacaltchuck, diretor-presidente da Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro), do Rio Grande do Sul, a adoção de medidas preventivas permite retardar o início das doenças e reduzir danos de pragas e perdas com a concorrência de plantas daninhas. Mas o produtor precisa estar atento às características específicas de cada uma.

Segundo Bacaltchuck, cada enfermidade apresenta suas particularidades, tornando necessária a utilização de medidas que as controlem ou, ao menos, minimizem os seus efeitos. “Os controles cultu-

ral e químico têm sido os processos mais usados pelo sistema produtivo para se defender das doenças que são prevalentes em uma região ou safra”, revela. “Mas sem a habilidade de identificar, de forma correta, as enfermidades, sem avaliar o potencial de dano que elas possuem e sem o conhecimento das formas de utilizar ou o momento de aplicar fungicidas, não haverá segurança para que se continue a explorar economicamente o trigo como uma cultura importante para o sistema de produção, principalmente na Região Sul”, observa.

Estudos realizados pela Embrapa Trigo, sediada em Passo Fundo/RS, mostram que a quantidade de doenças causadas por fungos, bactérias ou vírus na cultura do trigo alcança um número que ultrapassa a meia centena. Felizmente, nem todas apresentam importância econômica, ou mesmo ocorrem no Brasil. As mais comuns são oídio, giberela, mancha-marrom, mancha-das-glumas, ferrugem-da-folha e brusone. Já as medidas de controle previstas no manejo integrado de doenças do trigo incluem, entre outras recomendações, o uso de sementes



Maciel, da Embrapa: a intensidade das doenças são consequência da temperatura e do período de molhamento das folhas

sadias, adubação equilibrada, tratamento de sementes com fungicidas, rotação de culturas, resistência genética (uso de cultivares resistentes) e aplicação de fungicidas na parte aérea.

O pesquisador da Embrapa Trigo João Leodato Nunes Maciel explica que a intensidade das epidemias que cada doença pode desenvolver e os danos que as mesmas podem provocar dependem de dois fatores que estão inteiramente associados à questão climática, à temperatura e ao período de molhamento da superfície das plantas. “O fungo causador do oídio é uma das exceções a essa regra, na medida em

MANEJO É UM ALIADO NA PREVENÇÃO

A ocorrência de doenças está associada à sensibilidade das cultivares, ao surgimento de novas raças de agentes causadores de doenças, ao manejo e às condições climáticas. A primeira orientação da equipe técnica da C.Vale Cooperativa Agroindustrial – com atuação no Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraguai – aos produtores é tentar atrasar a ocorrência de doenças e pragas e reduzir a intensidade inicial por meio do uso de sementes certificadas (em que o risco de transmissão de doenças é menor) e da utilização de cultivares resistentes e de bom potencial produtivo.

Outra recomendação é a rotação de culturas, com intervalo de 18 a 24 meses para o uso da mesma cultura na mesma área. Esse cuidado serve para eliminar restos culturais capazes de servir de alimentos a pragas e doenças. O

uso de sementes tratadas com fungicidas ou inseticidas evita ou reduz o risco de que doenças e pragas existentes na semente migrem para a planta. Após o plantio, o monitoramento das doenças e pragas deve ser constante e, se necessário, com o uso de fungicidas e inseticidas específicos.

Estes procedimentos são seguidos à risca pelo produtor cooperativado da C.Vale Orlando Vendruscolo (foto), que cultiva 50 hectares de trigo numa propriedade de 100 hectares em Palotina, região oeste do Paraná. “Por aqui, nenhum problema de doença foi registrado este ano. Pelo contrário, está excelente. Até o clima está ajudando”, comemora. Segundo o produtor, a receita para uma lavoura saudável passa pela aplicação correta dos fungicidas e rende elogios aos produtos disponíveis no mercado para esta finalidade. “Em anos anteriores, a ferrugem e a bru-

sone causaram muitos prejuízos aqui na região. E nem os fungicidas resolveram. Algumas lavouras foram arrasadas pela brusone. Hoje me parece que os fungicidas estão melhores e mais eficazes. Há uns três anos não era bem assim”, compara o produtor.



que o processo de germinação dos seus esporos não depende de molhamento da superfície da folha”, acrescenta. Por outro lado, Maciel destaca que existe o caso da giberela, cujo processo infeccioso nas espigas depende da ocorrência de, pelo menos, 48 horas de molhamento contínuo. “No Rio Grande do Sul esta condição foi plenamente contemplada na safra de 2007, quando a giberela, favorecida pela ocorrência de um período prolongado de chuvas durante o espigamento, provocou enormes danos à cultura”, lembra o pesquisador.

O complexo das manchas foliares (mancha-marrom, mancha-amarela e mancha-das-glumas), as podridões radiculares e o mal-do-pé representam algumas das doenças cujo efeito da rotação de culturas, como estratégia de controle, é mais eficiente. A rotação de culturas é uma medida de controle cultural de doenças que impede a sobrevivência dos chamados patógenos necrotróficos em função da falta de substrato (alimento) que a ausência da planta hospedeira proporciona a estes patógenos. Ao contrário, a monocultura permite que a cada período apro-

ximado de seis meses ocorra a reintrodução do substrato necessário ao desenvolvimento dos patógenos.

Quebra da resistência — A utilização de cultivares resistentes é uma das práticas mais importantes para o controle de doenças da cultura do trigo. Entretanto, uma das dificuldades para a sua adoção é a indisponibilidade de cultivares que apresentem níveis adequados de resistência a todas as doenças que ocorrem na cultura. Outra dificuldade relacionada ao uso de cultivares resistentes é a chamada “perda” ou “quebra” dessa resistência.

As pesquisas da Embrapa mostram que esta situação é bastante evidente no caso da ferrugem-da-folha, sendo freqüente o surgimento de novas raças, as quais podem se tornar importantes devido à sua ampla disseminação e/ou pela superação da resistência de uma cultivar amplamente cultivada. “É a partir das sementes que as doenças já podem começar a se desenvolver, portanto a proteção das mesmas ou a utilização de sementes livres de patógenos representa um passo fundamental para o estabelecimento de uma lavoura com boa sanidade”, recomenda o pesquisador Maciel.

el. “A avaliação da incidência de patógenos nas sementes, realizada em um laboratório de patologia de sementes, permite identificar qual o melhor fungicida que deverá ser utilizado no tratamento das mesmas.”

De maneira geral, os fungicidas indicados pela pesquisa para o tratamento de sementes de trigo apresentam boa eficiência para proteger e/ou erradicar os principais fungos que nelas ocorrem. Deste modo, o tratamento de sementes de cultivares suscetíveis ao oídio com fungicidas sistêmicos, especialmente o triadimenol, pode garantir proteção contra essa doença nos primeiros 45 a 60 dias de desenvolvimento das plantas.

Controle químico — No Brasil, as principais doenças das folhas controladas por meio da aplicação de fungicidas na parte aérea das plantas são a ferrugem-da-folha, o oídio e as manchas. A pesquisa recomenda que a aplicação de fungicidas seja realizada mais cedo, preventivamente, ou, no máximo, quando do aparecimento dos primeiros sintomas. Esta proposição é baseada no princípio de que o controle, sendo realizado mais cedo, atrasa o progresso inicial de desenvolvimento das doenças, evi-

ATENÇÃO COM AS MAIS PERIGOSAS

Levando-se em conta a freqüente necessidade de serem controladas pelo uso de fungicidas na parte aérea, o oídio, a ferrugem-da-folha, as manchas, a giberela e a brusone podem ser consideradas as doenças mais importantes da cultura do trigo no Brasil. Assim, é necessário conhecer algumas das características específicas dessas doenças para dimensionar a importância que representam para esta cultura.

Brusone – é uma doença que tem sido observada no norte do Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul e demais regiões do cerrado brasileiro onde se cultiva trigo. Possui esporos bastante leves, permitindo que os mesmos possam ser transportados a longas distâncias pelo vento.

Giberela – doença muito comum na Região Sul, especialmente no RS. É fungo de infecção floral. Várias espécies de plantas cultivadas como milho, sorgo, triticale, centeio, entre outras, são suscetíveis a essa doença.

Manchas foliares – representa um complexo de doenças. Na condição brasileira, pelo menos três doenças devem ser consideradas: a mancha-marrom, a amarela e a das glumas. As sementes e os restos culturais são os locais mais importantes para sobrevivência dos patógenos.

Oídio – ocorre em todas as partes das plantas, mas é mais comum na folhas e bainhas. Em anos secos, pode ocorrer a predominância dessa doença.

Ferrugem-da-folha – ocorre em praticamente todos os locais onde se cultiva trigo no mundo. No Brasil, o seu agente causal, o fungo *Puccinia triticina*, sobrevive durante o período de ausência da cultura em plantas voluntárias.

João Maciel-Embrapa Trigo



João Maciel-Embrapa Trigo



João Maciel-Embrapa Trigo



Leila Costamilan



João Maciel-Embrapa Trigo



tando-se os danos iniciais.

No caso da giberela, o objetivo do controle químico é a proteção à espiga, especialmente durante o período de florescimento. A recomendação é de que seja feito desde a emissão da espiga, principalmente se as condições cli-

máticas forem favoráveis à doença, ou seja, com temperaturas variando de 20 a 25°C e precipitação pluvial de, no mínimo, 48 horas consecutivas. Períodos prolongados de chuvas durante o espigamento afetam a eficiência do controle químico da giberela. Já a opção pelo controle químico da brusone, nas regiões de risco e tradicional ocorrência de danos, também deve ser feita com objetivo de proteger a espiga. Trabalhos de pesquisa verificaram que as “misturas” (estrobilurina + triazol) apresentaram controle mais efetivo dessa doença, comparativamente aos triazóis. 

mico da brusone, nas regiões de risco e tradicional ocorrência de danos, também deve ser feita com objetivo de proteger a espiga. Trabalhos de pesquisa verificaram que as “misturas” (estrobilurina + triazol) apresentaram controle mais efetivo dessa doença, comparativamente aos triazóis. 

PRINCIPAIS DOENÇAS E MEDIDAS DE CONTROLE

Doença	Agente causal	Principais medidas de controle
Mal-do-pé	<i>Gaeumannomyces graminis</i> var. <i>tritici</i>	Rotação de culturas
Podridão comum da raiz	<i>Fusarium graminearum</i> <i>Bipolaris sorokiniana</i>	Rotação de culturas Uso de sementes sadias Tratamento de sementes com fungicidas
Oídio	<i>Blumeria graminis</i> f.sp. <i>tritici</i>	Tratamento de sementes com fungicidas sistêmicos Uso de cultivares resistentes
Ferrugem-da-folha	<i>Puccinia triticina</i>	Uso de cultivares resistentes Tratamento com fungicidas na parte aérea
Mancha-amarela	<i>Drechslera tritici-repentis</i>	Rotação de culturas Uso de sementes sadias Tratamento de sementes com fungicidas Tratamento com fungicidas na parte aérea
Mancha-marrom	<i>Bipolaris sorokiniana</i>	Rotação de culturas Uso de sementes sadias Tratamento de sementes com fungicidas Tratamento com fungicidas na parte aérea
Mancha-das-glumas	<i>Stagonospora nodorum</i>	Rotação de culturas Uso de sementes sadias Tratamento de sementes com fungicidas Tratamento com fungicidas na parte aérea
Giberela	<i>Gibberella zeae</i>	Uso de cultivares tolerantes disponíveis atualmente O escalonamento da época de semeadura pode proporcionar escape da doença Tratamento da espiga com fungicidas
Brusone	<i>Pyricularia grisea</i>	Uso de cultivares tolerantes disponíveis atualmente Semeadura em época adequada Tratamento da espiga com fungicidas
Carvão	<i>Ustilago tritici</i>	Uso de cultivar resistente Tratamento de sementes com fungicida
Estria bacteriana	<i>Xanthomonas campestris</i> pv. <i>undulosa</i>	Rotação de culturas Uso de sementes sadias
Virose do mosaico comum do trigo	Soil-borne wheat mosaic virus - SBWMV	Uso de cultivares resistentes Evitar áreas com histórico da doença
Virose do nanismo amarelo da cevada	Barley yellow dwarf virus – BYDV	Uso de cultivares resistentes ou tolerantes Tratamento de sementes para controle do vetor

Fonte: Picinini & Fernandes, 2002
Guia de identificação de doenças em cereais de inverno, Embrapa Trigo

BIOCOMBUSTÍVEIS

A CERTIFICAÇÃO INTERNACIONAL NO HORIZONTE

***Projeto do International
Sustainability and Carbon Certification,
o ISCC, liderado pelo governo alemão, pode
ser o início da certificação global única e ambientalmente
sustentável dos combustíveis renováveis***

**Biodiesel europeu
gerado a partir da
amarelada colza também
se submeteria à
certificação internacional**

Glauco Menegheti, de Marche, Itália

Embora a inflação global seja resultado de uma meia-dúzia de acontecimentos, grosso modo foram os biocombustíveis pesadamente responsabilizados pela insegurança alimentar. O sintoma mais sensível do ponto de vista humanitário foi a alta dos preços dos alimentos, que gerou protestos nos países mais pobres (África, Caribe e América Central), onde as famílias gastam acima de dois terços de sua renda para comer. Os detratores dos combustíveis renováveis têm um forte argumento: 832 milhões de pessoas, nos cálculos da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), estão na corda bamba da insegurança alimentar.

Mas pouco se ouviu falar sobre o preço insano do petróleo, a especulação campeando livremente nas bolsas de commodities dos Estados Unidos, ou a imprevidência dos países ricos na diminuição dos seus estoques de grãos. Isso sem contar que os alimentos subsidiados da Europa simplesmente desestimularam a agricultura da África por anos. Com efeito, durante a cúpula da FAO sobre segurança alimentar, em meados de junho em Roma (Itália), o presidente Luiz Inácio Lula

da Silva disse que os dedos dos que apontam contra os biocombustíveis estão sujos de óleo e carvão.

Como num passe de mágica, o etanol brasileiro – com histórico de 33 anos e considerado referência no mundo, por gerar 8,3 vezes mais energia renovável do que a energia fóssil empregada na sua produção – foi colocado no mesmo nível do produto norte-americano, que utiliza como matéria-prima o milho e gera 1,5 vez a energia que consome. Pois é sob esse clima de conflito entre produção de comida e de biocombustíveis que ganha luz um projeto de certificação internacional (International Sustainability and Carbon Certification, ISCC), liderado pelo governo alemão, por meio do Ministério de Agricultura, Alimentação e Proteção ao Consumidor e da Agência de Recursos Renováveis (FNR).

Para atingir alguns dos objetivos de redução do efeito estufa, os países da União Européia (UE) terão que importar biodiesel e etanol, pois não têm como reconverter áreas destinadas à produção de grãos sem impactar drasticamente o preço interno dos alimentos. Ainda assim, são os maiores produtores de biodiesel no momento, responsáveis por 62% dos 9,2 bilhões de litros de biodiesel produzidos mundialmente em 2007. A Alemanha, por sua

vez, processou de 55% a 60% do total da produção européia. Não é coincidência, portanto, que a diretiva desse país seja bem mais ambiciosa em comparação à da UE: propõe que até 2011 se consiga reduzir de 30% a 40% dos gases de efeito estufa que emite. A meta européia é que até 2020 os biocombustíveis, e principalmente o etanol e o biodiesel, ocupem uma proporção de 10% na composição dos combustíveis fósseis – contra os 2% atuais. Isso representará um mercado anual de cerca de 20 bilhões de litros.

Na Alemanha, o tema envolvendo energias limpas ganhou relevância com a Lei de Biocombustíveis, sendo que na UE ocorreu por meio da Diretiva para a Promoção de Energias Renováveis e da Diretiva para a Qualidade dos Combustíveis. A legislação alemã estipula que produtos de energia serão apenas considerados renováveis se a biomassa utilizada em sua produção preencher determinados critérios de cultivo sustentável, proteção de habitats naturais ou se o produto provar um determinado nível de redução de emissões de carbono. A Comissão Européia propõe uma abordagem similar e almeja a introdução de um sistema que garanta a sustentabilidade.

O diretor do ISCC, Norbert Schmitz, é ciente do momento delicado

É HORA DE PARTIR RUMO ÀS NOVAS TENDÊNCIAS MUNDIAIS!



EUROTIER 2008 - Ponto de encontro mundial para profissionais de criação de animais e exibição internacional de BIOENERGIA

11 - 14 NOVEMBRO 2008 | HANOVER, ALEMANHA

Evento organizado pela DLG - Sociedade Alemã de Agricultura

pelo qual passam os biocombustíveis. O crescimento da população mundial e, principalmente, da capacidade de consumo nos países emergentes amplia a demanda por comida, energia e competição pelos usos da terra. Ao mesmo tempo, há muita pressão para que atividades econômicas de diferentes naturezas impactem menos o ambiente e se desenvolvam em bases sustentáveis.

Schmitz explica que atualmente existem diversas certificações, bastante diferentes entre si e que em sua maioria se orientam apenas para uma matéria-prima específica, não cobrindo as exigências de sustentabilidade. “Não existe um sistema único que cubra critérios de sustentabilidade e informação sobre emissões de gases de efeito estufa”, esclarece. O receio é de que essas diversas abordagens de certificação levem à utilização de diversos certificados ao mesmo tempo, ocasionando perda de credibilidade e eficiência, além do aumento considerável dos custos envolvidos.

Atualmente, cada vez mais se fala na Europa numa possível proibição da importação dos biocombustíveis. O intuito seria evitar efeitos ecológicos indesejáveis que a expansão da pro-

dução de biocombustíveis na Indonésia, Brasil e outros países poderá causar. “Só que desta maneira serão excluídos do mercado também os produtores que manufaturam biocombustíveis ecológicos e caracterizados por uma alta redução de emissões de carbono na atmosfera. Uma alternativa melhor do que o isolamento destes mercados é a certificação internacional de biocombustíveis sustentáveis. Assim, se diferenciam os biocombustíveis ecológicos daqueles que provocam danos ao meio ambiente”, justifica Schmitz.

Etapas — Durante 2006 e 2007, os técnicos da Meó Corporate Development GmbH e GlobalGap, ambas instituições privadas alemãs, criaram esse conceito de certificação para o governo germânico. No início de 2008, o programa foi aprovado e imediatamente deu-se início à fase-piloto, que visa a mostrar na prática a viabilidade da certificação. “Esse é o ponto que difere o programa alemão dos demais em andamento na Europa. O piloto testará os diferentes tipos de controles ao longo da cadeia produtiva e os aspectos comerciais da certificação”, assegura Fernanda Goulart, pesquisadora brasileira que

atua na Meó Corporate. Quatro países considerados estratégicos ao mercado de biocombustíveis europeu foram selecionados: Brasil, Argentina, Indonésia e Malásia.

Entre as etapas do projeto que deverão ser cumpridas estão os cálculos das emissões de gases de efeito estufa para biomassa e biocombustíveis diferenciados por região e o desenvolvimento de processos para a garantia de sustentabilidade na cadeia de valor agregado. Outro fator crítico de sucesso da certificação internacional é que todo o sistema de produção desperte credibilidade e confiabilidade ao escrutínio dos importadores. Isso quer dizer, por exemplo, que a produção da cana deve obedecer a boas práticas agrícolas e os proprietários das terras devem respeitar a lei ambiental brasileira, assim como as usinas não podem lançar efluentes nos rios e as traders comprar de quem faz tudo errado.

Do ponto de vista da produção, a certificação do governo da Alemanha propõe o uso sustentável do solo, que terras com altos estoques de carbono não sejam convertidas para produção de biocombustíveis. O mesmo serve para áreas com alta biodiversidade, que não podem ser tocadas. De acordo com Fernanda, da Meó Corporate, nada de novo foi inventado. “Aproveitamos tudo o que foi desenvolvido a respeito de certificações de biocombustíveis. Além disso, foram feitos estudos junto aos principais exportadores de biocombustíveis, como o Brasil, para se levantar os critérios de sustentabilidade e as questões enfrentadas nas diferentes realidades.”

Urgências — Os criadores da certificação não têm a ambição de que ela integre todas as facetas possíveis da sustentabilidade, mas que foque nos problemas mais urgentes. O sistema leva em consideração aspectos específicos, como a erosão do solo e impacto na disponibilidade e



Norbert Schmitz, do ISCC, explica que atualmente existem diversas certificações, bastante diferentes entre si e que não cobrem as exigências de sustentabilidade

contaminação de água. Nessa fase inicial, os organizadores pretendem envolver os representantes da indústria, comércio, agricultura e suas respectivas associações de classe, bem como os representantes da política e organizações não-governamentais para adequar as regras aos respectivos países. Além disso, a certificação deverá acontecer por meio de uma organização enxuta, de forma econômica.

O diretor do GlobalGap, Kristian Moeller, também observa outra vantagem de uma certificação reconhecida mundialmente. “Legislações nacionais e regras de governo a governo não são convincentes para algumas das mais importantes ONGs internacionais ambientalistas. Como nós pudemos observar no setor de alimentos, sistemas de certificação possuem uma forma bastante eficiente de introduzir mudanças.”

Protecionismo — A União Europeia impõe ainda uma barreira tarifária ao etanol brasileiro, com taxa de 60%. Desde outubro passado o Governo brasileiro vem negociando com a UE no sentido de reduzi-la. Até o momento, sem qualquer resultado. Nesse caso, os *players* que atingirem todas as exigências dos compradores poderiam conseguir uma cota generosa de exportação? “Se a tarifa de

importação será reduzida ainda está em aberto. Contudo, eu acredito que uma coexistência das produções europeia e brasileira seja a melhor solução”, avalia Schmitz. Na opinião do especialista, uma taxa de importação menor poderia resultar no colapso da produção europeia. 

Cada vez mais se fala na Europa de uma possível proibição da importação dos biocombustíveis de países como o Brasil para evitar efeitos ecológicos indesejáveis que a expansão da produção provoca



É TEMPO DE PRODUZIR
USE PROSOLO. O PRIMEIRO INSUMO DA SUA LAVOURA.

PROSOLO

O calcário da Môngo.

0800 9794962

INOVAÇÃO

VERDE-AMARELA

Nova recicladora de embalagens Campo Limpo é administrada pela indústria de defensivos, iniciativa pioneira do setor no mundo



Inauguração da unidade teve a presença do diretor-presidente do inPEV, João Cesar Rando

R\$ 20 milhões serão investidos até 2011.

Composta por 31 acionistas – fabricantes de defensivos agrícolas –, a unidade representa uma experiência única no mundo ao propor a produção de novas embalagens a partir da reciclagem e transformação das embalagens vazias. A empresa segue os conceitos de ecoeficiência, um dos maiores atributos do sistema, e atuará como um centro de desenvolvimento de novas tecnologias voltadas à reciclagem. Construída de forma a não gerar impacto ambiental, a unidade possui uma moderna estação de tratamento de efluentes de reaproveitamento da água da chuva e uso racional da luz solar.

A unidade tem capacidade de processamento de 4.500 toneladas anuais de plásticos, inicialmente para a produção de resinas pós-consumo e a partir de 2009 estará devidamente estruturada para fabricar embalagens plásticas, inclusive para a própria indústria de defensivos agrícolas. A Campo Limpo Reciclagem e Transformação é parte integrante do sistema de destinação final de embalagens vazias no Brasil, que passa a ser representado pela marca Campo Limpo Preservando o Futuro. A marca congregará todas as iniciativas deste bem-sucedido programa de preservação ambiental.

Portas abertas — Já no último 22 de agosto as comunidades de 77 cidades de 21 Estados tiveram a oportunidade de visitar as centrais de recebi-

mento de embalagens vazias de defensivos agrícolas de suas regiões para conhecer de perto o processo de destinação desses recipientes para reciclagem ou incineração. As atividades Portas Abertas marcam as comemorações do Dia Nacional do Campo Limpo, que entrou no calendário oficial brasileiro em abril passado. A data, criada em 2005 por iniciativa do inPEV, foi institucionalizada pela Lei nº 11.657/2008, cujo projeto foi elaborado pelo senador mato-grossense Jonas Pinheiro, falecido em fevereiro. “A institucionalização do Dia Nacional do Campo Limpo como data do calendário oficial brasileiro é uma grande vitória de toda a cadeia produtiva agrícola, pois cada elo dessa cadeia tem sua parcela de contribuição para o sucesso do sistema de destinação final de embalagens vazias de fitossanitários no país”, comemora João Cesar Rando, diretor-presidente do inPEV. 



A Campo Limpo Reciclagem e Transformação de Plásticos S.A., uma empresa idealizada pelo Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (inPEV), foi constituída com o objetivo de fechar o ciclo da gestão das embalagens pós-consumo dentro da indústria fabricante. Também para promover a auto-sustentabilidade do sistema de destinação final, de embalagens vazias de defensivos agrícolas, com benefícios gerados a todos os elos da cadeia. Localizada na cidade de Taubaté/SP, a nova recicladora recebeu até o momento investimentos da ordem de R\$ 8 milhões. E outros

O TRABALHADOR MAIS EFICIENTE É O TREINADO

ESPECIALISTA

Bento tem jornada diária de oito horas, mais uma hora de almoço, com um salário bruto de R\$ 1.500

O avanço da mecanização da colheita da cana é irrefreável. Além de atender a demanda com máquinas de alta tecnologia, é preciso capacitar seus pilotos

Texto: Delcy Mac Cruz

Fotos: Renato Lopes

Degnaldo Donizete Bento tem 26 anos, trabalha no corte de cana-de-açúcar no interior do Estado de São Paulo, mas nunca colocou as mãos em um podão, instrumento necessário para extrair a matéria-prima do açúcar e do etanol. Desde que começou na profissão, há seis anos, sempre esteve no comando das colhedoras. Ele integra a crescente legião de

pilotos dessas máquinas encarregadas de fazer o corte com produtividade cada vez mais surpreendente.

Na segunda semana de agosto, em meio a canaviais da região de Pirassununga, perto da Usina Ferrari, da qual é funcionário, Bento chegava a colher 40 toneladas por hora. Nem dá para comparar esta produtividade com a capacidade humana de corte. Segundo o

Instituto de Economia Agrícola, da Secretaria paulista de Agricultura e Abastecimento, a colheita manual em 2007 ficou em médias 8,76 toneladas por trabalhador – mas por dia. Quando o questionam sobre o fato de colaborar com a expulsão do trabalhador do campo, Deginaldo tem a resposta na ponta da língua: “A mecanização do corte há muito já esta-

va prevista e, portanto, houve tempo para o pessoal ser treinado e buscar alternativas de trabalho dentro ou fora do setor sucroalcooleiro”.

Ele reconhece, no entanto, ser difícil capacitar os 163,1 mil trabalhadores empregados na safra 2007/2008 no Estado, segundo a Secretaria da Agricultura. “Mas cada técnico deve fazer a sua parte e ajudar no treinamento do maior número de pessoas”, argumenta. “Eu mesmo já devo ter prestado ensinamentos de pilotagem a uns dez trabalhadores.” A capacitação dos pilotos é um capítulo à parte no universo da mecanização. Segundo estudo do Grupo Idea, especializado em prestação de serviços ao setor, com sede em Ribeirão Preto/SP, o país deverá fechar 2008 com uma frota de 2,2 mil colhedoras.

Não há estimativas oficiais sobre o avanço desse número de máquinas nos próximos anos, e a carta mensal com números dos fabricantes divulgada pela Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) não especifica, no segmento máquinas, se as colhedoras são da matéria-prima do etanol ou de soja. Mas uma avaliação de funcionários de fabricantes aponta para a necessidade de mais 1,2 mil colhedoras apenas para mecanizar o corte de toda a cana cultivada nos cerca de 3 milhões de hectares em São Paulo. Nesse Estado, protocolo assinado no ano passado entre o Governo Estadual e a Unica,

entidade representativa da maioria das fábricas paulistas, formalizou o compromisso de zerar o emprego de fogo até 2015. Na safra vigente, 45% dos canaviais já devem ir para o chão sem a queima da palha.

Diante de um crescente mercado como esse, a concorrência dos fabricantes é tão acirrada quanto a adequação dos profissionais. As empresas do setor são poucas: Case (do grupo Fiat), a americana John Deere e as nacionais Santal, de Ribeirão Preto, a Civemasa, de Araras/SP, e a Star, mais recente delas, de Sertãozinho/SP. Mas todas convivem com uma reviravolta no mercado de trabalho do setor não apenas por conta da busca de profissionais aptos a operar as máquinas, mas também devido ao nicho desse mercado que é a constante capacitação, porque não basta ao operador ler o manual de operação e assumir o volante. Ele precisa ter tarimba para assumir uma função que avança e se recicla tão rápido quanto o corte de cana pela máquina.

Com uma frota própria de 11 máquinas, a Usina Ferrari tem equipe de 98 funcionários apenas para o setor de logística. “Os cursos e treinamentos, aqui na companhia ou em auditó-



EXPERIÊNCIA

“Eu e a equipe fazemos os cursos, mas o dia-a-dia também reforça muito o aprendizado”, explica Alves

rios das revendas e concessionárias, são constantes”, revela o supervisor de colheita Marco Antonio Freitas. O operador Bento faz frequentes programas de reciclagem. “Um profissional só domina o comando de uma colhedora como a 3510 (*máquina da John Deere, operada por Bento*) após três anos de cursos e prática”, comenta. Ele atualmente é líder de colheita, profissional que, além de assumir a pilotagem, também comanda o trabalho de operadores em outras duas máquinas.

“Essas colhedoras têm sistema de cortadores com base flutuante, são reguladas pelo tempo e, assim, o piloto precisa conferir o relógio e a colheita das pontas da cana”, comenta. “Qualquer desvio, é ele quem assume o comando”. Bento tem jornada diária de oito horas, mais uma hora de almoço. Considera-se um craque no serviço. Tem salário bruto de R\$ 1,5 mil.

Pedro Alves, de 47 anos, é experiente no comando de máquinas porque trabalha com colhedoras desde 1990. Foi funcionário da extinta Usina Santa Lydia, de Ribeirão Preto/SP, por seis anos e passou outros 12 na Usina São Martinho, de Pradópolis/SP. Hoje, lidera equipe de operadores da Central Energética Ribeirão Preto (Cerp), com três estruturas de colhedoras que trabalham ao mesmo tempo e nas 24 horas do dia. “Eu e a equi-

O AVANÇO DAS MÁQUINAS

Colheita mecanizada em São Paulo

Safra 2007/08: 35%

Safra 2008/09: 45%*

*Estimativa

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA)



PREPARADOS

Na Usina Ferrari os cursos e treinamentos são constantes, revela o supervisor de colheita Marco Freitas

pe fazemos os cursos necessários, mas o dia-a-dia também reforça e muito o aprendizado”, diz.

Empresas — Já as empresas fabricantes não apenas investem em máquinas de alta tecnologia, como também em formas e mecanismos para que estas possam ser exploradas em suas potencialidades. A Case IH, detentora de 60% do mercado dessas máquinas em 2006, aposta inclusive na internet para aprimorar a capacitação dos profissionais. Por meio do seu site é possível ler e gravar até mesmo manuais de operação. Ao adquirir um produto da fábrica, o cliente leva também uma extensa literatura técnica de padrão mundial – catálogos de peças, manuais e livretos de garantia – com informações para o melhor aproveitamento do equipamento e maior produtividade do agronegócio. Toda essa busca de excelência das fábricas no atendimento aos clientes reflete, também, a corrida que há nesse atraente nicho de colhedoras de cana.

Os fabricantes mantêm-se vigilantes sobre essa gestão. Têm contatos diretos com os clientes usuários para acompanhamento da utilização das colhedoras no campo. Geralmente, tanto a fábrica como a rede possuem

MERCADO TEM MUITO A CRESCER

O mercado de colhedoras não tem volta. O potencial de crescimento da mecanização dos canaviais ainda é muito significativo. “Do total da área atual de cana – quase 7 milhões de hectares colhidos em 2007, menos de 35% são colhidos mecanicamente”, diz Flávio Nunes, supervisor de Vendas Cana da John Deere. “Como o potencial de colheita por máquina atual é de 82% das áreas, ainda há uma grande área que pode adotar a mecanização”. Walfner Leitão, presidente da San-

tal, tem opinião semelhante. “É esperada uma curva de crescimento (do mercado de colhedoras) até 2015. Depois disso, o crescimento deve estabilizar, mas significa que em dois anos o crescimento do parque instalado será de cerca de 50%”, afirma. No médio prazo (2015), estima, esse crescimento deverá saltar 300% em relação à frota atual. “Como de 2015 em diante o crescimento estabiliza, em 2020 a frota terá crescido aproximadamente 350%”, comenta.

uma equipe de campo para essa comunicação. “A fábrica mantém técnicos regionais e centros de treinamento para operadores e mecânicos dos clientes”, diz Flávio Nunes, supervisor de Vendas Cana da John Deere. “Existe, por exemplo, um grupo de Pós-Venda Canavieiro, que reúne técnicos de todos os concessionários com clientes produtores de cana”, descreve. “O grupo tem encontros mensais para trocar experiências e definir medidas para melhorar o atendimento”, diz.

A Santal possui uma Unidade de Negócios e Pós-Vendas e conta com produtos dedicados à formação da força de trabalho dos clientes. Essa unidade

tem três frentes relacionadas à capacitação. “Temos convênio com a unidade do Senai em Ribeirão Preto para cursos regulares para operadores de máquinas e mecânicos”, diz o presidente da empresa, Walfner Leitão. “Outra frente diz respeito à adaptação desses cursos regulares para aplicação nas próprias usinas, para os clientes que precisam treinar grandes turmas e que preferem realizar a capacitação *in house* em vez de deslocar os funcionários.” A terceira frente da unidade, segundo Leitão, é a entrega técnica. “Todo cliente Santal recebe, juntamente com o equipamento, instruções para operar a máquina (independentemente do treinamento ministrado)”, explica. ❸

GPS

Agricultura de Precisão
Pulverização / Mapeamento
Levantamento de Áreas
Distribuição de Fertilizantes e Calcário

All COMP
 Equipamentos de Precisão

Av. Pernambuco, 1207
 Fone: (51) **2102.7100 - Porto Alegre/RS**
allcomp@allcompgps.com.br



Renato Lopes

AS PRAGAS DA MECANIZAÇÃO

Invasoras de difícil (ou impossível) controle prejudicam demais a colheita mecanizada, um problema visto a crescente adoção de colhedoras nos canaviais

Delcy Mac Cruz

Corda-de-violão, maria-gorda, voadeira, melão-de-são-caetano, mucunha-preta e cipó-cabeludo dão nome a algumas das principais invasoras da cana-de-açúcar e ameaçam seu crescente cultivo porque muitas não têm métodos eficientes de combate. As invasoras avançam com a ex-

pansão da colheita mecanizada da cana, seja em áreas tradicionais da cultura, como o interior paulista, ou nas chamadas novas fronteiras, como o Triângulo Mineiro, em Minas Gerais, e os Estados do Mato Grosso do Sul e Goiás. Entre os técnicos do meio, a novidade já tem apelido: pra-

gas da mecanização.

As máquinas colhedoras avançam com força nos canaviais desde a década de 1990. Na região de Ribeirão Preto/SP, onde as áreas cultivadas com cana empregam tecnologia de ponta, a mecanização já responde por 60% do corte. Essa operação evita o

uso de fogo, o que favorece o meio ambiente e deixa no campo a palha não queimada. Mas é aí que entram e se beneficiam as ervas daninhas. A maioria apropria-se da palha para germinar e se multiplicar. Como se o resíduo da cana fosse uma colcha vegetal que protege quem está no seu interior.

A nova praga está na ordem do dia de discussões técnicas. Seminários sobre o tema têm-se tornado comuns. Entre julho e agosto, Ribeirão Preto sediou três encontros, dois deles do Grupo Idea e um da cooperativa Coopercitrus. O Instituto Agrônômico (IAC), de Campinas/SP, que mantém unidade focada em cana em Ribeirão, também promove reuniões periódicas para avaliar o tema. “O impacto dessas pragas na palha da cana muda completamente o ambiente de trabalho”, disse Dib Nunes, diretor do Idea, durante o evento do grupo, o Herbishow, em julho. Na oportunidade, Marcos Kuva, da Herbae Consultoria, e um dos palestrantes, explicou como o ambiente é afetado pelas ervas. A mucunha-preta, segundo ele, dissemina as sementes pela palha com a “forcinha” das próprias colhedoras que, ao cortarem a cana, ajudam a espalhar as sementes. Daí é só partir para a germinação e a invasora amplia sua população.

Kuva enumerou outras ações nocivas: a daninha soja perene (tem esse nome porque lembra um pé da oleaginosa) ataca mais nas regiões Norte e Nordeste do país, enquanto o cipó-cabeludo (parece mesmo um cipó cheio de garranchos) tem ramos tão volúveis que podem alcançar cinco metros. A boa notícia é que a identificação dessas ervas e sua expansão são mapeadas pelos técnicos.

Mas há uma notícia ruim: o combate a esses inimigos apenas engatinha. No caso da soja perene, conforme Kuva, nem se sabe se há algum trabalho sendo feito. Caso semelhante ocorre com a voadeira. O consultor desconhece alguma informação de controle da invasora, que chega a liberar 200 mil sementes por planta e, tão preocupante quanto, tem biotipo resistente ao glifosato. Essa é uma substância de agroquímico

criada especificamente para combater pragas. Mas, no caso, a voadeira é quem persegue o produto criado para eliminá-la.

Produtividade desaba — Estudo do Centro de Cana, do IAC, aponta que as “pragas da mecanização” não avançam apenas pela colcha de palha da cana-de-açúcar. Elas se aproveitaram também da luz, que é vital para o processo de fotossíntese da planta — e que a ajuda a amadurecer. Esse aproveitamento se dá pelo crescimento das ervas no pé da cana. Tornam-se trepadeiras que alcançam o topo da planta e interferem na luminosida-

de. Há previsões que indicam queda de 25% da produtividade da cana por conta do problema.

As invasoras desafiam até mesmo a indústria de herbicidas. Normalmente, a ação dos defensivos vigora por até 180 dias, depois de injetadas nas áreas com canaviais. Mas as sementes dessas ervas têm o “poder” de ficar dormentes e, assim, germinam em até um ano. “Elas são um desafio que o setor sucroalcooleiro precisa aprender urgentemente a dominar, sob pena de ser dominado”, alerta Dib Nunes Jr., diretor do Idea. 



INDESEJADA

Corda-de-viola é uma das espécies invasoras que atrapalham demais a colheita mecanizada

Divulgação



MAIS QUE FINANCIAMENTO, CRÉDITO **SOLIDÁRIO**

Bruno Pacheco
bruno@agranja.com

O difícil acesso às linhas tradicionais de crédito muitas vezes impede que pequenos produtores possam investir na diversificação de suas produções e ampliar seus negócios. Alguns agricultores dos mu-

nicipios amazenses de Tabatinga e Benjamin Constant, localizados na região do Alto Solimões, sabem bem o que é isso. As agências bancárias nesses municípios não atendem de forma adequada e permanente os pequenos

e miniprodutores rurais. Muitos precisam recorrer freqüentemente ao mercado financeiro informal, e os que obtêm acesso pagam tarifas altas de manutenção de contas e se submetem às políticas de taxas de juros elevadas.

A solução para esse e outros problemas enfrentados pela região foi encontrada durante um fórum promovido pelo Sebrae. O objetivo foi estimular a discussão, por intermédio da troca de experiências, dos mais diversos aspectos que envolvem a atividade de microfinanças. Entre os palestrantes, o presidente da Central Cresol Baser, Vanderley Ziger, que apresentou a experiência de sucesso do Sistema Cresol de Cooperativas de Crédito Rural com Interação Solidária. O sistema tem como princípio promover o desenvolvimento e a inclusão social dos agricultores familiares associados, por intermédio da aplicação ética do crédito. O Sistema Cresol Baser atende atualmente mais de 50 mil famílias associadas,

por meio de 75 cooperativas de pequeno porte, sendo 60 localizadas no Paraná e 15 em Santa Catarina.

Como funcionam as cooperativas — Os recursos para os agricultores são obtidos por meio da captação local, com depósitos à vista e a prazo — uma espécie de poupança — que os próprios agricultores fazem na cooperativa e que retorna para outro agricultor na forma de crédito. A outra forma de obtenção de recursos é por financiamentos como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), além de convênios com o Banco do Brasil.

Os agricultores são financiados por meio de projetos para as linhas do PRONAF, além de microcréditos. As taxas de juros do PRONAF são de acordo com as regras oficiais do programa. Para custeio, variam de 1,5% a 5,5% ao ano, com prazo de até dois anos. Já para investimento, entre 1% e 5% ao ano, com prazo de até dez anos. Nas linhas de crédito com recursos próprios os juros variam de 1% para crédito social e produtivo até 5%, que é o limite do cheque especial. Os créditos com recursos próprios podem ser feitos com prazo fixo ou em até 36 vezes. Grande parte dos associa-

Os recursos para os agricultores são obtidos por meio da captação local, com depósitos à vista e a prazo



Divulgação

dos tem menos de 20 hectares. Quando se associam, muitos nunca tiveram conta em banco, ou, se tiveram, nunca acessaram créditos nessas instituições. São agricultores familiares que historicamente foram excluídos do sistema financeiro tradicional e que até então não tinham acesso ao crédito rural.

O agricultor Jonismar Campos, que atualmente trabalha com fruticultura, espera poder ampliar seu negócio e atuar nos setores da apicultura e piscicultura; assim como Gracildo Costa, que hoje também lida com frutas, além de piscicultura, mas deseja intensificar seus trabalhos no cultivo do dendê. Jonismar Campos vê com entusiasmo estas iniciativas. “Com uma cooperativa no município é possível que cada produtor tenha acesso a crédito de acordo com sua produção, diferentemente dos bancos que estipulam um valor fixo, independente do que se produz”, explica. Já Gracildo Costa ressalta a animação dos produtores de Benjamin Constant e mostra interesse no projeto. “Queremos fortalecer o cooperativismo na comunidade. Para isso pretendemos, por exemplo, produzir material didático para ser distribuído e apresentado nas escolas”, conta.

All COMP
Equipamentos de Precisão

GPS

Mapeamento e cálculo de área com GPS

GARMIN Vendas, cursos e treinamento.

(51) 2102.7100
Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre/RS
vendas@allcompgps.com.br
www.allcompgps.com.br

MALUQUICES

RURAIS

Tenho um amigo, assinante de **A Granja** há mais de 40 anos, que sempre justifica o tanto de açúcar que bota no café: “De amarga já basta a vida”. Adoro café de boa qualidade e detesto café com açúcar ou adoçante, mas recorro à frase do velho amigo para informar que, podendo, prefiro fazer crônicas divertidas. Como esta de hoje, em que analiso as maluquices que tenho visto por aí.

A primeira delas foi a fazendinha que comprei de um vizinho, nas serras do Estado do Rio. Suas terras ficavam num vale muito bonito, em forma de “U”, mais de 1.200 metros de altitude, um frio dos diabos. Numa das encostas, o vizinho plantou capim-guatemala. Ao pé da outra encosta, isto é, do outro lado do vale, tinha o curral em que chegou a tirar 180 litros de leite por dia, não de quatro ou cinco vacas, como se usa hoje, mas de algumas dúzias de fêmeas bovinas da raça Jersey.

Como não tinha acesso por terra para adubar a capineira, nem que fosse em lombo de burro, o guatemala só dava um corte por ano, mesmo assim opilado. Cada feixe de capim descia preso a uma roldana, por intermédio de um cabo de aço que foi fixado à meia encosta, na capineira e na base da outra encosta, perto do curral. Os empregados levavam as roldanas nos bolsos, cortavam o capim, amarravam os feixes e soltavam o volumoso (e pesado feixe) amarrado às roldanas, que engatavam no cabo de aço. O feixe ganhava velocidade sem chegar ao curral a mil por hora, porque se abria em leque na viagem, funcionando como freio.

A maluquice era fascinante. Quando comprei as terras, fiz uma estrada de acesso à capineira, através do meu terreno, para levar o esterco do curral na carroceria de um caminhão militar, tra-

ção em dois eixos. Mas o capim continuou voando através do vale, para divertimento dos amigos que me visitavam.

Vejo, agora, que o cabo de aço vem sendo adotado em várias vinícolas do Rio Douro, em Portugal, com a seguinte diferença: as uvas descem ajudadas por motor estacionário, num sistema que atende pelo nome de funicular. Sem motor, meu cabo de aço era divertidíssimo.

Em minhas andanças rurais, vi maluquices que dariam assunto para um livro, ou dois. Quando vendi o vale frio, fui parar num vale quente, menos acidentado, onde tive uma porção de vizinhos muito mais loucos do que eu. Um deles, setentão, industrial farmacêutico, ótimo sujeito, trocava de namorada duas vezes por mês. Namoradinhas novas, na faixa dos 20 aninhos. Até aí, tudo bem. O que é de gosto regala a vida, já diziam nossos avós. A maluquice do bom velhinho materializou-se no estábulo de quatro pavimentos. No duro, mesmo: quatro andares. E isso numa fazenda de 500 hectares, onde havia espaço de sobra para fazer vinte estábulos planos.

Cevada e melaço chegavam de caminhão e eram bombeados para o quarto pavimento, de onde desciam por gravidade para os cochos do segundo andar. Não me lembro do que havia no pavimento térreo, mas me lembro perfeitamente de que as vacas subiam para o segundo andar numa rampa de piso emborrachado. A volta para o pasto – ou lá o que chamam de pasto naquela região – era divertidíssima: centenas de vacas escorregando pelas rampas emborrachadas. Acho – mas não posso jurar – que o terceiro pavimento funcionava como depósito e fábrica de ração. E certo é que a gente se divertia nas visitas ao vizinho, sem acesso à sede da fazenda, onde ficava guardada a namorada da quinzena. Sabíamos de sua existência porque ele circulava, de

carro, nas estradas e na cidade, para exibir sua gata quinzenal.

Quanto aos quatro andares do estábulo, a explicação era simples: medida de economia, porque o melaço, a cevada e a ração desciam para os cochos por gravidade. Economia, bem entendido, “depois” que os alimentos chegavam ao quarto andar, porque bombear tudo aquilo para cima custava uma fortuna. As vacas, esquiando pelo piso emborrachado cheio de urina e fezes, fariam economia de energia? E o consumo para escalar a rampa na ponta dos cascos, patinando na mesma mistura?

Outra maluquice característica da re-

Em minhas andanças rurais, vi maluquices que dariam assunto para um livro, ou dois

gião foi a piscina à prova de sapos, idéia do construtor de todas as piscinas, num raio de 50 quilômetros. O dispositivo anti-sapo consistia em uma espécie de marquise nos quatro lados da piscina – platabanda de concreto que se projetava, digamos, um metro de cada lateral do retângulo, revestida por cima com a antiderrapante pedra-de-são-tomé. Por baixo, ficava um buraco escuro, que servia de ninho para várias espécies de bichos, peçonhentos ou não.

O construtor garantia que a marquise impedia o pulo dos sapos na piscina: não sei, porque fiz a minha com um pedreiro importado de outro Estado, ao nível do gramado; em 10 anos, só caiu um sapo. Mês que vem conto outras histórias divertidas, para não ficar falando em corrupção, política, incompetência administrativa e seus muitos sinônimos. 

ANÚNCIO

UMA PROVISÓRIA CALMARIA

Uma calma tensão foi instalada sobre o setor agropecuário depois do voto decisivo do vice-presidente da Argentina, Julio Cobos, que serviu para colocar um freio sobre a questionada Resolução 125, que estabelecia taxas móveis sobre a exportação de grãos. Cessaram os bloqueios de estradas, mas persiste a desconfiança e algumas distorções que impactam a cadeia da comercialização, como as limitações para os prazos de declaração de vendas que são impostas aos exportadores. Esse quadro gera incertezas, que imediatamente são repassadas aos produtores. Nos primeiros

dias de agosto foram retomadas as negociações com o Governo, mas nada havia sido feito a respeito dos entraves oficiais que pesam sobre outras atividades vinculadas ao campo. O gado não tem preço por causa da intervenção do Estado nos frigoríficos, e o leite suporta um valor regulado pelo Governo, que lentamente vai caindo para valores abaixo dos custos. Está difícil prever como termina essa história, mas o certo é que até 2011 (ano de eleições na Argentina), o campo vai tolerar uma relação ríspida com um Governo que elegeu o setor como seu inimigo predileto.



Divulgação

SEM SAÍDA

O acordo firmado entre uma parte das entidades de produção leiteira (basicamente, nas bacias de Santa Fé, Córdoba e La Pampa) e o Executivo Nacional entrou em um preocupante período de sombras. Pouco se tem feito para respeitar o que foi acordado. Não há indícios de que seja colocada em prática uma política setorial de longo prazo, a ponto de que os produtores avaliam retomar seus protestos. Os criadores temem que, superado o conflito com os agricultores, a idéia de estabelecer um novo sistema de determinação de preços para o leite termine seus dias esquecida pelas autoridades. Os representantes da cadeia leiteira denunciam que a situação atual é mais complicada do que no início do conflito entre o Governo e o campo devido à Resolução 125. Dessa forma, a cada dia que passa, pelo menos um produtor de leite acaba abandonando a atividade para se dedicar à soja.



Divulgação

TRIGO

As novas estimativas indicam que a área a ser semeada com o cereal é de 4,5 milhões de hectares. Na primeira semana de agosto, cerca de 90% desse total já havia sido plantado.

SOJA

As primeiras projeções apontam uma nova alta da área que será dedicada à oleaginosa, em torno de 5%. Ainda há dúvidas quanto aos rendimentos que podem ser obtidos, uma vez que o conflito com o Governo pode afetar o uso de tecnologia nas lavouras.

CARNE

Com a obrigação dos frigoríficos de manter em suas plantas 75% do estoque para abastecer o mercado local, os preços do boi gordo continuam achatados pela maior oferta interna.

LEITE

Aqueles que aderiram ao pacto firmado com o Governo registraram uma pequena melhora dos preços, que no começo de agosto apontava para insuficientes US\$ 0,32 por litro. O pleito dos produtores indica um valor mínimo de US\$ 0,40 por litro.

MENOS POR MAIS

Durante o primeiro semestre deste ano, o Serviço Nacional de Sanidade e Qualidade Agroalimentar (Senasa) registrou exportações de carnes bovinas num total de 162.644 toneladas e US\$ 652,8 milhões. Os volumes exportados somam cortes da Cota Hilton, carnes frescas e processadas e miudezas e vísceras. Essa quantidade representa uma diminuição de 17% em relação ao mesmo período de 2007. Mesmo assim, quando considerado o valor financeiro, as vendas de carne bovina e derivados tiveram um incremento de 11% em comparação com o ano passado.

CRÉDITOS DE CARBONO E SPD, UMA OPORTUNIDADE FUTURA

Carlos Eduardo P. Cerri¹, Martial Bernoux², Brigitte J. Feigl³, Carlos Clemente Cerri³

¹Departamento de Ciência do Solo, Esalq/USP cepcerri@esalq.usp.br; ²Laboratoire MOST, Montpellier, França

³Laboratório de Biogeoquímica Ambiental, Cena/USP

Podemos dizer que há dois tipos de efeito estufa: o natural e o antrópico. O efeito estufa natural ocorre devido às concentrações de gases do efeito estufa na atmosfera antes do aparecimento do homem. A energia solar de comprimento de onda muito curto ultrapassa a atmosfera terrestre sem interação com os gases presentes nesta camada. Ao atingir a superfície terrestre a energia é refletida e volta para a atmosfera com um comprimento de onda mais longo (radiação infravermelha) que interage par-



Dirceu Gassen

As práticas agrícolas e as mudanças do uso da terra devido ao desmatamento são as principais fontes de emissão dos Gases de Efeito Estufa (GEE)

cialmente com os gases do efeito estufa presentes nesta camada. Parte dessa irradiação é absorvida na atmosfera, conseqüentemente aumentando a temperatura do ar. Essa interação permite que a temperatura média da atmosfera terrestre seja de 15°C. Caso não houvesse esses gases na atmosfera, a temperatura média seria 33°C menor, ou seja -18°C, o que inviabilizaria a vida atualmente existente.

A concentração de gases na atmosfera tem aumentado significativamente com o aparecimento das civiliza-



Sustentabilidade
Plantio Direto
Produção de Alimentos





Direct Grain

A adoção de sistemas de manejo conservacionistas como o sistema de plantio direto na palha evita a emissão de gases do efeito estufa para a atmosfera

ções, notadamente em meados do século XIX, quando teve início a Revolução Industrial. A utilização dos recursos naturais como carvão, petróleo e áreas florestadas fez com que a quantidade de gases, principalmente o CO₂, aumentasse exponencialmente até os dias de hoje. Esse aumento contínuo de gases na atmosfera trouxe como consequência maior interação com a radiação infravermelha emitida pela Terra e, conseqüentemente, aumento da temperatura do ar atmosférico. O aumento, segundo o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, em inglês) 2007 é de 0,76°C, e é o que se denomina de aquecimento global, que tem reflexos nas mudanças climáticas, como distribuição irregular das chuvas, aumento ou diminuição de temperaturas da atmosfera, elevação do nível do mar, entre outros.

O papel do Brasil — O padrão de emissão de gases pelas atividades humanas no Brasil é completamente diferente da situação global. As práticas agrícolas e as mudanças do uso da terra devido ao desmatamento são as princi-

pais fontes de emissão dos gases de efeito estufa (GEE). Aproximadamente, 75% do CO₂ que o Brasil emite para a atmosfera são derivados de práticas agrícolas e do desmatamento. Apenas 25% são provenientes da queima de combustíveis fósseis. O Brasil está situado em 17º lugar na classificação mundial dos países emissores de GEE, se não levado em consideração o desmatamento. No entanto, passa ao 5º lugar se considerado essa atividade humana.

Devido a este destaque ambiental internacional, as consequências econômicas futuras, sobretudo no que se refere às exportações do Brasil, ainda não são conclusivas. No entanto, pode-se pensar na possibilidade de sanções às exportações de produtos que não atendam aos anseios do mercado internacional. Do ponto de vista da produção de alimentos para exportação, o Brasil também se encontra numa situação vulnerável, uma vez que os cenários futuros para as mudanças climáticas globais indicam queda da produção agrícola, notadamente nas zonas tropicais. Isso pode ser uma ameaça ao nosso Produto Interno Bruto, que depende atualmente do agronegócio.

Mercado do carbono — Com o intuito de combater e minimizar os im-

pactos advindos das mudanças climáticas globais, foi constituída a Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima (UNFCCC, em inglês) e conseqüentes ações internacionais para tratar deste tema. O Protocolo de Quioto, uma das negociações mais importantes, foi estabelecido em 1997 e ratificado em 2004. O protocolo estabelece três mecanismos de flexibilidade para, juntamente com as medidas domésticas, auxiliar os países industrializados a atingirem suas metas de redução de emissão de gases do efeito estufa.

O Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL) é o único aplicável entre países industrializados e os em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. O setor de energia e aqueles relaciona-

dos à utilização do uso da terra e reflorestamento são, atualmente, os dois setores considerados elegíveis dentro do MDL. Para o setor energético não existem muitas restrições. Já a utilização da terra e reflorestamento possuem, ao contrário, muitas restrições. O reflorestamento e florestamento são, atualmente, as atividades possíveis de serem utilizadas para fins de crédito de carbono no âmbito do Protocolo de Quioto. As atividades agrosilvipastoris, dentre as quais o Plantio Direto na Palha, não foram incluídas como atividades elegíveis para o primeiro período de compromisso (2008-2012) dentro desse protocolo.

Deve-se lembrar que, embora a adoção do plantio direto claramente reduza as emissões de gases do efeito estufa e seqüestre carbono no solo, infelizmente os possíveis benefícios complementares ao produtor advindos de créditos de carbono não podem ser requeridos no âmbito do Protocolo de Quioto para o primeiro período de compromisso. No entanto, outras opções de mercado, não vinculadas diretamente ao referido Protocolo e, portanto, sem a garantia de originar créditos válidos dentro do MDL, estão sendo utilizadas. Exemplos de fontes de financiamento para projetos desenvolvidos fora do Protocolo de Quioto

to são os seguintes: Prototype Carbon Fund, Bio Carbon Fund, Community Development Carbon Fund (todas referentes ao Banco Mundial) e as relacionadas ao Governo Holandês (CERUPT, por exemplo). Os benefícios advindos de tais projetos relacionam-se mais à visibilidade da empresa investidora do que aos créditos propriamente ditos.

Conservacionismo e redução de gases — O uso agrícola do solo com técnicas convencionais de cultivo, incluindo arações e gradagens, tem sido apontado com uma das principais cau-

sas das emissões de gases do efeito estufa para a atmosfera, potencializando o aquecimento global, cujas consequências adversas podem influenciar a própria produtividade agrícola. Mais recentemente, a adoção de sistemas de manejo conservacionistas, como o sistema de plantio direto na palha, tem modificado esse paradigma. Resultados de pesquisas mostram que essas práticas podem reduzir as emissões de gases para a atmosfera e incorporar e armazenar carbono no solo, o qual se encontrava anteriormente na atmosfera sob a forma de CO₂.

Todavia, faz-se necessário a afirmação de uma visão a longo prazo

na política brasileira, a fim de viabilizar projetos de retorno a médio e longo prazos desenvolvidos tanto no âmbito do Protocolo de Quioto como também no mercado de carbono paralelo, ou seja, fora do Protocolo de Quioto. Isso é importante para aquisição dos tCERs ou ICERs (os Certificados de Emissões Reduzidas), que só são contabilizados após a primeira verificação, definida pelo empreendedor e renovada a cada cinco anos — com alto custo de investimento inicial. Por conseguinte, deve existir a consciência de se agregar valor ambiental, por meio de pesquisa científica com técnicas econômicas que viabilizem a questão política dos trâmites do Protocolo de Quioto.

Dessa forma, os sistemas conservacionistas de manejo, além de diminuir os custos de produção sem alterar a produtividade, têm também a função de mitigar as mudanças climáticas globais. Todavia, apesar do claro benefício ambiental que eles produzem, ainda não são reconhecidos para requerer créditos de carbono no âmbito do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo estabelecido no Protocolo de Quioto. É preciso, então, ações políticas imediatas para fazer com que essa redução de emissão de gases e o sequestro de carbono pelo solo devido ao sistema plantio direto sejam reconhecidos como atividades elegíveis para o período pós-Quoto, que terá início em 2013. 

Segundo Cerri (à direita), é necessária uma visão a longo prazo para que as práticas conservacionistas sejam recompensadas dentro e fora do Protocolo de Quioto



Divulgação

Preparo perfeito do solo + excelente irrigação = produtividade.

Taipadeira Base Larga

Para taipas suaves e sem leveiros. Rolo com perfil alongado e arredondado que permite a passagem do trator e da plantadeira, sem prejuízos ao plantio.



Plaina Niveladora Multilâminas

Um projeto pioneiro com exclusivo conjunto de lâminas que em uma única operação faz duplo serviço: preparo mínimo do solo e aplainamento. Disponível em seis modelos conforme a potência do trator.



Bomba Centrífuga

Indicada para irrigação por inundação em lavouras de arroz, para esgotar ou encher açudes, drenagem de banhados, transferência de grandes volumes de água.



Distrito Industrial - Santa Maria-RS. F: (55) 3222.7710

agrimec@terra.com.br / www.agrimec.com.br



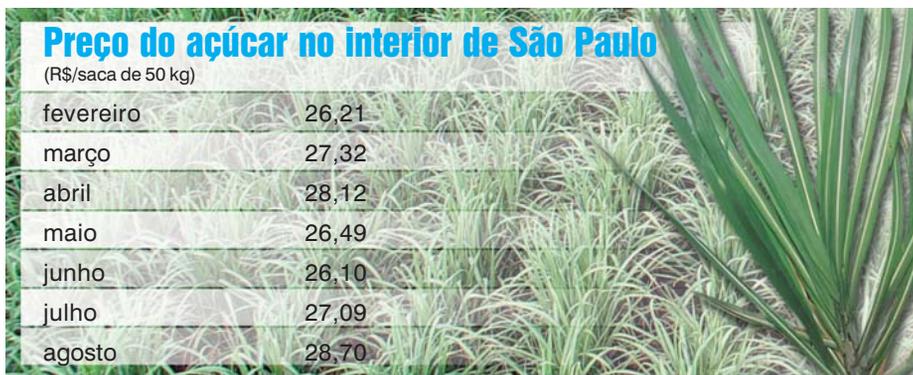
J. Adams

AÇÚCAR E ÁLCOOL

SAFRA É RECORDE NO CENTRO-SUL

Fábio Rübenich - fabio@safras.com.br

A União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica) divulgou mais um balanço sobre a evolução da colheita e moagem da cana-de-açúcar no Centro-Sul, referente à safra 2008/09. O volume de cana moída cresceu 11,57% até 1º de agosto, na comparação com o mesmo período do ano passado, assim como a produção de álcool total, que aumentou 15,66%. No entanto, a produção de açúcar recuou 2,51% até 1º de agosto, com as usinas priorizando o álcool, que está com uma parcela de 59,89% no “mix” produtivo, restando 40,11% para o açúcar. De acordo com a entidade, o volume de cana colhida em julho foi recorde, alcançando 73,04 milhões de toneladas, sendo 35 milhões na primeira quinzena do mês e 37,99 milhões na segunda quinzena. “Esse desempenho permitiu recuperar o atraso na colheita no início da safra devido ao mau tempo”, salientou a en-



Preço do açúcar no interior de São Paulo
(R\$/saca de 50 kg)

fevereiro	26,21
março	27,32
abril	28,12
maio	26,49
junho	26,10
julho	27,09
agosto	28,70

tidade em seu boletim.

A Unica destacou ainda que no período compreendido entre o início da safra (abril) e o mês de julho, foram embarcados 1,7 bilhão de litros de etanol para o mercado externo, dos quais 70% para o mercado americano e 20% para o mercado europeu. No mesmo período do ano passado o volume fora de 1,19 bilhão, incremento de 43%. Até o final de julho, as exportações

estavam divididas igualmente – 50% de etanol anidro e 50% de hidratado. As vendas de etanol anidro para o mercado americano com entregas futuras nesse momento estão paralisadas em função da paridade de preços praticados para o etanol nos mercados brasileiro e americano. “Com isso a estimativa de exportação da região Centro-Sul deverá ficar em torno de 4,2 bilhões”, salientou a Unica.

ALGODÃO

RELATÓRIO ALTISTA DO USDA TRAZ ALÍVIO AO MERCADO

Rodrigo Ramos - rodrigo@safras.com.br

As cotações do algodão no Brasil já demonstraram um maior sinal das quedas consecutivas em Nova Iorque no início de agosto e do avanço da colheita no país. Os preços foram sinalizados em patamares de R\$ 1,20 a R\$ 1,22 à libra-peso (Cif São Paulo), para pagamento em oito dias. Agora, resta saber se o mercado internacional vai reagir após o anúncio do relatório de agosto de oferta e demanda do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), que foi considerado positivo. As estimativas de produção e estoques finais foram reduzidas, tanto no âmbito norte-americano como mundial. A reação do dólar também pode influenciar positivamente os valores domésticos.

Segundo levantamento de Safras & Mercado, a colheita brasileira atinja, em 12 de agosto, 55% da área. “E as notícias das lavouras até o



Média dos preços do algodão em pluma
(R\$/@ CIF São Paulo Pqto. 8 dias)

fevereiro	46,17
março	47,32
abril	44,91
maio	42,69
junho	42,00
julho	42,14
agosto	40,67

momento não trazem muita novidade”, ressaltava o analista Miguel Biegai. Em todos os Estados foram relatadas algumas reduções de rendimento nos baixeiros, em função do excesso de umidade nos meses de maio e junho. “Neste sentido, o ciclo vegetativo da planta tende a ser alongado pelo produtor que visa a compensar estas perdas na ponteira

da planta”, explica. No Mato Grosso do Sul, as baixas temperaturas que se verificaram em regiões mais altas colaboraram para o atraso da colheita. “O cenário está causando uma alteração nos planos de alguns agricultores, pois, a exemplo de Goiás e Bahia, estão pedindo o adiamento do vazão sanitário, que busca combater o bico-do”, frisa Biegai.

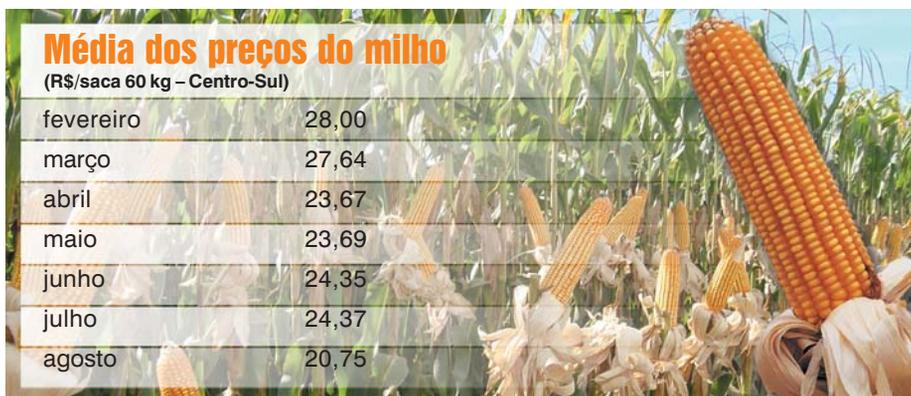
MILHO

Arno Baasch - arno@safras.com.br

PRESSIONADO PELA SAFRINHA E FATORES EXTERNOS

O mercado brasileiro de milho registrou um período de pressão na primeira quinzena de agosto, por conta do avanço na colheita da safrinha, que supera 32% até o momento. Outros fatores de baixa para os preços estão vinculados às mudanças repentinas no cenário internacional, como a recuperação do dólar e a queda nas cotações do petróleo, que acabaram influenciando as principais commodities mundiais. O analista de Safras & Mercado Paulo Molinari explica que a taxa de câmbio valorizada já provoca um desnível entre os preços internos e externos. “A exportação não apresentou velocidade no primeiro semestre a ponto de tranquilizar o mercado interno quanto ao fluxo para a segunda metade do ano. Se o Brasil quiser atingir a meta de 10 milhões a 11 milhões de toneladas no ano terá que se esforçar para vender agora em um movimento de baixa”, explica.

Para Molinari, a cada semana que



Média dos preços do milho	
(R\$/saca 60 kg – Centro-Sul)	
fevereiro	28,00
março	27,64
abril	23,67
maio	23,69
junho	24,35
julho	24,37
agosto	20,75

passa o acúmulo de oferta será maior no mercado interno e o preço tende a seguir pressionado. Se não houver reação no cenário internacional ou no câmbio, as condições de exportação também continuarão difíceis. “O país dispõe ainda de 6 milhões a 7 milhões de toneladas que terão de buscar a paridade de exportação para serem escoadas, embora em valores inferiores aos dos últimos 30 dias”,

comenta. Na segunda semana de agosto o preço despencou para US\$ 215 à tonelada, com uma paridade de exportação entre R\$ 19 a 20 por saca no porto. “Se o Brasil tivesse aproveitado o excelente momento do primeiro semestre, com preços de até US\$ 300 por tonelada na exportação, o volume de embarques agora poderia ser melhor e as pressões internas seriam menores”, conclui.

CAFÉ

Lessandro Carvalho - lessandro@safras.com.br

MERCADO INTERNACIONAL “ANDA DE LADO”

O mercado internacional de café teve uma característica de “andar mais de lado” ao longo da primeira quinzena de agosto. A calma também foi mais evidente. Como nos últimos meses, o mercado acompanhou na maior parte dos dias o comportamento do petróleo e como o dólar se deslocou em relação a outras moedas (dólar em alta é sinal de baixa para o café e em queda é fator positivo para os preços). Há fatores de alta e de baixa neste momento no mercado. De suporte, de elevação, agora existe o movimento comprador mais interessante dos grandes torrefadores mundiais. Se aproxima a temporada de frio no Hemisfério Norte, onde estão grandes consumidores mundiais. Assim, as indústrias têm de vir ao mercado buscar o abastecimento para este período de crescente demanda.

Como aspecto negativo, há a pres-



Preço para bica corrida do sul de Minas	
(Bebida Boa – Tipo 6 – R\$/saca de 60 kg)	
fevereiro	280,40
março	261,20
abril	255,67
maio	252,70
junho	255,52
julho	249,22
agosto	241,11

são vendedora dos fundos, diante do momento agora de colheita no Brasil. Embora a safra nacional não seja recorde, é uma grande safra, que traz peso sobre as cotações. Outro fator baixista é a recente valorização do dólar, que resulta na queda de outras commodities e também do café. Quanto ao foco, agora já não há mais tantas preocupações com geadas so-

bre o cinturão cafeeiro brasileiro. Os olhares se voltam para as chuvas daqui para a frente, que vão resultar na abertura das floradas para a safra que será colhida a partir de maio de 2009. Ano que vem será de produção menor no Brasil, e num quadro atual de estoques ajustados, qualquer problema maior com a safra futura terá drásticos efeitos no mercado.

SOJA

Dylan Della Pasqua - dylan@safras.com.br

ÁREA DEVE TER LEVE INCREMENTO EM 2008/2009

Os produtores brasileiros de soja deverão semear entre 21,085 milhões e 22,425 milhões de hectares na temporada 2008/09, com média de 21,755 milhões de hectares. Se a média for confirmada, a área a ser plantada deverá ser 2,1% superior ao plantio do ano passado, que cobriu 21,298 milhões de hectares. A projeção faz parte do levantamento de intenção de plantio de Safras & Mercado. “Embora o relatório mostre mais área, o grau de indefinição ainda é elevado pela combinação difícil dos fatores de motivação ao cultivo”, ressalva o analista de Safras & Mercado Flávio França Júnior, responsável pelo levantamento. No lado positivo, ele ressalta a alta forte dos preços médios, a produtividade recorde obtida, a lucratividade positiva para a maioria, melhora da oferta de crédito oficial, firme tendência na demanda, aumento no uso de variedades

Soja em Cascavel/PR (R\$/60 kg)	
fevereiro	46,25
março	43,51
abril	43,18
maio	43,88
junho	49,62
julho	50,04
agosto	43,69

transgênicas e tendência de preços também elevados em 2009.

“Mas os limitantes são também importantes”, frisa o analista, citando o novo recuo na taxa de câmbio e a falta de expectativa de inversão, o endividamento elevado, o forte aumento nos custos de produção, a ferrugem asiática, a limitação do crédito privado e o resulta-

do financeiro limitado na área de expansão. Os produtores brasileiros de soja negociaram 7% da safra 2008/09 de forma antecipada, segundo levantamento divulgado por Safras & Mercado, com base em dados recolhidos até 1º de agosto. Em igual período do ano passado, a comercialização envolvia 21% e a média para o período é de 10%.

TRATAMENTO DE SEMENTES. QUEM PLANTA COM TECNOLOGIA COLHE SEMPRE OS MELHORES RESULTADOS.

Há mais de uma década ao lado de quem acredita na força da terra, desenvolvemos as melhores tecnologias em produtos e processos para tratamento de sementes.

Nesta próxima safra, exija os melhores polímeros e corantes para tratamento de sementes, comprovadamente eficazes em algodão, arroz, hortaliças, legumes e outras.

Sementes de alta qualidade com os melhores produtos de tratamento, não devem ser tratadas com colas e tintas, que reduzem os resultados de produtividade.

Exija P-70 e ColorSeed He



Exija na semente, P-70 e ColorSeed HE

NOVO EXECUTIVO DA AGCO PARA A AMÉRICA DO SUL

A AGCO South America contratou Rasso von Reininghaus (foto) para a posição de vice-presidente de Operações



Divulgação

Comerciais para a América do Sul. A mudança na estrutura organizacional foi anunciada pelo vice-presidente Sênior para América do Sul, André Müller Carioba. Rasso é graduado e pós-graduado em Administração pela FEA/USP, tendo curso de extensão “Advanced Management Programme” pelo Insead. O novo vice-presidente da empresa tem sólida experiência na área de Operações Comerciais em empresas de expressão como John Deere, Santista Têxtil, New Holland Latino Americana e Lada do Brasil.

JOHN DEERE REÚNE EQUIPES DA AMÉRICA LATINA

Com a presença de 420 representantes da fábrica e dos concessionários da América Latina, a John Deere realizou durante dois dias no mês pas-

sado, em Porto Alegre/RS, a Convenção de Pós-Vendas. Na abertura, Aaron Wetzel (foto), vice-presidente de Marketing, Vendas e Planejamento da John Deere para a América do Sul, destacou o objetivo da companhia de desenvolver um pós-venda diferenciado, buscando o reconhecimento dos clientes como o melhor serviço do mercado de equipamentos agrícolas. “É necessário ter um trabalho constante e bem planejado de treinamento para garantir o aperfeiçoamento dos serviços oferecidos ao cliente”, destacou Luiz Sartor, gerente de Suporte ao Cliente para a América do Sul.



Divulgação

GSI BRASIL INAUGURA NOVA FÁBRICA

O grupo norte-americano GSI Brasil, fabricante de silos e equipamentos para secagem de grãos, inaugurou no mês passado, em Brusque/SC, a primeira etapa da sua segunda unidade no país. A fábrica, que exigirá investimento total de R\$ 20 milhões a R\$ 25 milhões, fará sistemas pós-colheita (silos, secadores, transportadores), enquanto a fábrica sediada em Marau/RS vai fabricar equipamentos para confinamento de aves e suínos. “Nosso investimento é em máquinas

de última geração”, explicou Ingo Erhardt, presidente da GSI Brasil (à esquerda, ao lado do presidente mundial do GSI Group, o americano Scott Clawson). Atualmente, segundo a GSI Brasil, a empresa detém 9% de participação no mercado nacional de silos para armazenagem de grãos. A expectativa, no médio prazo, é assumir fatia de pelo menos 25% e desafiar a liderança. A inauguração teve também a presença do governador catarinense Luiz Henrique da Silveira.



Divulgação

PRIMEIRA SAFRA DAS COLHEITADEIRAS VALTRA

Lançadas em outubro do ano passado, com início da comercialização em janeiro de 2008, as colheitadeiras Valtra encerraram a primeira safra com balanço positivo. “Atingimos todas as metas de volumes e o desempenho de campo superou a expectativa dos produtores em performance, durabilidade e economia”, afirma o coordenador de Marketing do Produto, Douglas Vincenzi. Segundo o executivo, alguns produtores, surpresos com

o desempenho da colheitadeira, já encomendaram outra máquina. “Na Agrishow, tivemos casos de clientes que ampliaram a frota antes mesmo de completar a safra”, ressalta. “No mercado que mais cresce, o das colheitadeiras axiais, a demanda foi superior ao que esperávamos e já temos espera para novos pedidos”, comemora. Segundo ele, a empresa está ampliando sua capacidade de produção para atender novas demandas.

AGRALE FORNECE MARRUÁ PARA A MARINHA

A Agrale entregou à Marinha brasileira o primeiro lote de veículos Marruá 4x4 desenvolvidos para operações militares. O veículo foi homologado e adotado como veículo-padrão para utilização como viatura de transporte em várias aplicações. As primeiras unidades foram destinadas ao Corpo de Fuzileiros Navais, que completa dois séculos de existência neste ano. Os veículos possuem motor MWM diesel

com injeção eletrônica e transportam seis pessoas. A família Marruá é produzida em Caxias do Sul/RS e conta com 100% de componentes nacionais, segundo o fabricante.



Foto Objetiva-Júlio Soares

TRAMONTINI ENTREGA PRIMEIRO TRATOR DO MAIS ALIMENTOS

A Tramontini Implementos Agrícolas, de Venâncio Aires/RS, entregou em 22 de agosto seu primeiro trator financiado pelo Plano Mais Alimentos. O evento em Santo Cristo, no noroeste gaúcho, inaugurou a disponibilização de máquinas utilizando a nova linha de crédito, após seu

lançamento em Brasília. “Trata-se do primeiro agricultor atendido dentre vários que estão em processo de análise junto aos agentes financeiros”, relata o gerente comercial da empresa, Júlio Cercal. Conforme ele, a Tramontini vem trabalhando forte para atender ao máximo as ne-

cessidades destes produtores. O modelo adquirido foi o T3025 – 4, de 30 cavalos. Segundo projeções da marca, as vendas até o final do ano deverão ter um incremento de aproximadamente 35%, na comparação com o mesmo período do ano de 2007, em decorrência do Mais Alimentos.

TOP CIÊNCIA DA BASF REÚNE 350

Na sua 4ª edição, o Top Ciência, evento organizado pela Unidade de Proteção de Cultivos da Basf, reuniu em agosto mais de 350 participantes em São Paulo. O evento contou com a participação de pesquisadores, cientistas,

empresas da agroindústria e agricultores líderes nas culturas de soja, milho, feijão, arroz, trigo, girassol, café, algodão, cana-de-açúcar, citros e hortifruti (tomate, batata, uva e maçã). Foram 282 trabalhos inscritos. “O Top

Ciência reúne o que de melhor vem sendo produzido na comunidade e isso tem gerado um forte diferencial agrícola”, ressaltou Fernando Arantes, gerente de Milho e Soja de Proteção de Cultivos da Basf.



Cido Barbosa

ANOTE AÍ

A AnB – Agronegócio Brasil ocorre de 29 de outubro a 1º de novembro, no Centro de Eventos Expo Unimed Curitiba/PR. Simultaneamente, ocorrem os seguintes eventos: Simpósio Nacional sobre Agronegócio e Segurança Alimentar; Encontro Estadual de Secretários Municipais de Agricultura; Primeiro Seminário Estadual de Arborização Urbana e Acessibilidade; e Soluções Sustentáveis para o Agronegócio. Mais informações: (41) 3203.1189.

Florianópolis sedia de 17 a 18 de novembro a terceira edição do Encontro Brasileiro de Hidroponia. O evento que vai reunir pesquisadores, técnicos e produtores tem por objetivo a disseminação de novas tecnologias e produtos além de atualizar os participantes com as mais recentes pesquisas realizadas na área. Mais informações no site www.encontrohidroponia.com.br ou pelo telefone (48) 4052-8089.

De 28 de setembro a 3 de outubro as maiores autoridades em agrobioenergia e biocombustíveis estarão em Uberlândia/MG para o Congresso Brasileiro de Agrobioenergia e Simpósio Internacional de Biocombustíveis (Conbien). O Congresso contará com a presença de comitivas de vários países. Mais informações: www.conbien.com.br e (34) 3231-4500.

DENDÊ PODE CRESCER ATÉ CEM VEZES NA AMAZÔNIA

Um acordo entre o ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes (*foto*), e o do Meio Ambiente, Carlos Minc, permitirá a plantação de dendê e outras espécies exóticas em áreas de recuperação de floresta nativa na Amazônia. A expectativa é multiplicar o cultivo de oleaginosas destinado à produção de biodiesel na região. O Ministério da Agricultura estima que a área de cultivo do dendê na Amazônia Legal - de 60 mil hectares hoje - poderá crescer até cem vezes, portanto para 6 milhões de hectares. O cálculo foi feito com base na soma das áreas degradadas e não contabiliza unidades de conservação ou demais áreas protegidas.



Divulgação

ÔNIBUS COM B100 DE ÓLEO DE COZINHA

Até o final do mês chegam a Curitiba/PR 12 ônibus articulados (veículos duplos com estruturas unidas por uma “sanfona”) que marcam o início de mais uma experiência da administração municipal no sentido de implantar no transporte urbano combustíveis alternativos ao diesel. Esses ônibus – seis da Volvo, seis da Scania – vão rodar movidos a biodiesel feito com óleo de cozinha usado. Os veículos movidos a B100 vão demandar por dia 2 mil litros de óleo de fritura, pelos cálculos da Urbanização de Curitiba. A oferta deste, a princípio um resíduo de alto potencial poluente, é estimada em 800 mil litros por mês, portanto suficiente para essa investida inicial.

CEARÁ GANHA NOVA USINA DA PETROBRAS

A Petrobras inaugurou em Quixadá/CE a sua segunda usina de produção de biodiesel, com capacidade para refinar 57 milhões de litros de biodiesel por ano. É a mesma capacidade da Usina de Candeias/BA, a primeira inaugurada pela Petrobras Biocombustível, empresa criada para gerir o programa de biocombustíveis da estatal. O presidente da Petrobras Biocombustível, Alan Kardec, disse que, ao optar pela construção da unidade cearense, a empresa considerou a localização estratégica e a vocação regional para a agricultura familiar. Ele adiantou que 30% da produção será destinada ao mercado cearense e o restante aos demais Estados da região.

Le Pera

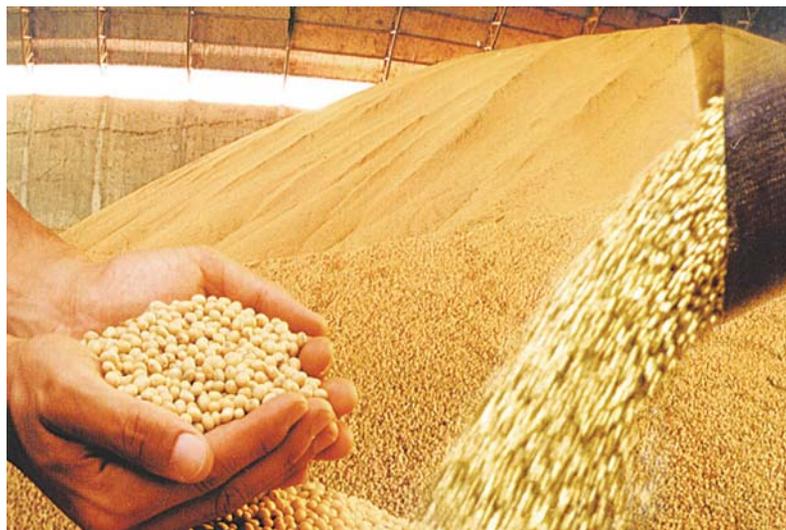


Volvo é uma marca mundial da AGCO Corporation



SOJA SOBERANA NA PRÓXIMA DÉCADA

De acordo com estudo feito pela RC Consultores sobre combustíveis renováveis, a produção brasileira de biodiesel deve se manter na próxima década seguindo com a soja como principal matéria-prima. Segundo ele, a manutenção da oleaginosa deve-se ao fato deste mercado possuir escala de produção, o que a torna competitiva. “Por mais que outras oleaginosas tenham incentivos, a escala continuará pequena e será a soja que vai atender a demanda que deveria ser atendida pelos outros óleos não-comerciais”, explica. Para ele, isso não vai afetar a oferta de alimentos porque o Brasil possui terras para aumentar tanto o plantio de soja como o de milho e o de cana.



Divulgação



Divulgação

MAMONA EM BAIXA

A mamona, defendida pelo Governo como alternativa ideal para a inserção da agricultura familiar na cadeia de produção de biodiesel, ainda é descartada pela maioria absoluta das fabricantes do combustível. Em pesquisa apresentada no Congresso Brasileiro de Agribusiness, promovido pela Associação Brasileira de Agribusiness (Abag), simplesmente nenhuma empresa declarou utilizar a matéria-prima. O estudo foi elaborado pela Agropalma como tentativa de fazer um retrato das ações de sustentabilidade no mercado de biodiesel, sobre as quais há poucas informações disponíveis. A mamona não foi excluída do mercado, mas sua baixa produtividade e produção concentrada na agricultura de pequena escala afastam as indústrias. A Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) considera a viscosidade da oleaginosa imprópria para a produção do combustível sem a adição do óleo de outras matérias-primas.

**O mundo Valtra é assim:
pioneirismo também
nos testes de biodiesel.**

preparar o solo > plantar > colher

Pioneirismo é a marca registrada dos 48 anos da Valtra, que está posicionada no mercado brasileiro como fornecedora de soluções completas em tratores, colheitadeiras, plantadeiras e serviços para diversas culturas. A empresa foi a primeira a produzir tratores no País. Além disso, saiu na frente nos testes de biodiesel a campo. Depois de obter a liberação do uso do B-20 (20% de biodiesel misturado ao diesel) em todos os seus tratores com garantia de fábrica, a Valtra começou os testes para a liberação do B-100 (100% biodiesel), agora na reta final. O biodiesel é uma energia natural e limpa, melhorando a lubrificação do motor e aumentando a vida útil da máquina. A utilização de energias renováveis é uma alternativa para preservar o meio ambiente e melhorar a qualidade de vida.

www.valtra.com.br
0800 19 22 11

VALTRA
NOSSO JEITO É FAZER DO SEU JEITO

CENOURA DA ISLA PARA LANÇAR ÉPOCA

Não se trata de um lançamento rotineiro a nova cultivar de cenoura da Isla Sementes, mas da inauguração de uma nova etapa na história do cultivo de cenouras no Brasil. A Suprema chega para marcar época, garante a empresa. A cultivar possui alto padrão de raiz e tolerância a doenças, as duas principais características buscadas pelos produtores. A maior parte das cultivares comerciais no Brasil é forte em apenas uma das características.

Isla Sementes Ltda - Av. Severo Dullius, 124 - Porto Alegre/RS - CEP 90200-310 - Caixa Postal 3142 - Fone: 0800.709.5050 - www.isla.com.br



Divulgação

BIOFLEX DA BRANCO FUNCIONA A BIOGÁS

A Branco Produtos de Força e Energia apresenta um produto que contribui para a preservação do meio ambiente. Trata-se do Bioflex Branco, gerador que utiliza biogás e álcool, considerados “combustíveis verdes”, para funcionar. É o único gerador de 10.000 watts no país que funciona tanto com biogás quanto com álcool. Entre outras van-

tagens, o gerador apresenta durabilidade muito maior que a dos motores comuns, uma vez que os combustíveis renováveis são menos corrosivos.



Divulgação

Cia. Caetano Branco - Alameda Arpo, 750, Ouro Fino - São José dos Pinhais/PR - CEP 83010-290 - Fone: (41) 3381.8880

MOTOCULTIVADOR MULTIUSO DA HUSQVARNA

A Husqvarna desenvolveu o motocultivador CRT51, máquina que limpa e remexe a terra com maior produtividade. Também é perfeito no revolvimento da cama aviária, prática essencial para manter a qualidade na produção de aves, uma vez que deixa o local livre de doenças, pois uma granja limpa é sinônimo de saúde e sucesso para o produtor. No campo, o equipamento é ideal para hortas, sítios e possui potência para uso intensivo.

Husqvarna
Fone: 0800 77 323 77
www.husqvarna.com.br



Divulgação

TAIREL PLUS, FUNGICIDA DE ALTA EFICÁCIA DA ARYSTA

A Arysta LifeScience lança no mercado nacional o Tairel Plus, fungicida que combina ativos de grande eficácia no combate a doenças de difícil controle que se manifestam na batata, tomate e cebola. O sinergismo dos ativos Benalaxil e do Clorotalonil possibilita rápida penetração das substâncias na planta, promovendo efeito protetor e curativo.

TAIREL PLUS

Arysta LifeScience - Rua Jundiá, 50 - 4º andar - São Paulo/SP - CEP: 04001-904 - Fone: (11) 3054-5000 - www.hokko.com.br

TRÊS CULTIVARES DE MANDIOCA DA EMBRAPA

Caipira, Tapioqueira (foto) e Verdinha são as novas variedades de mandioca à disposição de produtores de farinha e fécula de mandioca do Nordeste. São resultantes do projeto de melhoramento de mandioca liderado pela Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical e executado em parceria pela Embrapa Tabuleiros Costeiros. As três têm alta produtividade de raiz e altos teores de amido, e apresentam bom comportamento nos Estados do Ceará, Pernambuco, Sergipe e Bahia.

Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical - Rua Embrapa, s/nº - Cruz das Almas/BA - CEP 44380-000 - Fone: (75) 3312.8048



Maurício Mascarenhas

ANÚNCIO

AQUI, A MÁQUINA QUE VOCÊ PROCURA

Levantamento exclusivo da revista **A Granja**, por meio do Deper – Departamento de Pesquisa e Estatística Rural, lista os preços dos principais tratores e colheitadeiras do mercado de máquinas agrícolas. As informações são fornecidas pelas respectivas empresas e/ou concessionárias com

valores médios formados pelas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Os valores podem variar de acordo com a região, acessórios, tipos de pneus, etc. No caso de máquinas usadas, a variação também ocorre segundo o estado de conservação.



Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
4100 4x2	15 cv	29.393	23.514	22.339	21.222	20.161	19.153	18.194	17.285	16.421	15.600	14.920
4100.4 4x4	15 cv	35.440	28.352	26.934	25.588	24.308	23.093	21.938	20.841			
4100 GLP4x2	16 cv	32.076	25.660	24.377								
4118.4 4x4	18 cv	38.323	30.658	29.125	27.669	26.285						
4230 4x2	30 cv	44.691	35.753	33.965	32.267	30.653	29.121	27.665	26.281	24.967	23.719	22.533
4230.4 4x4	30 cv	46.736	37.389	35.519	33.743	32.056						
4230.4 Cargo 4x4	30 cv	46.846	37.477	35.603	33.823	32.132						
5075 4x2	75 cv	80.340	64.272	61.058	58.005	55.105	52.350	49.732				
5075.4 4x4	75 cv	89.099	71.279	67.715	64.329	61.113	58.057	55.154				
5085 4x2	85 cv	87.408	69.926	66.430	63.108	59.953	56.955	54.108				
5085.4 4x4	85 cv	95.166	76.133	72.326	68.710	65.274	62.011	58.910				
BX 6110 4x4	105 cv	115.586	92.469	87.845	83.453	79.280						
BX 6150 4x4	140 cv	147.490	117.992	112.092	106.488	101.163	96.105	91.300	86.735	82.398	78.278	74.364
BX 6180 4x4	168 cv	161.951	129.560									

Case IH

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
MXM Maxxum 135 4x4	137 cv	148.000										
MXM Maxxum 150 4x4	149 cv	165.000										
MXM Maxxum 165 4x4	170 cv	181.000										
MXM Maxxum 180 4x4	177 cv	198.000										
Magnum 220 4x4	220 cv	241.000										
Magnum 240 4x4	240 cv	264.000										
Magnum 270 4x4	270 cv	297.000										



JOHN DEERE

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
5303 4x2	57 cv	52.000	41.600	39.520								
5303 4x4	57 cv	57.000	45.600	43.320								
5403 4x2	65 cv	55.000	44.000	41.800								
5403 4x4	65 cv	65.200	52.160	49.552								
5403 4x2	75 cv	-	-	45.360	43.092	40.937	38.891					
5403 4x4	75 cv	-	-	54.000	51.300	48.735	46.298					
5600 4x2	75 cv	-	-	-	-	-	-	36.946	35.099	33.344	31.677	30.093
5600 4x4	75 cv	-	-	-	-	-	-	43.983	41.784	39.695	37.710	35.825
5603 4x2	75 cv	63.000	50.400									
5603 4x4	75 cv	75.000	60.000									
5605 4x2	75 cv	72.000	57.600	54.720	51.984	49.385	46.916	44.570				
5605 4x4	75 cv	78.000	62.400	59.280	56.316	53.500	50.825	48.284				
5700 4x2	85 cv	-	-	-	-	-	-	48.222	45.811	43.520	41.344	39.277
5700 4x4	86 cv	-	-	-	-	-	-	51.750	49.163	46.705	44.370	42.151
5705 4x2	85 cv	82.000	65.600	62.320	59.204	56.244	53.432	50.760				
5705 4x4	85 cv	88.000	70.400	66.880	63.536	60.359	57.341	54.474				
6300 4x4 Syncroplus	100cv	-	-	-	-	-	-	59.426	56.455	53.632	50.951	48.403
6300 4x4 Syncroplus/Cabinado	100cv	-	-	-	-	-	-	69.852	66.359	63.041	59.889	56.895
6300 4x4 PowerQuad	100cv	-	-	-	-	-	-	66.203	62.893	59.748	56.761	
6300 4x4 PowerQuad/Cabinado	100cv	-	-	-	-	-	-	67.203	63.843	60.651	57.618	
6405 4x4 Syncroplus	106cv	-	-	-	-	74.283	70.569	67.040				
6405 4x4 Syncroplus/Cabinado	106cv	-	-	-	-	87.315	82.949	78.802				
6405 4x4 PowerQuad	106cv	-	-	-	-	82.754	78.616	74.685				
6405 4x4 PowerQuad/Cabinado	106cv	-	-	-	-	92.921	88.275	83.862				
6415 4x4 Syncroplus	106cv	114.000	91.200	86.640	82.308	78.193	74.283					
6415 4x4 Syncroplus/Cabinado	106cv	134.000	107.200	101.840	96.748	91.911	87.315					
6415 4x4 PowerQuad	106cv	127.000	101.600	96.520	91.694	87.109	82.754					
6415 4x4 PowerQuad/Cabinado	106cv	143.000	114.400	108.680	103.246							
6600 4x4 Syncroplus	121cv	-	-	-	-	-	-	76.243	72.431	68.809	65.369	62.101
6600 4x4 Syncroplus/Cabinado	121cv	-	-	-	-	-	-	87.795	83.405	79.235	75.273	71.510
6600 4x4 PowerQuad	121cv	-	-	-	-	-	-	82.597	78.467	74.544	70.816	
6600 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv	-	-	-	-	-	-	94.149	89.441	84.969	80.721	
6605 4x4 Syncroplus	121cv	-	-	-	-	81.008	76.958	73.110				
6605 4x4 Syncroplus/Cabinado	121cv	-	-	-	-	93.282	88.618	84.187				
6605 4x4 PowerQuad	121cv	-	-	-	-	87.759	83.371	79.203				
6605 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv	-	-	-	-	100.033	95.031	90.280				
6615 4x4 Syncroplus	121cv	132.000	105.600	100.320	95.304	90.538	86.012					
6615 4x4 Syncroplus/Cabinado	121cv	152.000	121.600	115.520	109.744	104.257	99.044					
6615 4x4 PowerQuad	121cv	143.000	114.400	108.680	103.246	98.083	93.179					
6615 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv	163.000	130.400	123.880	117.686	111.801	106.211					

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
7500 4x4 PowerQuad	140cv	-							89.387	84.918	80.672	76.638
7500 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv	-							100.561	95.533	90.756	86.218
7505 4x4 PowerQuad	140cv	-				104.257	99.044	94.092				
7505 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv	-				117.289	111.424	105.853				
7515 4x4 PowerQuad	140cv	160.000	128.000	121.600	115.520	109.744						104.257
7515 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv	180.000	144.000	136.800	129.960	123.462	117.289					
7715 4x4	182cv	220.000	176.000									
7810 4x4 Importado	200cv	-						124.950				
7815 4x4 Importado	200cv	-			166.600							
7815 4x4	202cv	245.000	196.000									
8300 4x4 Importado	240cv	-										143.848
8400 4x4 Importado	260cv	-								167.777	159.389	151.419
8410 4x4 Importado	270cv	-					195.687	185.903	176.608			
8420 4x4 Importado	280cv	-		228.240	216.828	205.987						
8430 4x4 Importado	310cv	317.000	253.600									



Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
Mistral DT 50 4x4	47 cv	62.000	49.600									
Technofarm R60 4x2	58 cv	62.800	50.240									
Technofarm DT 60 4x4	58 cv	68.900	55.120									
Technofarm DT 75 4x4	68 cv	77.000	61.600									
Rex DT 80 4x4	75 cv	87.000	69.600									
Globalfarm 100 4x4	97 cv	98.500	78.800									
LandPower 140 4x4 plat.	140 cv	146.100	116.880	111.036								
LandPower 140 4x4 cab.	140 cv	161.400	129.120	122.664								
LandPower 165 4x4 plat.	165 cv	150.400	120.320	114.304								
LandPower 165 4x4 cab.	165 cv	165.400	132.320	125.704								

Massey Ferguson

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
MF 235 4x2	50cv	-							27.856	26.463	25.140	23.883
MF 250 4x2	50cv	-							27.856	26.463	25.140	23.883
MF 250 4x4	50cv	-							30.085	28.580	27.151	25.794
MF 250 XE 4x2 Advanced	50cv	50.000	40.000	38.000	36.100	34.295	32.580	30.951				
MF 250 XE 4x4 Advanced	50cv	54.000	43.200	41.040	38.988	37.038	35.187	33.427				
MF 255 4x2 Advanced	55cv	54.000	43.200	41.040	38.988	37.038	35.187	33.427				
MF 255 4x4 Advanced	55cv	58.000	46.400	44.080	41.876	39.782	37.793	35.903				
MF 265 4x2	65cv	-							38.548	36.621	34.790	33.050
MF 265 4x4	65cv	-							40.577	38.548	36.621	34.790
MF 265 4x2 Advanced	65cv	-	52.440	49.818	47.327	44.960	42.713	40.577				
MF 265 4x4 Advanced	65cv	69.000	55.200	52.440	49.818	47.327	44.961	42.713				
MF 272 4x2	73cv	-							44.013	41.812	39.721	37.735
MF 272 4x4	73cv	-							47.355	44.988	42.738	40.601
MF 275 4x2	75cv	-							44.013	41.812	39.721	37.735
MF 275 4x4	75cv	-							47.355	44.988	42.738	40.601
MF 275 Advanced 4x2	75cv	79.000	63.200	60.040	57.038	54.186	51.477	48.903				
MF 275 Advanced 4x4	75cv	85.000	68.000	64.600	61.370	58.301	55.386	52.617				
MF 5275 4x2	75cv	79.000	63.200	60.040	57.038	54.186	51.477	48.903	46.458	44.135		
MF 5275 4x4	75cv	-	64.600	61.370	58.302	55.386	52.617	49.986	47.487	45.113		

NOVOS TRATORES CLASSIC 6415 E 6615

Potência e qualidade John Deere
em versão econômica.



MODELO 6415
106cv

MODELO 6615
121cv



ESCOLHA SEU TRATOR

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
MF 283 4x2	83cv	-							49.584	47.105	44.749	42.512
MF 283 Advanced 4x2	83cv	89.000	71.200	67.640	64.258	61.045	57.993	55.093				
MF 5285 4x2	85cv	83.000	66.400	63.080	59.926	56.929	54.083	51.379	48.810	46.370		
MF 5285 4x4	85cv	96.000	76.800	72.960	69.312	65.846	62.554	59.426	56.455	53.632		
MF 290 4x2	85cv	92.000							46.000	43.700	41.515	39.439
MF 290 4x4	85cv	-							51.255	48.692	46.258	43.945
MF 290 Advanced 4x2	85cv	92.000	73.600	69.920	66.424	63.102	59.948	56.950				
MF 290 Advanced 4x4	85cv	98.000	78.400	74.480	70.756	67.218	63.857	60.664				
MF 5290 Export 4x2	88cv	96.000	76.800	72.960	69.312	65.846	62.554	59.426	56.455	53.632		
MF 5290 Export 4x4	88cv	100.000	80.000	76.000	72.200	68.590	65.161	61.902	58.807	55.867		
MF 292 4x2	102cv	-							49.000	46.550	44.223	42.011
MF 292 4x4	102cv	-							60.169	57.161	54.303	51.588
MF 291 Advanced 4x4	105cv	104.000	83.200									
MF 292 Advanced 4x2	105cv	-	82.080	77.976	74.077	70.373	66.855	63.512				
MF 292 Advanced 4x4	105cv	108.000	86.400	82.080	77.976	74.077	70.373	66.855				
MF 5310 4x4	105cv	112.000	89.600	85.120	80.864	76.820	72.980	69.331	65.864	62.571		
MF 297 4x4	110cv	-							63.512	60.336	57.320	54.454
MF 297 Advanced 4x4	120cv	117.000	93.600	88.920	84.474	80.250	76.238	72.426				
MF 298 4x4	120cv	130.000										
MF 5320 4x4	120cv	126.000	100.800	95.760	90.972	86.423	82.102	77.997	74.097	70.392		
MF 610 4x4	110cv	-									57.320	54.454
MF 620 4x4	120cv	-									57.941	55.044
MF 630 4x4	130cv	-									70.392	66.873
MF 299 4x4	130cv	-							77.997	74.097	70.392	66.873
MF 299 Advanced 4x4	130cv	140.000	112.000	106.400	101.080	96.026	91.225	86.663				
MF 650 HD 4x4	138cv	140.000	112.000	106.400	101.080	96.026	91.225	86.663	82.330	78.214	74.303	70.588
MF 660 HD 4x4	150cv	160.000	128.000	121.600	115.520	109.744	104.257	99.044	94.092	89.387		
MF 680 HD 4x4	173cv	190.000	152.000	144.400	137.180	130.321	123.805	117.615	111.734	106.147		
MF 6350 HD 4x4	190cv	200.000	160.000	152.000	144.400							
MF 6360 HD 4x4	220cv	230.000	184.000	174.800	166.060							

New Holland

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
4630 4x2	63cv	-									29.000	28.000
4630 4x4	63cv	-									37.000	35.000
5030 4x2	75cv	-									30.000	29.000
5030 4x4	75cv	-									41.000	40.000
5630 4x2	80cv	-									33.000	31.000
5630 4x4	80cv	-									43.000	41.000
7630 4x2	105cv	-									35.000	34.000
7630 4x4	106cv	108.000	72.000	65.000	60.000	56.000	54.000	52.000	50.000	47.000	45.000	44.000
7830 4x4	112cv	-									48.000	47.000
8030 4x4	122cv	117.000	85.000	75.000	65.000	62.000	59.000	55.000	53.000	50.000	49.000	48.000
TT 3840 Std	55cv	66.000										
TT 3840 F	55cv	68.000										
TT 3880 F	75cv	75.000										
TL 60 4x2 E	62cv	68.000	43.000	40.000								
TL 60 4x4 E	62cv	75.000	53.000	48.000								
TL 65 4x2 E	61cv	-			37.000	36.000	34.000	32.000				
TL 65 4x4 E	61cv	-			45.000	43.000	40.000	38.000				
TL 70 4x2	71cv	-							30.000	28.000	26.000	25.000
TL 70 4x4	71cv	-							38.000	35.000	32.000	30.000
TL 75 4x2 E	75cv	78.000	45.000	43.000	41.000	40.000	38.000	35.000				
TL 75 4x4 E	75cv	84.000	57.000	54.000	49.000	47.000	44.000	41.000				
TL 80 4x2	81cv	-							31.000	29.000	27.000	26.000
TL 80 4x4	81cv	-							42.000	39.000	37.000	35.000
TL 85 4x2 E	90cv	80.245	56.000	52.000	49.000	46.000	43.000	40.000				
TL 85 4x4 E	90cv	89.000	64.000	59.000	55.000	52.000	49.000	46.000				
TL 90 4x2	90cv	-							37.000	35.000	33.000	31.000
TL 90 4x4	90cv	-							47.000	45.000	41.000	38.000
TL 95 4x2 E	98cv	-	62.000	60.000	58.000	56.000	52.000	48.000				
TL 95 4x4 E	98cv	100.000	71.000	65.000	59.000	55.000	53.000	52.000				
TL 100 4x2	101cv	-							39.000	37.000	35.000	33.000
TL 100 4x4	101cv	-							47.000	44.000	42.000	39.000
TS 90 4x4 Canavieiro	91cv	-	75.000	69.000	64.000	59.000	55.000	50.000	46.000			
TS 100 4x4	105cv	-			61.000	60.000	57.000	54.000	51.000			
TS 110 4x4	108cv	-	71.000	65.000	63.000	61.000	58.000	55.000	53.000			
TS 120 4x4	120cv	-	75.000	71.000	68.000	65.000	63.000	61.000	57.000			
TS 6000 Canavieiro	91cv	105.000										
TS 6020 4x4	111cv	120.000										
TS 6040 4x4	132cv	134.000										
TM 110 4x4	110cv	-								50.000	47.000	
TM 120 4x4	120cv	-								51.000	48.000	
TM 130 4x4	130cv	-								52.000	46.000	
TM 135 4x4	137cv	-	95.000	86.000	78.000	73.000	68.000	63.000	60.000			
TM 135 4x4 E	137cv	-	90.000	83.000	75.000	70.000	65.000	60.000	57.000			
TM 140 4x4	140cv	-								55.000	50.000	47.000
TM 150 4x4	149cv	-	97.000	87.000	81.000	75.000	69.000	65.000	62.000			
TM 150 4x4 E	149cv	-	95.000	85.000	80.000	74.000	68.000	64.000	61.000			
TM 165 4x4	165cv	-	120.000									
TM 180 4x4	177cv	-	150.000	136.000	122.000	110.000	100.000	92.000	85.000			
TM 7010 4x4 SPS	141 cv	190.000										
TM 7010 4x4 Plat	141 cv	146.000										
TM 7010 4x4 Exitus	141 cv	163.000										
TM 7020 4x4 SPS	149 cv	208.000										
TM 7020 4x4 Plat	149 cv	166.000										
TM 7020 4x4 Exitus	149 cv	183.000										
TM 7030 4x4 SPS	168 cv	227.000										
TM 7030 4x4 Plat	168 cv	188.000										
TM 7030 4x4 Exitus	168 cv	204.000										
TM 7040 4x4 SPS	180 cv	243.000										
TM 7040 4x4 Plat	180 cv	205.000										
TM 7040 4x4 Exitus	180 cv	221.000										
T 7040 4x4 Importado	200cv	270.000										
T 7060 4x4 Importado	223cv	301.000										



Tramontini
A marca que tem a força do Brasil

www.tramontini.com.br



Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
T3025-4 4x4	30 cv	31.000	24.800									
T5045-4 4x4	50 cv	43.000	34.400									
T3025-4 Fruteiro 4x4	30 cv	35.150										
T5045-4 Fruteiro 4x4	50 cv	46.680										
TTA 18 4x4	18 cv	32.166										

Valtra

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
585 4x4	47cv	54.000										
685 4x2	61cv	63.000	50.400	47.880	45.486	43.211	41.051	38.999	37.049	35.196	33.436	31.765
685 C4x4	61cv	71.700	57.360	54.492	51.767	49.179	46.720	44.384	42.165	40.057	38.054	36.151
700 4x4	73cv	96.850	77.480	73.606	69.926	66.429	63.108	59.953	56.955	54.107	51.402	48.832
785 4x2	75cv	70.000	56.000	53.200	50.540	48.013	45.612	43.332	41.165	39.107	37.152	35.294
785 4x4	75cv	82.000	65.600	62.320	59.204	56.243	53.432	50.760	48.222	45.811	43.520	41.344
800 4x4	80cv	100.100	80.080	76.076	72.272	68.658	65.226	61.964	58.866	55.923	53.127	50.470
885 4x2	84cv	-								37.152	35.294	33.529
885 4x4	84cv	-								53.127	50.470	47.947
900 4x4	86cv	103.400	82.720	78.584	74.655	70.922	67.376					
985 4x2	103cv	-								55.610	52.829	50.188
985 4x4	103cv	-								58.881	55.937	53.140
1180 4x4	118cv	-								64.756	61.518	58.442
1280 R 4x4	126cv	159.400	127.520	121.144	115.087	109.332	103.866	98.673	93.739	89.052	84.599	80.369
1380 4x4	135cv	-								65.973	62.674	59.541
1580 4x4	145cv	-								78.861	74.918	71.172
680 4x4	150cv	-								83.242	79.080	75.126
1780 4x4	160cv	187.250	149.800	142.310	135.195	128.434	122.013	115.912	110.117	104.611	99.380	94.411
1880 4x4	180cv	-								86.985	82.636	78.504
BF 65 4x2	65cv	63.000	50.400	47.880								
BF 65 4x4	65cv	66.000	52.800	50.160								
BF 75 4x2	75cv	68.000	54.400	51.680								
BF 75 4x4	75cv	72.050	57.640	54.758								
BH 145 4x4	145cv	149.000	119.200	113.240	107.578	102.199	97.089	92.235	87.623			
BH 165 4x4	165cv	155.700	124.560	118.332	112.415	106.794	101.455	96.382	91.563			
BH 180 4x4	180cv	189.950	151.960	144.362	137.144	130.286	123.772	117.584	111.705			
BH 185 i 4x4	185cv	205.950	164.760									
BL 77 4x2	77cv	80.000	64.000	60.800								
BL 77 4x4	77cv	85.000	68.000	64.600								
BL 88 4x2	88cv	84.000	67.200	63.840								
BL 88 4x4	88cv	91.000	72.800	69.160								
BM 100 4x4	100cv	111.250	89.000	84.550	80.323	76.306	72.491	68.867	65.423			
BM 110 4x4	110cv	119.200	95.360	90.592	86.062	81.759	77.671	73.788	70.098			
BM 120 4x4	120cv	122.350	97.880	92.986	88.337	83.919	79.724	75.738	71.951			
BM 125 i 4x4	125cv	124.650	99.720	94.734	89.997	85.497	81.223	77.161	73.303			

Yanmar

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
1030 Standard 4x2	26 cv	43.300	31.304	29.739	28.251	26.839	25.497	24.222	23.011	21.860	20.768	19.729
1030 Standard 4x4	26 cv	48.800	35.263	33.500	31.825	30.234	28.722	27.286	25.922	24.626	23.394	22.225
1145 Standard 4x4	39 cv	55.800	41.494	39.419	37.448	35.575	33.797	32.107	30.501			
1145 Standard 4x4 TDFI	39 cv	57.400	42.693	40.558	38.530	36.604	34.773	33.035	31.383			
1050 Turbo Completo 4x4	50 cv	59.900	43.235	41.073	39.019	37.069	35.215	33.454	31.781	30.192	28.683	27.249
1050 Turbo Básico 4x2	50 cv	52.300	35.940	34.143	32.436	30.814	29.273	27.810	26.419	25.098	23.843	22.651
1155 Standard Completo 4x4	55 cv	67.500	47.588	45.209	42.949	40.801	38.761	36.823				
1155 Standard Completo SR 4x4	55 cv	71.000	50.428	47.907	45.511	43.236	41.074	39.020				
2060 Standard Completo 4x4	55 cv	71.100	49.520	47.044	44.692	42.457	40.334	38.318	36.402	34.582		
1175 Completo 4x4	70 cv	75.200										

ESCOLHA SUA COLHEITADEIRA

Case IH

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
2366	Axial	-								285.804	271.514	257.938
2388	Axial	-					350.892	333.347	316.680	300.846	285.804	271.514
2388 - Extreme	Axial	-			410.400	389.880						
Axial-Flow - 2388	Axial	600.000	480.000	456.000								
Axial-Flow - 2399	Axial	650.000	520.000	494.000								
Axial-Flow - 8010	Axial	850.000	680.000									



JOHN DEERE



Modelo	Separação	Valor da 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
1165	4 - Saca-palhas	-	197.280	187.416	178.045	169.143	160.686	152.652	145.019	137.768	130.880	124.336
1175 Arroeira/Esteira/19 pés	5 - Saca-palhas	310.000	248.000	235.600	223.820	212.629	201.998	191.898	182.303	173.188	164.528	156.302
1175 Básica/16pés	5 - Saca-palhas	274.000	219.200	208.240	197.828	187.937	178.540	169.613	161.132	153.076	145.422	138.151
1175 Básica/Cabinada/16 pés	5 - Saca-palhas	303.000	242.400	230.280	218.766	207.828	197.436	187.564	178.186	169.277	160.813	152.772
1175 Hydro/19 pés	5 - Saca-palhas	314.000	251.200	238.640	226.708	215.373	204.604	194.374	184.655	175.422	166.651	158.319
1175 Hydro/Cabinada/19 pés	5 - Saca-palhas	334.000	267.200	253.840	241.148	229.091	217.636	206.754	196.417	186.596	177.266	168.403
1185 Hydro/Cabinada/19 pés	6 - Saca-palhas	-								177.266	168.403	159.983
1185 Hydro/Cabinada/23 pés	6 - Saca-palhas	-								198.475	188.551	179.124

ESCOLHA SEU TRATOR

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
1450 Arrozreira/Cab/Hydro/Esteira	5 - Saca-palhas	-	302.400	287.280	272.916	259.270	246.307	233.991	222.292			
1450 Hydro/Cabinada/18 pés	5 - Saca-palhas	378.000	302.400	287.280	272.916	259.270	246.307	233.991	222.292			
1450 Tração/Plataforma 20 pés	5 - Saca-palhas	386.000	308.800	293.360	278.692	264.757	251.520	238.944	226.996			
1550 Hydro/Cabinada/20 pés	6 - Saca-palhas	445.000	356.000	338.200	321.290	305.226	289.964	275.466	261.693			
1550 Hydro/Cabinada/22 pés	6 - Saca-palhas	450.000	360.000	342.000	324.900	308.655	293.222	278.561	264.633			
9650 CTS - Arrozreira - Importada	Axial	-							211.177	200.618	190.587	181.058
9650 STS 25 pés	Axial	635.000	508.000	482.600	458.470	435.547	413.769	393.081				
9650 STS 30 pés	Axial	645.000	516.000	490.200	465.690	442.406	420.285	399.271				
9660 CTS - Arrozreira - Importada	Axial	-										
9670 STS - Arrozreira - Importada	Axial	-										
9750 STS 30 pés	Axial	550.000										
9750 STS 30 pés	Axial	690.000	552.000	524.400	498.180	473.271	449.607	427.127				

Massey Ferguson

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
5650	5 - Saca-palhas	-				194.940	185.193	175.933	167.137	158.780	150.841	143.299
5650 Advanced	5 - Saca-palhas	300.000	240.000	228.000	216.600							
6855	6 - Saca-palhas	-										136.134
6855 Hydro	6 - Saca-palhas	-								209.000	198.550	188.623
MF - 32 Advanced	5 - Saca-palhas	380.000										
MF - 34	5 - Saca-palhas	-				292.410	277.790	263.900	250.705			
MF - 34 Advanced	5 - Saca-palhas	450.000	360.000	342.000	324.900							
MF - 38	6 - Saca-palhas	500.000	400.000	380.000	361.000	342.950	325.803	309.512	294.037			
MF - 9790 - ATR	Axial	690.000										

New Holland

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
TC - 55 15 pés	4 - Saca-palhas	-	250.000	240.000	230.000	200.000	200.000	180.000	170.000	160.000	150.000	140.000
TC - 57 17 pés	5 - Saca-palhas	340.000	273.000	259.000	246.000	234.000	220.000	210.000	200.000	190.000	180.000	170.000
TC - 57 19 pés	5 - Saca-palhas	360.000	280.000	270.000	259.000	246.000	234.000	222.000	210.000	200.000	190.000	180.000
TC - 59 19 pés	6 - Saca-palhas	-			255.000	240.000	230.000	218.000	207.000	197.000	187.000	178.000
TC - 59 23 pés	6 - Saca-palhas	-			268.000	255.000	242.000	230.000	218.000	207.000	197.000	187.000
TC - 5090 19 pés	6 - Saca-palhas	421.000										
TC - 5090 20 pés	6 - Saca-palhas	440.000	316.000									
TC - 5090 23 pés	6 - Saca-palhas	450.000	352.000									
CS - 660 30 pés	6 - Saca-palhas	520.000	416.000	395.000	375.000							
CR - 9060 30 pés	Axial	720.000	570.000									
CR - 9060 35 pés	Axial	740.000										

Valtra

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
BC - 4500	5 - Saca-palhas	320.000	256.000									
BC - 7500	Axial	650.000										

ESCOLHA SUA COLHEDORA DE ALGODÃO

Case IH

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
420 Cotton Express 4x4	264cv	US\$ 298.000										
620 Cotton Express 4x4	370cv	US\$ 368.000										
625 Cotton Express	370cv	US\$ 503.000										



JOHN DEERE



ESCALA

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
9970	253cv	US\$ 300.000	US\$ 240.000	US\$ 216.000	US\$ 194.400	US\$ 180.000	US\$ 162.000	US\$ 145.800	US\$ 131.220	US\$ 129.000	US\$ 127.000	US\$ 125.000
9996	355cv	US\$ 400.000	US\$ 320.000									

Montana

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
2805 Cotton Blue	280cv	520.000										

ESCOLHA SUA COLHEDORA DE CANA

Case IH

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
A7000/Pneu	335cv	950.000										
A7700/Esteira	335cv	1.150.000										



JOHN DEERE

ESCALA

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
CHT 3510/Esteira	332cv	920.000										
CHW 3510/Pneu	332cv	890.000										

Santal

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
Amazón 2000 4x2	336 HP							245.000	233.000	221.000	210.000	199.000
Santal Tandem 6x4	336 HP	800.000	640.000	608.000	578.000	549.000						

Star

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000	1999	1998
StarMag CC701	234cv	580.000										

ANÚNCIO

Anuncie suas sementes no Agroguia

agroguia@agranja.com

Ligue: (51) 3233.1822



art point
MAQUETES AGROINDUSTRIAIS

www.artpointmaquetes.blogspot.com

artpointrw@yahoo.com.br

fonos:(51) 3325.0411/9265.5626

Porto Alegre / RS - Brasil

18 ANOS SUPERANDO A EXPECTATIVA DO CLIENTE

El Rincón

Bonamigo
Sementes



Além das já tradicionais sementes de inverno, agora a El Rincón conta com as parcerias para verão: Sementes Bonamigo, especializada em Milho, Sorgo, Guandu e Girassol e a Sementes Serrano produtora de sementes forrageiras de verão.

El Rincón Sementes, a cada dia mais perto do produtor rural brasileiro.



El Rincón Sementes Ltda-Av. Barão do Cerro Formoso 1012 - Caçapava do Sul / RS
Fones: (55) 3281-4334 (55) 3281-5418 - elrincon@farrapo.com.br

ANUNCIE AQUI

Ligue: (51) 3233.1822
agroguia@agranja.com

**RATOS?
MORCEGOS?**

EX-RATTER

TECNOLOGIA ULTRA-SÔNICA
CONTRA RATOS E MORCEGOS

Equipamento de ultra-som com tecnologia japonesa:
sem similar no Brasil.

BRASTÉCNICA

Tel.: (35) 3292-1889

Fax.: (35) 3292-1320

Caixa Postal 101 - Cep 37130-000

Alfenas - MG

btc@brastecnica.com.br

www.brastecnica.com.br



MONITOR PARA PLANTADEIRA

OTM CONTROLE
ELETRÔNICO DE
PLANTIO

Maior Segurança, Maior Produção e Maior Ganho

O Controle Eletrônico de Plantio OTM foi desenvolvido com a mais alta tecnologia projetado para suportar trabalhos em condições diversas, poeira, umidade e vibrações sendo de fácil instalação, manuseio e operação.

FACILITA O
PLANTIO NOTURNO

ALARME
VISUAL SONORO

ELIMINA CUSTO
DE REPLANTIO

DE 4 A 44 LINHAS
DE PLANTIO

ADAPTÁVEL EM TODOS
OS MODELOS DE PLANTADEIRA



FONE (44) **3568-1011**

E-mail: otm@uol.com.br

ASSISTÊNCIA TÉCNICA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

SISTEMAS INTERATIVOS DE CONSULTA ONLINE

Agricultura

AgrolinkFito
Armazenagem **NOVO**
Aviação Agrícola
Cereais de Inverno
Ferrugem Asiática
Sementes

Veterinária

Febre Aftosa
Gripe Aviária
Saúde Animal
Vacinas **NOVO**

Negócios

Agromáquinas
Cotações
Oportunidades

Notícias

Biotecnologia
Notícias

Serviços

Agrobusca
Agrotempo
Colunistas
Estatísticas
Eventos
Feiras e Fotos

Comercial **NOVO**

Mídias
Serviços

Fale conosco
Mapa do Site



SAÚDE ANIMAL
21 Espécies Animais
3359 Produtos
137 Laboratórios
977 Agentes Etiológicos
O melhor medicamento!



VACINAS
12 Espécies
121 Enfermidades
377 Vacinas
23 Laboratórios



AGROTÓXICOS
125 Culturas
9845 Agrônomos Usuários
1238 Produtos
94 Empresas
Relatórios Especiais



**CLIPPING, NOTÍCIAS, CLIMA,
ESPECIALISTAS, PREÇOS, VENDA
DE NOVOS E USADOS...**

AGRO LINK



WWW.AGROLINK.COM.BR

A FORÇA DA QUALIDADE EM SEMENTES.

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO DE SEMENTES EM GERAL

- | | | |
|-----------------|--------------|---------------------|
| ▷ Citriodora | ▷ Urograndis | ▷ Cedro australiano |
| ▷ Camaldolencis | ▷ Duni | ▷ Acácia mangium |
| ▷ Grandis | ▷ Urophila | ▷ Teca |



Sementes Caiçara

Enviamos para todos os estados do Brasil no mesmo dia da compra.

Venha nos conhecer para adquirir o que há de melhor em sementes.

Fone: (18) 3646.1337 | Fax: (18)3646.1165 | www.sementescaicara.com.br
cc.ltd@bol.com.br | sementescaicara@uol.com.br | sementescaicara@hotmail.com

E muitas outras espécies nativas, sementes de grama para campos de futebol e jardinagem.



www.agranja.com

Conheça o novo web site do Brasil Agrícola

clique e descubra o mundo de informações

Agroguia / Currículos On-Line / Matérias Atualizadas / Revistas A Granja e AG
Cotações/ Previsão do Tempo / Produtos e Serviços/
Agro Oportunidades/ Agenda de Eventos

O BRASIL AGRÍCOLA
agranja



Fertilizantes Orgânicos, Substratos e Corretivos de Acidez de Solos - Calcíticos

Vida Produtos e Serviços em Desenvolvimento Ecológico Ltda.

Estrada Santa Maria, km 10 - Eldorado do Sul/ RS CEP 92.990-000

CNPJ:89.665.020/0008-61 IE: 267/0018933

Fábrica: (51) 3501-3293 (51) 9718-8705

Assistência Técnica / Vendas: (51) 3401-1323 (51) 9973-5264

vidars@terra.com.br www.vida-e.com.br

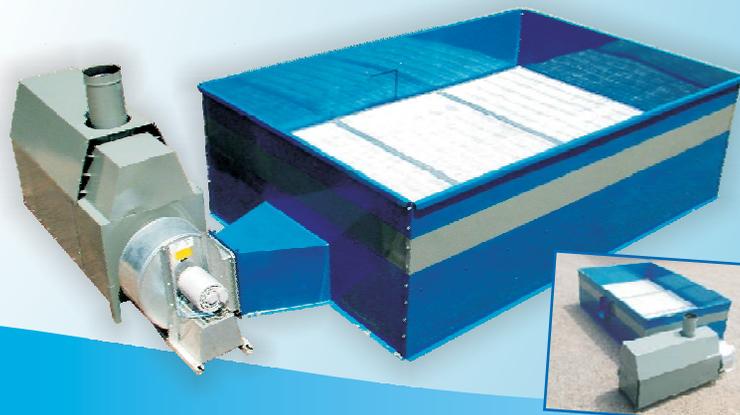
Secador de Grãos de Leito Fixo

O Secador de grãos possui grande versatilidade para o pequeno produtor, possibilitando manter sua colheita seca e corretamente armazenada.

Especificações do produto:

- Capacidade para 40 - 60 sacas
- Fornalha de chapa aço carbono
- Secagem com fogo indireto
- Ventiladores com motores de 2,0 ou 3,0 cv monofásico ou trifásico
- Tela ótis
- Termômetro analógico
- Chaminé com telha
- Manual de utilização do equipamento
- Equipamento disponível também pelo cartão do BNDES

LOVATTO
METALÚRGICA E LOJA



Av. João Maleron, 136 - Sobradinho
CEP: 96900-000 - Sobradinho - RS - Brasil
Fone/Fax.: (51) 3742-2222 - metalurgica@lovatto.com.br
www.lovatto.com.br

AGROPECUÁRIAS

Agrícola Cantelli Ltda.
Produtos Agropecuários,
comercialização de soja e
milho. Export. e Import.
www.cantelli.com.br
Fone: (42)3629-8050
Guarapuava/ PR

Agropec. Fogo de Chão.
Fone/fax: (51) 3673-1200
agropecuariafogodechao@uol.com.br
Rua: Almirante
Tamandaré, 924 Mostardas/RS
CEP: 96270-000

Agropecuária Itaipu Ltda.
Contato com Sr. Sérgio
Paulo pelos fones: (45)
3242-1348 / 3242-1432 /

(45) 8405-9701 apolo@
agropecuariaitaipu.brte.com.br
Corbélia/PR

IMÓVEIS

Daniilo imóveis - Corretor c/
sede no sul de MG. Ótimas
fazendas de cana, soja, café,
leite, cria e recria. Fones:
(35)3334-1748, 9917-1748
ou (38) 9165-5469 Site:
www.daniiloimoveis.com.br
Carmo de Minas / MG

Nova Mutum - Cidade que
mais cresce em MT. Fa-
zendas em Nova Mutum e
região médio-norte de MT
você encontra na Jar Em-
preendimentos Imob. Áre-

as c/ documentação e da-
dos precisos. Consult. Imob.p/
uma compra segura. Fone:
(65) 3308.1440 - Site:
www.jar.com.br Nova
Mutum/ MT

INOCULANTES E FERTILIZANTES

Biosul Indústria e Com. de
Fertilizantes Ltda. Van-
guarda em nutri. vegetal.
Conheça os nossos pro-
dutos. Fone:(54) 3231-5225
www.biosul.com e-mail:
falecom.@biosul.com
Vacaria/ RS

PRODUTOS DA LAVOURA

Casa Princesa da Lavoura
Fone / fax: (42) 3237-1528
Av. Manoel Ribas, 1199
Piraí do Sul / PR
CEP: 84240-000

Fertimig Fertilizantes Ltda.
Fone/ fax: (66) 3423-5836
Av Presidente Medici, 3291
Rondonópolis / MT
CEP: 78705-000

Infoagro Insumos Agríc.
Ltda. Insumos e cereais.
infoagro@vere.com.br
Fone / fax: (46) 3535-1353
com Sr. Mauri. Verê / PR
CEP: 85585-000

SEMENTES EM GERAL

KW Sementes Ltda.
Excelência em pastagem.
Inverno: Trevos, Cornichão,
Azevém e Aveia. Verão:
Brizantha, MG5, Aruana e
Pensacola. Fone: (51)
3480-0400 / 3480-0043
kw.sementes@terra.com.br
Guaíba/RS

Sementes Fortforma, se-
mentes de pastagens tro-
picais. Distribuidor Região
Sul - KW Sementes Fone:
(51) 3480-0400 Sr. Vítor e
pelo fone: (67) 3248-1288
Paraíso/ MS

Sementes Sabiá Fone: (66)
3544.8486 R. Criciúma 105



Esteira Transportadora



Fábrica de Esteiras Transportadoras
Transporte de Sacarias e Fardos em Geral
Esteiras com Módulo de Carga (pesagem)
Projetos do Ramo.

Endereço: Av. Senador Alberto Pasqualini, 1900 - Três de Maio - RS - Cep: 98.910-000
Fone: (55) 3535.2047 - torsolmetal@terra.com.br - www.torsolmetal.com.br

A informação do clima na sua propriedade!



**Termo-Higrômetro
EMR899 R\$239,00**

- ♦ Temperatura / umidade relativa do ar (interna e externa);
- ♦ Acompanha um sensor remoto;
- ♦ Indica tendências de temperatura e umidade relativa do ar.



LANÇAMENTO

Estação Meteorológica R\$2.259,00

WMR928NX - Software e sensores inclusos

- ♦ Conexão com PC / Software Incluso
- Previsão do tempo (sistema gráfico de previsão do tempo);
- ♦ Temperatura / umidade relativa do ar (interna e externa);
- ♦ Índice pluviométrico;
- ♦ Pressão atmosférica;
- ♦ Direção e velocidade do vento;
- ♦ Baterias dos sensores externos recarregáveis por energia solar.

**Trépé e Suportes e Abrigo
Meteorológico Opcionais
R\$500,00**



**Barômetro com Altimetro
RA123 R\$449,00**

Altimetro e barômetro portátil com termômetro, bússola e relógio.

**Equipamentos de fácil
instalação e manuseio
Garantia de 12 meses
Manuais em Português.**

Pronta Entrega - Enviamos para todo Brasil. www.azula.com.br **(11) 3045.1308**



B, Sorriso/MT
CEP: 78890-000

SERVIÇOS

Advogado: Especialização em contratos e responsab. civil (Ufrgs), recebimento indenizações e ressarcimento de danos.

Fone : (51) 3233-9465 e (51) 9259-6774 - Site: www.maxheller.com.br Porto Alegre / RS

Agrometa Projetos e Cons. Ltda. Georreferenciamento e projetos ambientais.

Fone: (65) 3642-4260 / 3052-5593 c/ o Sr. Alessandro Bello www.agrometa.com.br agrometa@agrometa.com.br Rua São Domingos, 269 Cuiabá/MT CEP: 78048-645

Arborea Projetos Ambientais e Agrícolas Ltda. Fone: (54) 3292-1151 arborea@vscomp.com.br Rua John Kennedy, 2221 Sala 02 Flores da Cunha / RS CEP: 95270-000

Agrogestor - Sistema de Gestão do Agronegócio Gestão p/ Agricultura, Armazém, Transp. e Pec. Fone (65) 3549-1679 www.kacique.com.br Lucas do Rio Verde/ MT

Cb Agro Consultoria em Agronegócio. Fone/fax: (64) 3621-0973 e-mail: cbagro@uol.com.br Rua 6 N° 159 Rio Verde /GO CEP: 75906-251

Comércio e Represent.

Ke Soja. Fone: (65) 3549-1409 - e-mail: binotti@binott.com.br Br 163 Km 686 Cx Postal 22 CEP: 78455-000 Lucas do Rio Verde / MT

Dois Assessoria de Comunic. (55) 3223.0222 dois@doisassessoria.com.br www.doisassessoria.com.br Av. Nossa Sra. das Dores, 226 - A, Santa Maria / RS CEP: 97050-530

San Raphael Hotel. Próximo aos principais centros de compras, lazer, cultura, arte e gastronomia da cidade de São Paulo. Toll Free 0800 014 8000 Fone: (11) 3334-6000 Site: www.sanraphael.com.br reservas@sanraphael.com.br São Paulo/SP

Solo Análise. Excelência em análises agrônômicas, certificadas pelo Controle de Qualidade Embrapa Solos / RJ e Esalq/SP. Fone: (66) 3498-3476 labsolo@terra.com.br Pva. Do Leste / MT

TRATORES E IMPLEMENTOS

Agroforte Com. Máqs. Agríc. Ltda. Com. de tratores, impl. e peças agrícolas de todas as linhas. Fone : (53) 3242-7911- e-mail: agroforte@alternet.com.br

Rua Gal. Osório, 30. Bagé / RS

Conheça os produtos Maqtron - Máquinas p/ bater cereais, desintegradores, ensiladeiras, carretas, moendas de cana, betoneiras e outros. www.vencedoramaqtron.com.br Joaçaba /SC

Godoi Agromáquinas - Comp. e vend. de tratores, máq. e implem. usados. Prop. Carlos Alberto Godoi. Fone: (65) 3382-2950 Cel: (65) 9987-2524 godoiagromaquinas@hotmail.com Campo Novo do Parecis/ MT

Katel - Danimaq Com. de Maq. Agrícola Ltda. Fone / fax : (46) 3224-4793 katel@katelmaquinas.com.br Av. Tupy, 3.980 Pato Branco/ PR CEP 85506-000

Quines e Cia -Represent. de pulverizadores e motosserras de todas as marcas. Peças e serviços. Fone: (55) 3352-2203 Rua São João , 2255 São Luiz Gonzaga/ RS. CEP: 97800-000

Tratorserv - Peças e Serviços Agrale - Tratores Ursus - Impl. Agrícolas. Fone / fax : (75) 3223-6044 cel: (75) 9129-0393 tratorserv@tratorserv.com.br Feira de Santana / BA.

Yamaguchi Indústria Comércio de Máquinas e

Implementos Agríc. Ltda Fone: (16) 3851-2187 Fax: (16) 3851-1062 Av. São José, 780 - Cx. Postal 22 CEP 14640-000 Morro Agudo / SP

OUTROS

66ª Exp. Agropecuária de Alegrete. O Sind. Rural de Alegrete, realiza de 13 a 19 de outubro/2008 no Parque Dr Lauro Domelles em Alegrete - RS a 66ª Exp. Agrop. de Alegrete. Inscrições de 08 a 26/09.

Agroforte Com. Repres. e Transportes Ltda. Represent. Yara Brasil Fertilizantes S/ A - Adubos Trevo, Adubos Foliar e Micros. Fone / fax: (77) 3628-5656 agrofortetrevo@uol.com.br Cx. Postal: 984 Luis Eduard Magalhães /BA. CEP: 47850-000

A Ovelha Manual Prático Zootec. Autor: Zootec. Iracilde G. de Souza prop. da Cabanha Seu Irineu. Comércio de carneiros da raça Ideal. Fones: (55) 3422-2442 e (55) 9997-2214 Alegrete /RS

Busco oportunidades de trabalho, sou técnico em agropecuária. Contato com Pedro G Lima pelo e-mail p-gomeslima@hotmail.com ou cel : (64) 9233-4073 Rio Verde / GO.

Chapéus? É na Country & Tal na feira dos importados

de Brasília no conj. B na loja 343. Fone: (61) 3037-4304 Brasília /DF

Cooperativa Agrícola Mista Alta Paulista Sr. Pinato F: (14) 3441-5282 Fax: (14) 3491-5177 Rua Brasil, 2045 Tupã / SP. CEP: 17600-000

Esmalte sintético reciclado para pintura de fazendas. Ótima qualidade, baixo custo! Diversas opções de cores. Consulte-nos. Embalagens com 180l e 18l. Fone : (14) 3471-1453 Garça / SP.

Goias Verde Alimentos Ltda. Contato pelo fone : (61) 2101-4000 Fax: (61) 2101-4028 com a Sra. Keila e-mail: www.goiasverde.com.br fac@goiasverde.com.br Luziânia/GO CEP: 72804-010

Kelps do Brasil Ind. de Correias Ltda Fone/fax: (51) 3547.1177 E-mail: rskelps@tca.com.br RS 239 Km 64 Rolante/RS CEP: 95690-000

Salles Agropec. e com. S/A Produtores de soja e suínos. Fone /fax: (66) 3423-3363 e-mail: agrosalles@agrosalles.com.br Av. Mal. Dutra, 1074 Rondonópolis / MT CEP: 78700-110

Tanoaria Barros, fabric. tonéis de madeira de todos os tamanhos; equip.



Av. Eduardo Prado, 1670 - Porto Alegre
CEP: 91751-000 - Porto Alegre - RS - Brasil
Tel.: (51) 3245-7100 - Fax: (51) 3248 -1470
www.incoterm.com.br

Tradição em Precisão.



Baixe os dados da estação para o seu computador



Estação Meteorológica Master Touch

- Estação com tela tátil (touch screen), com conexão para PC.
- Temperatura;
- Umidade relativa do ar (interna e externa);
- Índice pluviométrico;
- Pressão atmosférica;
- Direção do vento;
- Sensores externos sem fio, alarmes (20 no total).

Pluviômetro

- Transmissão sem fio (máx. 100m);
- Escala de indicação - 24 horas de 0-1.000 mm;
- Escala de indicação - total de 0-10.000 mm;
- Função de alarme programável;
- Temperatura (interna);
- Volume de chuva;

Data Logger / Climate Logger

- Transmissão sem fio por até 5 transmissores (até 100m);
- Faixa de temperatura int. de 0+60°C ext. de -30+70°C;
- Faixa de umidade int./ext. 0 a 99% UR;
- Alarme, hora formato 12/24h, calendário e correção de dados;
- Registro de até 3.000 conjunto de dados;
- Máxima e mínima;
- Conexão com PC (RS-232).

usados para a fabricação de cachaça. Fone: (16) 3628-4453 Ribeirão Preto/SP

Tecnologia, Conhecimento, Evolução são os princípios da filosofia da Kera Nutrição Animal, especializada na produção de probióticos e inoculantes, rações e suplementos minerais p/ suínos, eqüinos, ovinos, caprinos, bovinos de corte e de leite. Fone: (54) 2521-3124 Fax: (54) 2521-3100 sac@kerabrasil.com.br www.kerabrasil.com.br Bento Gonçalves /RS.

Tropical Flora Reflorest. Venda de mudas de espécies nativas, desenvolvimento de projeto técnico de

reflorestamento, implantação e consultoria florestal. Site: www.tropicalflora.com.br Fone: (11) 4992-1228 em Santo André /SP e (14) 3406-5001 em Garça/SP

Unimaq - Maq. Serv. Representações Ltda. Peças para algodojeiras. Fone: (66) 3421-1511 www.unimaqmt.com.br unimaqmt@unimaqmt.com.br Rod. Br 364 - Km 202, s/n Rondonópolis/MT. CEP:78745-000

Vitória Pneus - Comércio e Representações de Pneus. Linha agrícola, transporte e automotiva. Fone / fax: (55) 3312-4639 Cel: (55) 9967-7161 neivothomas@gmail.com Santo Ângelo/RS.

ANUNCIE AQUI

Ligue: (51) 3233.1822
agroguia@revistaag.com.br

EBOCAM tem trator, tem energia

EBOCAM Energia Móvel
GERADORES

Conecte o gerador à tomada de força do seu trator e obtenha energia elétrica com mobilidade em qualquer situação. Canteiros de obras, eventos em campo aberto, manutenção em campo de implementos, sistemas de ventilação e aquecimento de criadouros, sistemas de irrigação e drenagem. Ideal para acampamentos, edificações distantes, entre outros.

Fone/Fax: (47) 3435-1756 - Rua Arno Waldemar Dolher, 1045
Bom Retiro 89219-030 - Joinville - Santa Catarina
e-mail: eboacam@eboacam.com.br



De 5 a
50 KWA

OU
sob
MEDIDA

Acabe com os prejuízos com a falta da energia elétrica

DA TERRA DO LEITE PARA TODO O BRASIL

Silagem Pré-Secada

Agora, o olho do dono já tem concorrente



Marca de qualidade em Silagem

Chácara Barca s/n.º - Colônia Castrolanda - Castro - PR
barkema@ig.com.br - 42-3234-1275



PH PISCINAS

NO CAMPO OU NA CIDADE, QUALIDADE EM LAZER

- ▶ Piscinas: trabalhamos com as de fibra, vinil e concreto.
- ▶ AQUECIMENTO: BOMBA DE CALOR E SOLAR (residencial e piscinas)
- ▶ Aquecedores Sakura
- ▶ Acessórios, Bombas e Filtros
- ▶ Caixas d'água
- ▶ Hidromassagens
- ▶ Lareiras: fabricamos em aço naval, cobre, latão, inox, e vidro temperado.

- ▶ Móveis ▶ Ofurôs ▶ Pedras e Pisos ▶ PRODUTOS QUÍMICOS ▶ Saunas SPAS EM ACRÍLICO E GEL
- ▶ COATS ▶ Tóboágua e muito mais.

Aceitamos todos os cartões de crédito, construcard-CEF, e temos várias opções de financiamento em até 24 x.

O MAIOR SHOW ROOM DE PORTO ALEGRE/RS.



SOMOS REVENDA:



Fone / Fax : (51) 3231-4410 - Av. Padre Cacique, 977 - Praia de Belas - Porto Alegre / RS
CEP 90810-240 www.phpiscinas.com.br phpiscinas@phpiscinas.com.br

Agroindustrial e Comercial Pozza Ltda

- Azevém - Certificado: Oferta R\$ 1,25
- Aveia Preta - Certificado: Em oferta,
- Trevo Branco, Trevo Vermelho, Festuca, Aveia Branca, **Sementes de Verão:**
- Milheto BRS 1501- EMBRAPA,
- Capim Sudão,
- Milho - EMBRAPA,
- Sorgo Forrageiro,
- Pensacola,
- Brachiárias MG5, MG4, Tanzânia, Estilosantes.



Preços especiais
Aproveite

Av. Pastor Floghaus, 452 / Fone: (54) 3392.1081 - 3392.1110 - CEP 99495-000 - LAGOA TRÊS CANTOS - RS
e-mail: sementespozza@hotmail.com - home page: http://www.sementespozza.com.br



Divulgação

Luis Sergio Machado

Superintendente da Área da Agricultura Familiar e Programas de Crédito Fundiário do Banco do Nordeste

O FINANCIADOR DA AGRICULTURA NORDESTINA

Quais são as ações de incentivo do Banco do Nordeste à agricultura da Região?

O Banco do Nordeste é o maior agente financeiro do PRONAF na sua área de atuação, compreendida pela Região Nordeste, norte de Minas e norte do Espírito Santo, e tem priorizado o atendimento dos agricultores familiares por meio dos seguintes instrumentos: prestação de assistência técnica em seus financiamentos; incentivo à exploração de atividades de elevado valor agregado, como fruticultura e agroindústrias; incentivo à utilização de técnicas de convivência com as estiagens; financiamento de atividades não-agrícolas desenvolvidas no meio rural por agricultores familiares; atendimento ao agricultor familiar por meio do programa de microcrédito rural denominado Agroamigo, que é uma parceria mantida com o MDA e o Instituto Nordeste Cidadania, cujo pressuposto básico é a concessão de crédito orientado e acompanhado e com atendimento ao produtor na própria comunidade; ações específicas nos territórios pelo Programa Nordeste Territorial e dos agentes de desenvolvimento, que são funcionários do banco treinados e que atuam juntamente com diversos parceiros visando a promover o desenvolvimento dos territórios, principalmente no que concerne a organização de cadeias produtivas cuja participação da agricultura familiar seja expressiva; incentivo e apoio à pesquisa e difusão de tecnologias adequadas à agricultura familiar por meio do Fundo de Desenvolvimento Tecnológico, cujos recursos não são reembolsáveis; disponibilização de re-

ursos para financiamentos de investimentos e custeio, sendo que para o atual Plano Safra disponibilizaremos cerca de R\$ 1,5 bilhão; incentivo à verticalização da produção (agregação de valor ao produto); e apoio à estruturação de cadeias produtivas.

Qual é o perfil dos produtores beneficiados pela instituição?

O Banco do Nordeste atende a todos os segmentos da agricultura familiar, com destaque em termos de quantidade de financiamentos para o grupo de microcrédito rural e para o atendimento dos produtores assentados por meio do PRONAF. Outro destaque bastante significativo é o apoio que o Banco do Nordeste vem concedendo à questão do gênero, não somente pelo PRONAF Mulher, mas também atendendo a mulher nas outras linhas do PRONAF. Ressalte-se também a atuação do Banco do Nordeste no apoio aos “pronafricanos” de outras categorias.

Que evoluções o senhor observa na agricultura familiar do Nordeste nos últimos anos? Por que isso ocorreu?

A maior evolução foi a democratização do acesso ao crédito, que tem demonstrado na prática a sua capacidade de gerar renda, produção e ocupação para a Região Nordeste. Para exemplificarmos,

a agricultura familiar em nossa região é responsável por 2,05 milhões de estabelecimentos familiares, 88,3% dos estabelecimentos rurais nordestinos, 49,7% do total de estabelecimentos de agricultura familiar do Brasil, 82,9% da ocupação de mão-de-obra no campo e 43% do Valor Bruto da Produção Agropecuária. Outra evolução bastante significativa foi o acesso ao crédito, que envolve 1,45 milhão de financiamentos e recursos da ordem de R\$ 4,6 bilhões. Entre as razões que contribuíram para a evolução da agricultura familiar nordestina, destacamos a política nacional implementada pelo MDA, cujo pressuposto não é somente o crédito, mas o incentivo à assistência técnica dos produtores, o seguro agrícola (afinal estamos numa região em que são fre-

quentes as estiagens), o programa que beneficia a comercialização dos produtos oriundos da agricultura familiar, o seguro-renda, dentre outros. No caso específico do Banco do Nordeste, foi implantada pela atual administração uma reestruturação de nossas agências, que passaram a contar com o gerente e funcionários específicos para atender os agricultores familiares, além de uma superintendência regional para a agricultura familiar, o que nos permitiu expandir fortemente o crédito. Prova disso é que em 2003 concedemos cerca de 180 mil financiamentos e em 2007 foram 505 mil, o que corresponde a um aumento de 181% no período. 

Em 2003 concedemos cerca de 180 mil financiamentos e em 2007 foram 505 mil, um aumento de 181% no período

ANÚNCIO

ANÚNCIO